



Flora Muniz Tucci de Azevedo

Jogo de linguagem e a ética clínica ferencziana

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Filosofia.

Orientador: Prof. Danilo Marcondes de Souza Filho

Rio de Janeiro
Setembro de 2017



Flora Muniz Tucci de Azevedo

Jogo de linguagem e a ética clínica ferencziana

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Danilo Marcondes de Souza Filho

Orientador

Departamento de Filosofia – PUC-Rio

Prof^a. Rachel de Barros Nigro

Departamento de Direito – PUC-Rio

Prof^a. Ana Lila Lejarraga

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Prof^a. Josaida de Oliveira Gondar

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Prof^a. Mariana de Toledo Barbosa

Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof^a. Monah Winograd

Coordenadora Setorial de Pós Graduação e Pesquisa do
Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 2017.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Flora Muniz Tucci de Azevedo

Psicanalista, mestre em Filosofia pela PUC-Rio e graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora do Projeto Ética e Realidade Atual (ERA) e membro associado ao Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

Ficha Catalográfica

Azevedo, Flora Muniz Tucci de

Jogo de linguagem e a ética clínica ferencziana / Flora Muniz Tucci de Azevedo ; orientador: Danilo Marcondes de Souza Filho. – 2017.

146 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2017.

Inclui bibliografia

1. Filosofia – Teses. 2. Jogo de linguagem. 3. Ética psicanalítica. 4. Ferenczi. 5. Wittgenstein. 6. Clivagem. I. Souza Filho, Danilo Marcondes de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Filosofia. III. Título.

CDD: 100

Agradecimentos

Ao meu orientador, Danilo Marcondes, pela parceria, generosidade e amizade de tantos anos. E, principalmente, pelo apoio e confiança de que este trabalho seria possível.

À Jô Gondar, que, ao longo dos anos, foi (e é) a minha principal guia nos estudos mais profundos da obra de Ferenczi, proporcionando-me um caminho instigante de reflexão teórica e clínica.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos para a realização deste trabalho.

Aos funcionários do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, em especial, à Edna Sampaio, por toda a ajuda concedida.

À Luisa Buarque, pelas leituras iniciais e encontros carinhosos que tornaram o caminho menos árido.

À Rachel Nigro, pela parceria de longa data e por uma revisão generosa do material inicial, que trouxe mudanças de rumo importantes à tese.

À Eliana Schueler Reis, por ter me apresentado Ferenczi na teoria e na prática.

À Sabira Alencar e Isabel Barbosa, pela generosa revisão do texto final.

À Liane Bottino, pelo lindo exemplo de vida e pela ajuda de última hora, que só uma tia querida poderia dar.

Aos grandes amigos: Adriana Benveniste, Paula Maia, Layla Mandelbaum, Lucia Tapajós, Maria Kemper, Larissa Magalhães, Farley Santos, Juliana Figale, Luisa Café, Luciana Igarashi, Manoela Sawitzki, Omar Salomão, Mariana Toledo, Isa Mascarenhas, Marcos Campello, Paulo André Fernandes, Renata Mello, Karina Howlett, que preenchem a minha vida com muito amor.

À Etelvina Queiroz e Renato Queiroz, pela ajuda tão generosa em momentos difíceis.

As minhas amigas do Singularizando, em especial, Elisabeth Capistrano e Mariana Weiss, queridas coordenadoras, que abriram os caminhos para os primeiros passos na clínica.

Aos meus pacientes, fonte de inspiração e afetos.

À Maria Noemia, que me ensina sempre que é preciso ter força para viver.

A Khalid (o meu mais importante leitor) e Francisco Salomão, meus grandes amores. Aqueles que resgatam a linguagem da ternura em mim.

Resumo

Azevedo, Flora Muniz Tucci de; Souza Filho, Danilo Marcondes de. **Jogo de linguagem e a ética clínica ferencziana**. Rio de Janeiro, 2017. 145p. Tese de Doutorado - Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta tese consiste num percurso de estudo sobre a obra de Sándor Ferenczi, tendo como ferramenta de leitura a concepção de jogo de linguagem formulada por Wittgenstein, e a dimensão ética apresenta-se como elemento norteador para as questões propostas. Os jogos de linguagem que permeiam as formulações ferenczianas, tanto no campo teórico quanto no clínico, nos permitem captar as transformações ocorridas ao longo do tempo. Percebemos como o foco inicial de Ferenczi foi contribuir para a técnica clássica e, paulatinamente, modificou-se e abriu espaço para um aspecto mais experimental, acarretando na criação de um vocabulário próprio e singular ao viabilizar percepções inovadoras acerca da subjetividade.

Palavras-chave

Jogo de linguagem; ética psicanalítica; Ferenczi; Wittgenstein; clivagem; pragmática da linguagem.

Abstract

Azevedo, Flora Muniz Tucci de; Souza Filho, Danilo Marcondes de (Advisor). **Language game and the ferenczian clinical ethics**. Rio de Janeiro, 2017. 145p. Tese de Doutorado - Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This thesis is a course of study on the work of Sándor Ferenczi, having as reading tool the conception of language game formulated by Wittgenstein, and the ethical dimension presents itself as guiding element for the proposed questions. The language games that permeate Ferenczian formulations, both in the theoretical and clinical fields, allow us to capture the transformations occurred over time. We perceive how Ferenczi's primordial focus on contributing to the classical technique gradually changed and opened space for a more experimental aspect, resulting in the creation of a particular and unique vocabulary by enabling innovative perceptions on subjectivity.

Keywords

language game; psychoanalytic ethics; Ferenczi; Wittgenstein; cleavage; pragmatics of language.

Sumário

1	Introdução	8
1.1.	Prólogo	8
1.2.	Introdução a tese	11
2	Jogo de linguagem	29
2.1.	O jogo de linguagem	29
2.2.	Feixe de associação e jogo de linguagem	43
2.3.	Uma abordagem sobre dois mecanismos psíquicos em Ferenczi	50
3	Jogos de linguagem na obra ferencziana	64
3.1.	Lógica do recalque e lógica da clivagem	64
3.2.	Jogos de linguagem no universo ferencziano	68
4	A ética em Ferenczi	118
5	Considerações finais	137
6	Referências bibliográficas	140

1 Introdução

1.1. Prólogo

Ao longo do desenvolvimento desta tese, muitas vezes me foi questionada a pertinência desse “encontro” entre Ferenczi e Wittgenstein. São autores sobre os quais não se tem muita notícia de articulações e que, a despeito de terem sido contemporâneos, não se encontraram. A presente tese pode, inicialmente, parecer estranhamente híbrida, mas penso que o ponto de articulação aqui proposto é um campo fértil, onde ambos os pensamentos se potencializam. O hibridismo também é proveniente da minha formação em psicanálise, que, ao longo do tempo, foi se direcionando para uma perspectiva ferencziana, e em filosofia, que esteve focada na questão da pragmática da linguagem.

A perspectiva ferencziana chegou de forma que as reflexões se mantinham instigantes, mas ao mesmo tempo estranhamente fragmentadas, como algo que não estava no lugar certo, que precisava se ajustar para fazer sentido. Contudo, quanto mais me aproximava deste pensamento, mais entendia que o “desajuste” era próprio da escrita ferencziana, e a concepção de jogo de linguagem de Wittgenstein apresentou-se como uma ferramenta de compreensão e fluidez para as leituras de Ferenczi. A inspiração para esta tese vem exatamente como fruto da potencialidade inspiradora que me permitiu mergulhar no universo de Sándor Ferenczi. O intuito é que se possa mostrar os meandros desse percurso e abrir caminho, a quem interessar, para novas experiências e leituras.

No desenrolar da tese, será explicado mais amiúde de que forma a concepção de jogo de linguagem pode ser tomada como uma ferramenta de exploração da dimensão ética na obra de Ferenczi. A escolha de fazer um prólogo, no entanto, é decorrente de uma vontade de falar de modo mais livre sobre a inspiração e o ponto de partida deste trabalho. Um ponto de partida que sempre perpassou minhas reflexões, e que só ficou mais claro ao longo do percurso de elaboração da tese. Principalmente, depois de algumas experiências no campo

psicanalítico, por meio de discussões acerca da clínica contemporânea, do esvaziamento da capacidade simbólica dos pacientes, das transformações no campo transferencial etc.

Com o trabalho já em estágio avançado – mesmo que possa parecer um pouco óbvio –, notei que o ponto principal de inspiração para aproximar Ferenczi e Wittgenstein¹, na perspectiva aqui proposta, é a questão da linguagem. Em ambos, a linguagem está presente de modo central. Mas se trata da linguagem numa perspectiva na qual lhe é tirada qualquer força transcendente, estrutural ou de primazia. Linguagem que perde sua função primordial de habilidade humana que seria o que nos define como seres racionais, dotados de algo que os animais não têm, que nos permite experimentações que nenhum outro ser experimenta.

Se aponto para uma certa “decadência”² da linguagem em ambos os autores, porque seria ela, então, o ponto de partida que proponho? Penso que é exatamente nessa ousada decadência que podemos encontrar uma forte potência criativa que tanto Ferenczi quanto Wittgenstein trazem em suas obras: um pensar vivo, que lança um olhar sobre as relações humanas, não extraindo delas o que têm de “humanidade” em sua essência, mas um olhar atento às conexões, às relações, ao “sentir com”, aos jogos que jogamos e propomos uns aos outros em todas as áreas de nossas vidas.

A linguagem em ambos os trabalhos pode ser entendida como uma ferramenta que permite aos autores se relacionarem de forma viva, dinâmica, com suas obras e leitores. Autores que desnudam símbolos e metáforas, elementos esses que levariam a uma elaboração que torna a palavra rebuscada, refinada. Autores que aproximam a linguagem do agir, da prática. Que *desdivinizam* a linguagem, e, assim, como a nós, seres humanos.

¹ Ressalto que eu me refiro a Wittgenstein especificamente como o autor das Investigações Filosóficas, e não da sua obra como um todo. Diz-se “primeiro Wittgenstein” para o período de *Tractatus Logicus-Philosophicus* (Wittgenstein, 2001b) e “segundo Wittgenstein” para o período das *Investigações Filosóficas* (2001a).

² Esta “decadência” diz respeito à perda de um lugar de transcendência ou primazia, como dito no parágrafo acima.

Nesse sentido, é pertinente notar a citação de uma passagem de Nietzsche apresentada no início do artigo de Ferenczi *Fenômenos de Materialização Histórica (uma tentativa de explicação da conversão e do simbolismo histórico)* (Ferenczi, 1919): “Percorreste o caminho que vai do verme ao homem, e, sob muitos aspectos, ainda és verme. Noutra tempo fostes macaco e hoje o homem é ainda mais macaco do que todos os macacos” (Ferenczi, 1919, p.43). Algo de primitivo é posto em centralidade: vemos em nós, seres humanos, aspectos que desfoçam a nossa dimensão de seres evoluídos claramente distinguidos pela nossa capacidade linguística verbal e que, inversamente, nos mostram como dotados de uma linguagem que está inserida e “misturada” com todas as “etapas” de nossa experimentação como seres vivos.

Desta forma, neste prólogo, faço um convite para buscarmos, como nos propõe Wittgenstein em suas *Investigações Filosóficas* (Wittgenstein 2001a), um fazer filosófico que questione a necessidade de um rebuscamento de conceitos ou ideias:

(...) E isto estava, sem dúvida, em conexão com a própria natureza da investigação. É que ela nos compele a viajar por meio de um vasto domínio de pensamentos, a torto e a direito, em todas as direções. (Wittgenstein, 2001a, Prefácio, p.IX, tradução nossa).

Neste vasto domínio que se percorre em todas as direções, vamos acessando a experiência teórica de forma mais sensorial, permitindo que sejamos guiados por meio da possibilidade de captarmos a nossa integração com o corpo, com o mundo e com os outros seres. Linguagem como conexão, possibilidade de existência e lugar de legitimação de subjetividades singulares. Linguagem não somente como algo que todos partilham universalmente, mas como ponte entre os jogos de linguagem que cada ser constrói para se inserir no mundo e propor convites de experimentações de trocas dentro desses jogos.

Veremos como isso pode ser uma lente interessante para ler Ferenczi, ao permitir captar como o seu pensamento se transforma ao longo do tempo, não sendo somente transformações bem demarcadas de jogos de linguagem, mas um intrincamento de vários jogos de linguagem, no qual se leva em conta a capacidade

conectiva dos mesmos por meio das convocações e desafios clínicos. É nesse sentido que se ressalta a dimensão ética no pensamento ferencziano.

O fazer filosófico, dentro de uma perspectiva investigativa, abre caminho para que o trabalho de evidenciar a dimensão ética em Ferenczi não seja o de edificar um pensamento sobre o tema, e sim uma possibilidade de transitar na obra desse autor com um olhar que busca captar a potencialidade dessa dimensão em seus escritos.

1.2. Introdução a tese

Sándor Ferenczi foi um psicanalista húngaro e um dos principais colaboradores de Freud. Suas reflexões encontram-se nos primórdios da psicanálise. No percurso de suas investigações, vemos uma grande atenção à dimensão prática, ao papel do analista e à importância dos seus atos e afetos:

Ferenczi era um especialista em casos difíceis e tratava de pacientes que outros analistas consideravam “inanalizáveis”, ou, em suas próprias palavras, dos que se encontravam ausentes de si mesmos. Pensava que a causa da dificuldade não residia na resistência desses pacientes, mas na resistência do analista e, particularmente, no conforto do analista que se aferrava a uma determinada teoria ou a uma determinada técnica, ao invés de se adaptar às particularidades do sujeito em tratamento. Para Ferenczi não existiam casos “inanalizáveis”, o que existia eram analistas que não tinham se analisado o suficiente (GONDAR, 2008, p.6-7)³.

Mesmo nos tempos atuais, o seu trabalho ainda permanece pouco desbravado, inovador e desafiador, e certamente a dimensão do afeto é um dos temas fortes e que provoca vasto debate, pois o autor coloca em cena a comunicação afetiva entre paciente e analista. Assim, traz para a discussão o afeto do analista, que em grande parte da tradição psicanalítica permanece “resguardada” pela objetividade e imparcialidade.

³Disponível em http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/iii_congresso/mesas_redondas/os_afetos_do_analista.pdf, acessado em 07 de agosto de 2017.

Contudo, quando Ferenczi elabora a dimensão afetiva do analista, o que está em questão não é uma subjetividade arbitrária ou simbiose afetiva com o paciente (Gondar, 2008, p.8): este ponto surge em virtude da percepção da existência de uma comunicação inconsciente entre paciente e analista. Tal percepção amplia o trabalho do psicanalista ao compreender que seus afetos e impressões sobre o vivenciado na clínica não estão resguardados ou seguramente escondidos do paciente pelo simples silêncio. Há um aspecto comunicacional entre inconscientes que surge como um importante referencial ético do trabalho ferencziano, pois o mesmo permite um avanço na técnica psicanalítica: algo é trazido à luz para a reflexão e instrumentalização. Traz à tona uma implicação ética do analista diante de suas sensações; isso porque elas passam a pertencer ao campo analítico, na medida em que convocam o analista a dimensionar as suas percepções mais íntimas como parte da sua elaboração e reflexão clínica.

Tal instrumentalização mostra-se muito diferenciada e mantém ativo, no analista, o aprendizado pela experiência. Esse aprendizado contínuo, ao qual nos convoca Ferenczi, também é um importante elemento ético de sua clínica e teoria: o autor consegue manejar a teorização sobre a clínica – que, em muitos casos, pode estar associada ao congelamento, ao formalismo e à indiferença por meio da generalização, rituais e “fórmulas prontas” – sem perder de vista a demanda diferenciada de cada analisando, que convida o psicanalista a uma implicação única em cada trabalho.

Esse singular de cada experiência evidencia a implicação ética contínua no tratamento do paciente; o comprometimento tão ativo de Ferenczi apresenta-se como algo ousado, uma vez que se submete mais frequentemente a falhas tanto práticas – abrir-se aos afetos e experimentações coloca em cena o jogo de tentativas e erros – quanto teóricas, pois as teorias não estão em um lugar “seguro” de inquestionabilidade. Abrir-se para falhas é abrir-se para o que ainda não se sabe, mas que não é temido como algo que possa desfazer o lugar seguro do analista, pois o que é visado é dar prosseguimento ao tratamento, mesmo que isso custe transformações e reformulações. O que se experimenta com o paciente é o que está em evidência e foco.

Tendo como ponto de partida os primeiros elementos de uma investigação metódica sobre o psiquismo de Freud, Ferenczi busca dar continuidade a este projeto sobre o método psicanalítico, ao abordar a questão do tato. Esse tema aparece em *A elasticidade da técnica psicanalítica* (Ferenczi, 1929), no qual a dimensão afetiva do psicanalista ganha destaque.

Ferenczi reconhece que trabalhar nesse plano requer atenção, já que, muitas vezes, o afeto pode ser entendido como um olhar exotérico, intuitivo, um aspecto que poderia tornar a sua perspectiva nebulosa. Todavia, vemos que o autor propõe trabalhar a afetividade do analista como um elemento de destaque em suas formulações teóricas, buscando dimensioná-la dentro de importantes reflexões. Um dos elementos abordados que fundamentalmente atravessam essa questão é o elemento do “tato”.

Mas, afinal, o que seria o tato? O tato é a capacidade de “sentir com” (*Einführung*⁴). A partir do saber teórico, junto ao saber que cada analista passa a ter ao dissecar o seu próprio “eu” na análise pessoal, o “sentir com” permite que se avalie e decida como e quando se deve comunicar algo ao analisando. Entretanto, essa avaliação não deve ser feita de maneira unicamente intelectualizada, e sim a partir do desenvolvimento da capacidade de sentir e perceber as emoções e pensamentos do paciente:

Para Ferenczi, elasticidade não quer dizer absolutamente, como muitos ainda afirmam, indulgência e simetria, mas início de reconhecimento e elaboração da própria influência e das próprias funções no processo psicanalítico, inclusive limites (...) Ferenczi, em resumo, não tinha temor em “misturar-se” com o paciente (Borgogno, 2004, p.150-151).

O “sentir com” dimensiona a prática psicanalítica em um fazer onde se preconiza a relação com o paciente, e a teoria é vista como um instrumento que se transforma continuamente, em virtude das peculiaridades de cada caso. O trabalho analítico não é visto por Ferenczi como uma experiência que se molda ao saber

⁴ O termo *Einführung* é tradicionalmente traduzido para o português por “sentir com”, mas também podemos encontrar “sentir-se uno a”.

teórico. Ao contrário, a teoria se faz presente como uma ferramenta em diálogo contínuo com a prática.

Em consonância com esta atenção crítica e permanente ao referencial teórico e às possíveis necessidades de transformação que acompanham a capacidade de “sentir com”, podemos ver, no seu texto *Princípio de Relaxamento e Neocatarse* (Ferenczi, 1930), uma importante reflexão sobre o progresso científico e o risco de tomarmos como única verdade a última descoberta. Às vezes, é importante que retomemos presunções tidas como superadas, diante da demanda de um paciente; não podemos deixar de trazê-las para consideração unicamente por sua suposta obsolescência. Algo mais importante se coloca, que é a prática, o sofrimento e a necessidade atual do analisando:

Na verdade, não sei se devo invejar nos meus colegas mais jovens a facilidade que têm para entrar na posse de tudo aquilo que a geração precedente conquistou ao preço de duros esforços. Às vezes, parece-me que não é a mesma coisa receber uma tradição já feita e acabada, por válida que seja, ou estabelecer uma por si mesmo (Ferenczi, 1930, p.64).

Tal afirmação coloca-se como um desafio para lidarmos com o saber teórico, já que, em uma visão progressista científica, prepondera o “seguir em frente”, que deixa para trás etapas já superadas. Contudo, Ferenczi aponta para a necessidade do desenvolvimento da capacidade de se apropriar dos saberes existentes, mesmo que isso signifique encontrar-se em estágios já ultrapassados.

Assim visa trazer ao leitor experiências de sua clínica que nos auxiliam a sistematizar o saber clínico, de forma a nos fornecer informações genéricas importantes, e que, às vezes, até nos poupam de possíveis erros já cometidos anteriormente por ele. Por outro lado, nos mostra como é importante estarmos debruçados constantemente sobre o que fazemos e lançarmos mão do que for necessário para que o sofrimento de nossos pacientes possa ser ouvido, mesmo que isso signifique correr o risco de utilizarmos técnicas já superadas e até mesmo que se mostraram falhas, pois alguma coisa nova pode estar diante dos nossos olhos e este novo pode convocar velhas teorias a serem reanimadas sobre um novo ângulo. O importante é estar atento ao “novo” que cada paciente pode convocar:

Cabe ao analista se dispor a investir neste ineditismo, nesta possibilidade de criação, seja através das palavras, seja através do silêncio, seja através do ato. A única coisa imprescindível para o processo é a sua presença, com tudo que traz de possibilidades (Schueler Reis, 1997)⁵.

Desta forma, a capacidade de “sentir com” permite que se esteja sustentado por uma teoria, mas sem perder de vista a singularidade do paciente e da experiência vivida com o mesmo. Esse elemento é extremamente inovador para a época de Ferenczi, já que coloca em xeque a posição onisciente e onipotente do médico, associada ao seu lugar de cientista. Assim, vemos que o tato tira de foco o prestígio e os “acertos” do médico e abre caminho para a possibilidade de falibilidades.

O mais interessante dessas considerações sobre a prática psicanalítica é podermos ver o manejo teórico ferencziano como algo inovador, que desloca a teoria de um plano generalista ou até mesmo inflexível, ao evidenciar uma prática do aprendizado pela experiência, da escuta autêntica e não automática.

Ferenczi foi um pensador da psicanálise que partia de suas experiências clínicas e demandas dos pacientes (sofrimentos, questões trazidas, etc.) para fundamentar as suas reflexões. Muitas vezes, diferentemente da escrita de Freud, que buscava ser extremamente organizada para a construção de um sistema de pensamento, a escrita ferencziana tinha como foco primordial a empreitada da psicanálise como um saber em construção, que merecia estar mais “livre”, aberta aos novos conhecimentos e menos presa a modelos. Isso porque ele via o risco de perder de vista as descobertas a serem feitas:

Quanto mais se protela a edificação de um sistema, contentando-se em acumular fatos sem preconceito e em estabelecer correlações, maiores são as probabilidades de se fazerem novas descobertas. A elaboração prematura de um sistema cria no investigador um estado de espírito pouco propício ao controle objetivo da realidade, levando-o a ignorar ou a minimizar os fatos que não concordam com o sistema (...) a psicanálise não é uma simples descrição, mas uma tentativa de interpretação dinâmica dos processos psíquicos (Ferenczi, 1912b, p.245-249).

Certamente, podemos sentir o dinamismo proposto por Ferenczi. Seus textos trazem ao leitor essa característica, muitas vezes proveniente dos tamanhos

⁵ Disponível em <http://www.oocities.org/hotsprings/villa/3170/SchuelerReis.htm>, acessado em 07 de agosto de 2017.

mais curtos de seus artigos; outras vezes, das sensações causadas por sua escrita, tendo a dimensão dos afetos presente. Ao captarmos essa reflexão dinâmica e aberta às novas experimentações que se apresenta de forma contínua, podemos perceber uma questão central que perpassa a sua abordagem teórica, mesmo que ela não seja apresentada de forma explícita: a ética da prática psicanalítica.

A ética de Ferenczi está diluída em diversos extratos de seus relatos e formulações teóricas: ela se mostra inteiramente associada a um comprometimento contínuo com o novo e com o sofrimento dos pacientes. Talvez possamos defini-la como uma ética da “eficácia terapêutica” (Bokanowski, 2000, p.8), uma vez que sempre se sobrepõe a qualquer saber prévio, se necessário, para acolher o sofrimento psíquico que se apresenta.

Abordar a questão da ética clínica em Ferenczi tem como desafio o fato de ser um tema pouco comum tanto nos estudos de sua obra quanto na própria obra em questão, que não tematiza diretamente este assunto. A dimensão ética se encontra diluída nos detalhes – não, por isso, pouco contundentes. Também temos o desafio de trabalhar uma obra complexa, cuja profundidade uma leitura linear não consegue captar, onde os textos não parecem se harmonizar com uma leitura “reta”⁶. Percebemos, ao contrário, um movimento mais livre, um texto levando a outro e a outro e assim por diante, “espalhando” o leitor pelos diversos volumes, desprendidos da ideia de continuidade ou algo semelhante:

A consciência, enquanto não ocorrer a intervenção dos fatores inconscientes, é lógica. (...) O inconsciente é regido, porém, por princípios inteiramente diferentes. O princípio dominante é a evitação do desprazer, e as referências temporal e causal intervêm pouco (Ferenczi, 1912b, p.248).

Essa não submissão ao tempo e à causalidade a que se refere Ferenczi parece, também, estar presente na sua escrita; não como algo confuso, mas como a materialização de suas percepções do inconsciente, ao manter na linguagem utilizada para descrevê-lo algo da sua própria natureza.

⁶ Isto torna um desafio o capítulo 3 da tese, que terá o aspecto cronológico como fio condutor para captarmos o desenrolar criativo dos jogos de linguagem do autor.

A dimensão inconsciente e as diversas instâncias psíquicas não são como simples personagens “estanques”, sendo incorporada materialmente na linguagem teórica. Desta forma, parece oportuno afirmar que ele conseguiu transmitir, por meio de suas palavras, o espírito no qual sua obra se debruçava, mesmo que lhe custasse a dificuldade de compreensão por alguns.

E, assim, uma dúvida se apresenta quanto ao objetivo da tese *Jogo de linguagem e a ética clínica ferencziana*: por que propor um diálogo entre o pensamento ferencziano e a concepção de jogo de linguagem de Wittgenstein? Isso poderia parecer uma tentativa de organizar, sistematizar o pensamento ferencziano, o que pode soar como algo oposto ao espírito de sua obra. Como e por que este diálogo se justifica, então? O que buscarei mostrar ao longo da tese é que a utilização do jogo de linguagem pode ser um instrumento de evidência de sua ética clínica, que não se apresenta de maneira explícita na obra ferencziana. Ela pode, primeiramente, parecer não estar presente nas reflexões do autor, mas objetivamos que, ao longo da tese, possa-se cada vez mais percebê-la como algo de muito empreendedor no olhar ferencziano.

Mas, então, o que seria esta ética clínica que defendo estar tão presente no pensamento de Ferenczi? Para tentar começar a responder essa questão, trarei brevemente um tema proposto por Deleuze para nos orientar nesta questão, que é a ideia de uma “máquina de interpretação” (Deleuze, 1973).

A relação entre analista e analisando constitui-se por um contrato; contrato este que, em determinados aspectos, dá-se de forma explícita, como, por exemplo, os acordos de pagamento, horário etc. Há também outra parte tácita, subentendida, que vai se construindo ao longo do trabalho, que são as bases inconscientes dessa relação, onde perpassam os afetos – o que pode ser entendido como parte de uma comunicação inconsciente, uma linguagem não verbal. Dos afetos do analista e do analisando, surgem acordos que são transmitidos por gestos, como a escuta e a interpretação do analista, que fundamentam a relação transferencial. Nesse elemento tácito-afetivo (comunicação não verbal), podemos compreender muito da conduta ética do analista.

Para tratarmos deste elemento aqui denominado tácito-afetivo, trazemos o que se poderia chamar de denúncia de Deleuze:

(...) a psicanálise é uma máquina já pronta, constituída com antecedência para impedir as pessoas de falarem, portanto, de produzirem enunciados que lhes correspondam e que correspondam aos grupos com os quais eles encontram afinidades. Ao se fazer analisar, tem-se a impressão de falar. Porém, mesmo que se fale à vontade, toda a máquina analítica é feita para suprimir as condições de uma verdadeira enunciação⁷. O que quer que se diga é preso numa espécie de torniquete, de máquina interpretativa, de modo que o paciente nunca poderá ter acesso ao que ele tem realmente a dizer (Deleuze, 1973, p.1).

Nessa passagem, vemos Deleuze apontar para o risco de se trabalhar baseado em um código preexistente, algo que foi, na psicanálise, tornando-se uma máquina automática de interpretação. “A máquina de interpretação pode ser resumida da seguinte maneira: o que quer que se diga, o que se diz quer dizer outra coisa” (Deleuze, 1973, p.2).

Para entendermos do que trata a “máquina interpretativa”, parece oportuno apresentar muito brevemente um dos pilares da obra freudiana, que é o conceito de recalque, mecanismo de fundamental importância para compreensão do inconsciente, e pedra angular da psicanálise. “A essência do recalque consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a a distância” (Freud, 1969, p.170):

⁷ Recomenda-se que se leia “verdadeira enunciação” não tendo como pano de fundo uma discussão filosófica sobre a verdade. O que Deleuze aponta é que a escuta e o direcionamento clínico dados pelo analista conduzem a fala do paciente: por meio da transferência analítica, o discurso se constrói na relação analista/analizando e aquilo que é chamado de “máquina interpretativa” conduziria o paciente a dizer conteúdos não criativos e singulares, mas que acabam por reiterar uma determinada teoria, como uma confirmação de algo pensado teoricamente. A verdadeira enunciação seria aquela construída pelo paciente de forma a trazer à tona as suas enunciações singulares. O desafio, ao se psicanalisar, é que não se pode ter um critério objetivo que avalie os discursos construídos em análise; e, exatamente por isso, faz-se necessária uma constante reflexão ética do posicionamento do analista, tanto na condução das suas interpretações e colocações quanto na forma que ele se posiciona diante do que está sendo dito.

Como este “inimigo”, esta ideia incompatível, não pode ser expulso da mente, esta se dividiria, através da separação entre a ideia e sua energia psíquica, o afeto, de modo que todas as ideias que tiverem sofrido este mecanismo constituiriam um novo grupo psíquico, uma outra forma de funcionar psiquicamente, a que Freud chamou de “inconsciente”. (...) Se a coisa parasse por aqui, o processo teria tido sucesso, já que a mente teria se livrado do desprazer causado pelo conflito, ao excluir da consciência a ideia “incompatível”, “inimiga” do “eu”. Acontece, porém, diz Freud, que a ideia inconsciente não aceitaria passivamente ser excluída, tentando retornar à consciência; é como se, presa à consciência por um elástico, ela voltasse com mais impulso, tornando-se insistente e exigindo então uma força de resistência contra essa volta. Isto obrigaria a uma conciliação entre o “eu” e o recalado (a ideia incompatível), de modo que possa haver este retorno, mas tendo de obedecer a certas condições. A ideia recalada teria de se disfarçar, se distorcer, se fazer substituir ou representar, embora permitindo algum tipo de alusão à sua forma original, sendo essa a maneira pela qual se apresenta o sintoma patológico (Band, 2005, p. 1-92).

Apresentando de muito maneira breve e unicamente introdutória, a tarefa do analista, tendo como referência o mecanismo do recalque, seria a de desbravar aquilo que foi escondido para trabalhar o sintoma patológico. Um trabalho de “cavar” em busca do que foi recalado. Tornar consciente o inconsciente e refazer a ligação entre a ideia incompatível e o seu afeto, revitalizando-a (Band, 2005, p.3). Certamente, os conceitos de recalque e inconsciente sofreram mudanças ao longo da obra freudiana, mas algo dessa busca interpretativa “do escondido” ainda parece nortear muito o trabalho clínico tradicional. O analista estaria numa posição de desconfiança quanto ao que o analisando diz, pois se sente diante de um enigma a ser desvendado, ou seja, de uma distorção de um desejo recalado:

Tradicionalmente, a interpretação é um exercício de suspeita: o psicanalista supõe que o paciente quer dizer outra coisa além daquilo que diz, e suas intervenções visam produzir o equívoco, remexer o oculto, desfazer as máscaras (Gondar, 2017a, p. 120).

O foco da “máquina interpretativa” deleuziana está na crítica de uma escuta psicanalítica engessada proveniente de uma prática automática de determinadas técnicas, como um aprisionamento a algo previamente moldado que conduz o trabalho analítico.

Indubitavelmente, um arcabouço teórico faz-se necessário, pois o aprimoramento da prática dá-se por uma formação permanente, onde as

especulações das manifestações psíquicas constituem um forte referencial de reflexão clínica, mas não podem tornar-se fontes de engessamento da escuta. Ao lermos Ferenczi, que não abdicou da formulação teórica – pois via nela a possibilidade de avanço na compreensão da tópica, dinâmica e funcionamento psíquico (Ferenczi, 1929, p.30) – captamos a tarefa incansável de se manter atento às idiossincrasias clínicas: “Sou, acima de tudo, um empirista... As ideias estão sempre ligadas às vicissitudes do tratamento de doentes e encontram nelas sua recusa ou sua confirmação...” (Ferenczi, 1990, p.15). Suas teorizações parecem lutar contra os ditames do que se chama “máquina de interpretação”, mesmo muito antes da construção dessa formulação deleuziana:

Ferenczi, Balint e Winnicott são psicanalistas que não submeteram a subjetividade aos ditames da razão. São psicanalistas que não estão preocupados com nenhum fundamento transcendente, exterior à subjetividade, a partir da qual o campo subjetivo poderia se organizar (Gondar, 2009, p.135).

A passagem supracitada de Gondar é proveniente de um texto no qual a argumentação baseia-se na questão de que a psicanálise a que Deleuze se opõe não pode ser tomada como um todo, pois temos exemplos de autores que construíram os seus arcabouços teóricos com base na imanência⁸ da experiência. E podemos afirmar que Ferenczi foi um grande expoente dessa forma de psicanalisar, possivelmente um dos primeiros neste árduo percurso.

E é nessa busca incansável de Ferenczi que podemos acessar a dimensão ética de sua prática e reflexão psicanalítica. Ao longo de sua obra vemos a permanente empreitada em buscar caminhos para o tratamento psicanalítico, sendo eles quão áridos fossem:

Sustentar que um doente, que não podia ser curado em função dessa teoria e com essa técnica, era um doente inalisável, parecia-lhe insuficiente e, por outro lado, traumatizante em si. Considerava que todo o doente que pedia ajuda deveria recebê-la, e que competia ao psicanalista inventar a melhor maneira de responder aos problemas que lhe eram apresentados. Assim, Ferenczi tornou-se o último recurso dos casos considerados desesperados, que de todos os pontos do globo lhe eram encaminhados por seus colegas (Dupont, 1990, p.19).

⁸ Este termo é, aqui, usado para se opor à transcendência: aquilo que se encontra no plano da experiência.

Nessa passagem do Prefácio do *Diário Clínico* (Ferenczi, 1990), escrito por Judith Dupont, notamos a preocupação de Ferenczi diante do desafio clínico de poder se debruçar sobre as experiências nas quais a teoria previamente desenvolvida não dava conta. Também podemos notar seu olhar atento ao efeito traumatizante que poderia ser causado pela recusa de tratamento a uma pessoa.

Em um olhar atento quanto a esse efeito traumatizante que a análise pode causar, nos deparamos com um conceito central para Ferenczi: o trauma. “O choque (que é o trauma) é equivalente à aniquilação do sentimento de si, da capacidade de resistir, agir e pensar com vistas à defesa do Si mesmo” (Ferenczi, 1934, p.125). E o que torna patogênico o trauma é a não legitimação da experiência vivida:

O pior realmente é a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado e repreendido quando se manifesta; é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico. Tem-se mesmo a impressão de que esses choques graves são superados, sem amnésia nem sequelas neuróticas, se a mãe estiver presente, com toda a sua compreensão, sua ternura e, o que é mais raro, uma total sinceridade (Ferenczi, 1931, p.91).

O efeito de legitimação do trauma tem para Ferenczi papel central em sua clínica, podendo ser percebido por meio de sua constante busca por acolher as diversas e inusitadas demandas de atendimento que lhe eram apresentadas. Sua escuta reconhecia, na dimensão do trauma patogênico, a necessidade do reconhecimento de que a desintegração psíquica dá-se justamente pela negação, pela desconfiança da não veracidade da palavra do paciente – que é o desmentido. A preocupação com o efeito traumatizante e a responsabilidade de acolhimento são importantes elementos que evidenciam como as formulações ferenczianas sempre têm como instância subjacente a ética na prática clínica.

Ao levantarmos a questão da ética psicanalítica, que tem como ponto central a escolha do tipo de escuta e condução clínica (a interpretação do analista, por exemplo), o aspecto traumático apresenta-se de forma contundente: a “máquina interpretativa” pode gerar consequências graves. A postura da desconfiança, da

busca pela “verdadeira verdade”⁹ subjacente às palavras ditas em análise, pode causar uma situação traumática, onde os conteúdos apresentados pelo analisando não encontram legitimidade diante da figura do analista.

A vivência analítica, se tiver como base a desconfiança, pode constituir-se dentro de um registro de repetição dos episódios traumáticos e não como um espaço de transformação subjetiva. O trauma encontra-se exatamente no não reconhecimento – no desmentido – do que foi vivido e percebido; e, se na análise, isso se repetir em um contexto onde o analista desconfia/desmente o que está sendo dito, ao tentar encontrar outras ‘verdades’ escondidas por trás do “véu” do discurso do paciente, o traumático permanecerá intransponível ou até mesmo ganhará mais potência. No entanto, se tiver o respaldo do analista, ao legitimar o que é dito pelo paciente, a vivência traumática poderá ter um lugar de reconhecimento, um amparo que viabiliza a produção de novos caminhos.

A tomada de posição do analista diante dessa empreitada é um elemento ético norteador dos rumos do trabalho desenvolvido na clínica, pois, por mais que aparentemente sejam apenas elementos ‘invisíveis’ – por exemplo, a questão da desconfiança proveniente de uma “máquina interpretativa” nem sempre se apresenta de forma explícita¹⁰ –, trata-se de sentimentos extremamente vívidos na relação entre terapeuta e paciente.

A convocação de Ferenczi quanto aos sentimentos provenientes da relação entre analista e analisando é uma contundente convocação à ética: é um olhar

⁹ Aqui é necessário fazer uma ressalva: “a verdadeira verdade” a que me refiro é algo associado ao posicionamento desconfiado do analista, como se o que o paciente está falando não fosse suficiente, como se seu enunciado escondesse algo. Essa postura de desconfiança convoca o paciente a dizer coisas que nem sempre dizem respeito à sua história ou necessidade de reflexão. É como se algo fosse construído unicamente em resposta a uma expectativa do analista – um analista que acredita que sempre tem algo subjacente, aguardando a ser revelado. O que Ferenczi nos mostra com sua reflexão acerca do trauma é que não é necessário desmentir o analisando, mas é preciso estar junto, “sentir com” e utilizar a relação transferencial como um instrumento de amparo para o que está sendo dito e não como algo duvidoso. Desta relação afetiva legitimadora é possível construir-se discursos legítimos e singulares; e é o que Deleuze chama de “verdadeira enunciação”. Por isso, “verdadeira enunciação” se opõe ao que neste parágrafo é chamado de “verdadeira verdade”.

¹⁰ Um exemplo de dúvida proveniente da “máquina interpretativa”: a dúvida quanto à veracidade do que é dito pelo analisando não aparece somente na fala do analista, mas também na forma de escutar, na desconfiança vivida internamente diante do que está sendo dito.

integral, que pondera de forma ampla os posicionamentos (no sentido mais amplo possível dessa palavra) do analista em sua clínica. É o “tato”, “sentir com”, uma vivência profunda dos afetos, que considero, em última instância, uma vivência ética da clínica: “devo sublinhar uma vez mais que só uma verdadeira posição de ‘sentir com’ pode ajudar-nos; os pacientes perspicazes não tardam em desmascarar toda pose fabricada” (Ferenczi, 1929, p.37).

Após uma breve apresentação da temática que inspira a tese a ser desenvolvida, prosseguimos para a argumentação de como seria possível utilizarmos a concepção de jogo de linguagem de Wittgenstein como instrumento de extração da dimensão ética em Ferenczi. Para tal, utilizamos um fragmento de uma carta de Ferenczi a Groddeck.

Na sua carta a Groddeck, de 11 de outubro de 1922, Ferenczi afirmou: “análise é, em minha opinião, **um fenômeno social. Requer (no mínimo) duas pessoas**. Uma vez que é uma repetição e um aprimoramento da educação do passado, isto é, a resolução da dependência emocional para com os pais” (Ferenczi-Groddeck, 1982, p.72, tradução nossa, grifo nosso).

Vemos como a questão relacional e social da análise está em primeiro plano, sendo sempre o ponto de partida das reflexões desse autor. Da conferência proferida por ocasião do 75º aniversário de Freud, intitulada *Análises de crianças com adultos* (Ferenczi, 1931), é possível extrair importantes fragmentos que falam do aspecto relacional entre analista-analisando e sobre como é necessário que o analista coloque em perspectiva o papel do seu saber no âmbito prático: “(...) [A] causa do fracasso será sempre a resistência do paciente, não será antes o nosso próprio conforto que desdenha adaptar-se às particularidades da pessoa, no plano do método?” (Ferenczi, 1931, p.81).

“Adaptar-se às particularidades da pessoa” é entender que algo na relação é construído, que é preciso estar presente como alguém aberto a transformações subjetivas e teóricas para estar com o paciente no percurso analítico. Não diz respeito somente a estar ali como alguém que franqueia mudanças no paciente; é

necessário entender que o próprio analista também passa por modificações nesse processo.

Em sequência, nesse mesmo texto, Ferenczi cita o caso de um paciente que, após um longo período de desconfiança e resistência, pôs-se a reviver acontecimentos da sua infância e murmura ao ouvido do analista: “Sabe, vovô, receio que vou ter um bebê...”. E, deixando-se levar pelo jogo que ali acabara de ser proposto, Ferenczi responde: “- Ah, sim, por que é que você pensa isso?” (Ferenczi, 1931, p.82). Nessa situação o analista percebe-se diante de uma criança e aceita dialogar e “jogar” dentro dessa realidade que se apresenta:

Mas não creiam que, nesse jogo, me seja possível fazer qualquer pergunta. Se esta não for bastante simples, se não estiver verdadeiramente adaptada à inteligência de uma criança, então o diálogo é interrompido rapidamente, e mais de um paciente me jogou na cara que eu tinha sido desastrado, que tinha, por assim dizer, estragado o jogo (Ferenczi, 1931, p.83).

O autor denomina este tipo de experiência tão peculiar, mas que se mostrou bastante eficaz na prática clínica, como “análise pelo jogo” (Ferenczi, 1931, p.84). Isso significa entender a análise como uma possibilidade de jogar com o paciente, de construir com ele um jogo, onde diversos vocabulários podem surgir e servir de ferramenta.

Notamos que uma das questões centrais trabalhadas nessa conferência¹¹ é a abertura de Ferenczi para a possibilidade do surgimento de diversas linguagens: inusitadas, sem prévio conhecimento ou preparo. Neste ponto, podemos ver uma importante ponte de articulação com a concepção de jogo de linguagem, que iremos abordar agora.

O jogo de linguagem concebido por Wittgenstein é a primeira exposição, no âmbito da filosofia analítica, de uma visão pragmática da linguagem (Marcondes, 2006): a linguagem é algo que se constrói a partir dos jogos de linguagem, das contingências e idiossincrasias das relações sociais. Essa é uma concepção da linguagem como ferramenta, e não uma imagem ou representação de uma realidade

¹¹ *Análises de crianças com adultos* (Ferenczi, 1931).

a priori do mundo. O jogo de linguagem tem como base a compreensão de que “o significado de uma palavra é o seu uso na linguagem” (Wittgenstein, 2001a, p.18e, §43, tradução nossa).

A concepção de jogo de linguagem vai ao encontro da maneira como Ferenczi construiu a sua linguagem teórica: ele não desejava desenvolver uma teoria que abarcasse todas as experiências psicanalíticas, de forma a fornecer um suporte teórico completo para todas as práticas clínicas possíveis. Ao contrário, via nas experiências singulares a oportunidade de desenvolver um novo jogo de linguagem, ensinando muito mais aos seus leitores por meio deste mecanismo de criação contínua do que unicamente por meio dos preceitos que ali estipulava.

Desse modo, a leitura das formulações ferenczianas por intermédio do jogo de linguagem parece ser uma possível forma de ampliar o olhar sobre a prática psicanalítica proposta por Ferenczi. Não se trata de estratificar a psicanálise em um modelo de pensamento filosófico. É, na verdade, uma forma de utilizar a filosofia como um instrumento de aprimoramento da compreensão das reflexões ferenczianas como algo que permanece em movimento, que tem como principal natureza instrumentalizar o analista diante do novo, da vivência única que se apresenta em cada sessão de análise.

Algumas pistas em Wittgenstein, na sua fase pragmática¹², apontam para esta perspectiva criativa da linguagem, como se observa na passagem abaixo, extraída do *The Blue Book*¹³:

Lembre-se que em geral não usamos a linguagem de acordo com regras estritas – nem ela nos foi ensinada por meio de regras estritas. Por outro lado, em nossas discussões, constantemente comparamos a linguagem com um cálculo desenvolvido de acordo com regras exatas (Wittgenstein, 1965, p.25, tradução nossa).

Vemos que a linguagem não pode ser captada por regras gerais que estariam além do uso e da prática. Ensinar uma linguagem, por exemplo, não diz respeito

¹² Denominado “segundo Wittgenstein”.

¹³ Texto ditado por Wittgenstein aos seus alunos de Cambridge, no ano letivo de 1933-34, que constitui parte dos estudos introdutórios às *Investigações Filosóficas*.

somente a ensinar as regras estritas da mesma, mas é mostrar as suas diversas formas de utilização, sendo exatamente nas imprecisões dos usos, nas dificuldades que surgem naquele que aprende (e naquele que ensina, também), que o vocabulário vai sendo apreendido e aprimorado. Esse não é um processo que antecede a linguagem. A linguagem (e as suas regras) é o próprio uso que fazemos dela. Aqui, evidencia-se a sua dimensão como fato social, cultural; portanto, constituidora e intermediadora das relações sociais (Marcondes, 2010, p. 14-15)¹⁴.

Na reflexão proposta por Wittgenstein, que desloca a linguagem de um lugar estrutural e transcendente, vemos surgir um encontro fértil com o empreendimento ferencziano. O manejo dos vocabulários propostos por Ferenczi também visa preconizar a dimensão da prática, afastando-se paulatinamente de postulados universais.

No artigo “Wittgenstein – crítico de Freud”, Cláudio E. M. Banzato aponta o risco de pensarmos as regras interpretativas da psicanálise de forma a generalizar algo que essencialmente funda-se na imanência de sua prática:

A psicanálise, portanto, vai ser contestada em sua pretensão de fornecer evidências em seu favor através de um procedimento intrinsecamente viciado, porquanto as interpretações psicanalíticas são engendradas por um determinado método interpretativo, em si mesmo produto de uma dada preferência estética. O fato de Freud mascarar essa opção, ao invocar uma pretensa neutralidade científica a favor de sua teoria, tem por efeito escamotear a dimensão ética do empreendimento psicanalítico (Banzato, 1999, p.51).

Nessa apreciação de Banzato, que vai ao encontro de importantes críticas de Ferenczi ao movimento tradicional psicanalítico, os vocabulários “pré-moldados” podem ser defendidos dentro de uma pretensa neutralidade científica, mas também escamoteiam um aspecto psicanalítico importante – a ética – que convoca o fazer clínico a se deslocar, quando necessário, e a se desprender dos saberes previamente adquiridos.

¹⁴Entrevista com Danilo Marcondes: *A linguagem é a forma mesma de intermediação das relações sociais*. Por Fernando Afonso de Almeida, disponível em <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/40/entrevista>, acessado em 07 de agosto de 2017.

Portanto, o percurso de estudo aqui proposto busca percorrer a obra de Ferenczi, ao extrair aquilo que não pode ser captado somente como um ensinamento estratificado, mas algo em movimento que convoca um olhar sobre o que ocorre singularmente em cada experiência clínica. Visa-se mostrar que esse movimento pode ser apreendido pelos diversos jogos de linguagem construídos por Ferenczi, tanto teoricamente quanto nas suas experiências clínicas.

O que parece contundente na utilização do jogo de linguagem como ferramenta de leitura da obra ferencziana é a possibilidade de trazer à tona algo que não se apresenta de forma explícita, que é a sua ética clínica. Partindo desse ponto objetiva-se perceber elementos e articulações que possam ampliar a compreensão do trabalho de Ferenczi, permitindo que novos olhares e questões surjam deste estudo.

Nesta parte introdutória, a articulação entre os dois autores aqui estudados é somente uma breve apresentação dos principais temas que serão abordados ao longo do percurso. Neste momento, encontram-se as primeiras intuições acerca do universo que se apresentou como inspiração para o trabalho. Os desdobramentos e o alcance das interseções só foram ganhando forma quando, de fato, o empreendimento de explorar a obra ferencziana, tendo o jogo de linguagem como ferramenta de leitura, foi se implementando.

Aqui muitas questões ficam em aberto, como forma de conservar o processo criativo que perpassou este trabalho. Esta tese teve como principal desafio a dúvida se, de fato, as intuições que nortearam os projetos iniciais iriam tomar forma dentro do escopo ensejado. Só ganhou forma quando o trabalho paulatinamente foi sendo empreendido. Manteremos o desenho evolutivo das articulações elaboradas. Alguns temas brevemente trabalhados serão novamente retomados, enquanto novos elementos vão sendo apresentados como forma de aprofundarmos os *insights* iniciais.

O segundo capítulo, que será a nossa lente de leitura dos capítulos subsequentes, tem como objetivo central trazer mais amiúde a concepção de jogo

de linguagem em Wittgenstein e as possíveis articulações com as formulações ferenczianas. O terceiro capítulo será um mergulho mais profundo na obra de Ferenczi, tendo o aporte cronológico um papel importante para captarmos as transformações dos jogos de linguagem. Já o quarto capítulo, tomando como base as reflexões dos capítulos anteriores, terá como objetivo trabalhar mais especificamente a questão da ética clínica. Nas considerações finais, teremos algumas ponderações sobre os limites e desafios do trabalho aqui proposto.

2 Jogo de linguagem

2.1. O jogo de linguagem

Aqui focaremos na apresentação e reflexão acerca da concepção de jogo de linguagem em Wittgenstein. Essa escolha pauta-se na necessidade de alinhamento de alguns conceitos que irão perpassar toda a tese. O jogo de linguagem é defendido como um importante instrumento de fundamentação e formulação da dimensão ética na obra de Ferenczi. Contudo os contextos e linguagens nas quais Wittgenstein e Ferenczi estão inseridos são bastante diferentes, o que, num primeiro momento, pode nos trazer dificuldades em construir uma interlocução entre os dois autores.

O objetivo, no presente capítulo, é apresentar um trabalho introdutório sobre o jogo de linguagem em Wittgenstein, desenvolvido em suas *Investigações Filosóficas* (Wittgenstein, 2001a), e buscar mostrar como a diferença dos vocabulários dos dois autores não é impedimento para desenvolvermos pontes entre eles. Possivelmente, a questão está no diferente *uso* de determinados conceitos, que podem aparentemente distanciá-los. Tudo indica que, se conseguirmos trabalhar transitando nessas diferenças, esse já será um importante passo, posto que as suas obras tratam, cada uma a seu modo, da capacidade de entendermos aquilo que nos está sendo dito dentro de seu contexto, respeitando a verdade desses discursos não de maneira universal, mas no tempo presente da palavra em questão. Certamente, os dois autores partilham, na perspectiva aqui trabalhada, o entendimento de que a linguagem não pode ser um limitador da nossa comunicação, mas uma forma de criarmos pontes e redes cada vez mais complexas, que nos permitam fazer conexões cada vez mais amplas.

Wittgenstein iniciou as suas *Investigações Filosóficas* com a seguinte citação de Santo Agostinho em suas *Confissões*:

Quando eles (meus pais) nomeavam algum abjeto, e, por consequência, moviam-se em direção a algo, eu via isso e captava que a coisa era chamada pelo som que eles pronunciavam quando queriam apontá-la. Sua

intenção era mostrada pelos seus movimentos corporais, como se fossem a linguagem natural de todos os povos: a expressão da face, o jogo de olhos, o movimento de outras partes do corpo, e o tom da voz que expressa nossos estados da voz, que expressa nossos estados da mente de buscar, ter, rejeitar e evitar algo. Assim, enquanto eu ouvia palavras repetidamente usadas em seus devidos contextos em várias sentenças, eu gradualmente aprendia a entender quais objetos elas significavam (designavam), e depois que eu treinei minha boca para formar tais sinais, eu os usava para expressar meus próprios desejos. (Wittgenstein, 2001a, §1, p.2e, tradução nossa).

Essa passagem de Santo Agostinho apresenta, de forma concisa, algumas das principais formulações da filosofia tradicional da linguagem, e muito possivelmente foi por esse motivo que Wittgenstein a escolheu como introdutória em seu texto.

Dela, podemos extrair algumas ideias-chave: a defesa da universalidade da linguagem humana (o *apontar* como linguagem natural de todos os povos); a palavra como descrição do real (“objetos que elas significam/designam”), ou seja, toda palavra contém um significado: a palavra nomeia a coisa (elemento constitutivo, atômico); e a palavra também como representação da mente (“eu usava para expressar meus próprios desejos”).

No início das *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein dissecou as ideias contidas nessa passagem para poder, aos poucos, introduzir as suas concepções acerca da linguagem, utilizando-as como interlocução e ponto de partida para as suas contribuições.

Wittgenstein nos apresenta, nas primeiras passagens do texto, dois exemplos de linguagem:

- 1) “Eu mando uma pessoa ir comprar algo para mim. Entrego um papel escrito: cinco maçãs vermelhas. A pessoa entrega o papel para o vendedor, que abre uma gaveta que tem escrito “maçãs”. Depois ele procura a palavra “vermelhas” numa tabela e encontra-se diante de uma amostra desta cor, e depois ele diz a série de números cardinais até a palavra “cinco” e para cada número ele pega uma maçã da gaveta que tenha a cor da amostra”. Nesta

cena descrita, como o vendedor sabe como agir diante daquele pedaço de papel? Como ele sabe que deve procurar maçãs, que são vermelhas e na quantidade cinco? Existe um contexto que permite que ele possa agir como tal: tem um contexto social envolvido. Ele é um vendedor, numa sociedade mercantilista, com convenções específicas que orientam suas ações diante da linguagem presente no papel que ele recebe (por exemplo, numa tribo que não possui a atividade do comércio este papel teria um significado completamente diferente). Desta maneira, ele não precisa saber qual é o significado da palavra “cinco”, ele só precisa saber como utilizá-la no contexto em questão (Wittgenstein, 2001a, p. 2e, §1, tradução nossa).

- 2) Vamos imaginar uma linguagem onde a descrição de Santo Agostinho estaria certa. Essa linguagem tem o objetivo de servir de comunicação entre um construtor A e seu ajudante B. A utiliza materiais de construção como “viga”, “laje” e “coluna”. B entrega o material certo para A, ao ouvir uma determinada palavra. Isso funciona por meio do aprendizado do som apropriado para o determinado material que é evocado. Este exemplo está inserido no que Agostinho descreve como um sistema de comunicação. Contudo, este sistema de comunicação é simplificado, pois nem tudo que chamamos de linguagem pode se reduzir a ele (Wittgenstein, 2001a, p. 3e, §2, tradução nossa). Um exemplo disso seria: “imagina uma escrita na qual as letras são usadas para designar sons e também como sinais de ênfase e pontuação. Agora imagina alguém que interpreta tal escrita como se fosse simplesmente uma correspondência entre letras e sons, e como se as letras não tivessem funções completamente diferentes” (Wittgenstein, 2001a, p. 3e, §4, tradução nossa). Esta simplificação mostra como o sistema de Agostinho tem seus limites.

Outra forma de percebermos essa simplificação é por meio do exemplo 1. Nota-se que a noção geral do significado da palavra (significado como algo que emana da palavra) contém algo de obscuro. O significado, como podemos captar pelos exemplos apresentados por Wittgenstein, tem uma forte conexão com o uso da palavra, e não é algo intrínseco a ela que poderia dispensar o contexto em que ela é utilizada.

Wittgenstein defende que podemos clarear o nosso entendimento por meio de uma observação dos fenômenos da linguagem em formas primitivas de aplicação, isto é, simplificadas; como, por exemplo, quando a criança aprende a falar. Nesse caso, ensinar uma linguagem não é explicar, mas treiná-la, habituá-la a uma prática regular.

Wittgenstein nos propõe que tomemos a linguagem 2 como se fosse a linguagem completa de uma tribo. As crianças são ensinadas a performar determinadas ações, a usar tais palavras no seu devido lugar e a reagir de determinada maneira a partir de uma palavra dita. O autor denomina “ensino ostensivo das palavras” o que é feito para estabelecer uma relação entre palavra e coisa. Contudo, tal relação não é universal, mas associada a um determinado contexto e a determinadas práticas. Por isso, fundamentalmente, não se trata de ensinar uma conexão necessária entre objetos e palavras – “não é o propósito da palavra evocar imagens” (Wittgenstein, 2001a, p.3e, §6, tradução nossa) –, mas de ensinar o contexto em que as palavras são usadas. O foco é a ação: o treinamento é um treinamento particular, que insere a criança e a sua linguagem no contexto em que ela vive. Assim, algumas palavras não significam nada sem, igualmente, termos uma apreensão de várias outras características do contexto no qual são utilizadas.

Wittgenstein, com o objetivo de descrever um sistema de comunicação mais complexo, que abarque os exemplos dados acima, desenvolve o conceito de jogo de linguagem: “denomino a totalidade formada pela linguagem e ações com as quais está entrelaçada de jogo de linguagem” (Wittgenstein, 2001a, p. 4e, §7, tradução nossa).

Quando dizemos “cada palavra na língua designa algo”, ainda de fato não dissemos nada, a menos que tenhamos exatamente explicado qual distinção desejamos fazer (...) então se pergunte se nossa linguagem é completa (Wittgenstein, 2001a, p.6e, §13, tradução nossa).

(...) Ao invés de indicar algo que seja comum a tudo o que chamamos de linguagem, estou dizendo que esses fenômenos não têm uma coisa sequer que nos faça usar a mesma palavra para todos – mas são aparentados entre si de muitas maneiras diferentes. É por causa destes parentescos que chamamos a todos de “linguagens”(Wittgenstein, 2001a, p.27e §65, tradução nossa).

A esses parentescos, dá-se o nome mais específico de “semelhança de família” (Wittgenstein, 2001a, §67). Os jogos de linguagem podem ser entendidos e compreendidos pelas semelhanças que se sobrepõem e entrecruzam, assim como ocorre nas pessoas de uma mesma família: existem muitos elementos em comum entre essas pessoas, como estatura, cor de pele, cor de olhos, cabelo, mas nem todos têm as mesmas características; alguns têm algumas, que se entrecruzam com outras que alguns outros têm, e assim por diante.

Aqui podemos ver uma aproximação muito grande com a prática investigativa de Ferenczi ao tentar elaborar componentes psíquicos, por meio de semelhanças em diversos pacientes: a partir dessas semelhanças, sua sensibilidade percebe algo que precisa ser ouvido mais atentamente para uma possível sistematização teórica. Assim como os jogos de linguagem, as formulações ferenczianas mais inovadoras não são ideias que buscam uma generalização que dê conta de todas as experiências psicanalíticas, é mais um trabalho de entrecruzar as questões provenientes destas vivências e instrumentalizar o analista para o novo que permanentemente surge.

Tomando como referência as “semelhanças de família”, podemos pensar nos jogos de linguagem como um conjunto de fios que são tecidos e criam um grande fio; fio esse que se constitui fibra por fibra, mas que não podemos encontrar nenhuma fibra que perpasse todo o fio: sua robustez está na sobreposição das mesmas. Assim, o que está em foco na compreensão da dimensão da linguagem não é uma essência, ou sua correlação resultante entre mente e objeto real, mas um trabalho de investigação sobre traços comuns nas diversas formas de expressão (Marcondes, 2017, p. 61):

Nossos claros e simples jogos de linguagem não são estudos preparatórios para uma futura regulamentação da linguagem – como se fossem as primeiras aproximações, ignorando o atrito e a resistência do ar. Os jogos de linguagem estão aí, antes como *objetos de comparação* que devem lançar luz nas relações das nossas linguagens, por meio não só de semelhanças, mas também de dessemelhanças.

Para que possamos escapar da injustiça ou do vazio das nossas afirmações, ao apresentar o modelo como o que ele é, como um objeto de comparação – por assim dizer, como uma medida; e não como ideias pré-concebidas às

quais a realidade tem que corresponder. (O dogmatismo no qual tão facilmente decaímos ao fazer filosofia) (Wittgenstein, 2001a, p.43e, §130-131, tradução nossa).

Não podemos esperar uma definição precisa do que seria o jogo de linguagem, já que ele trata muito mais dessa dimensão das sobreposições e contextos linguísticos do que, especificamente, de dar conta de uma descrição precisa e fixa do que seria a linguagem:

Mas quantos tipos de sentenças existem? (...) – Há inúmeros tipos: inúmeros tipos diferentes de emprego do que denominamos “símbolos”, “palavras”, “sentenças”. E essa multiplicidade não é algo fixo, dado de uma vez por todas; mas, novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem, como podemos dizer, surgem, outros tornam-se obsoletos e são esquecidos. (Podemos ter uma imagem aproximada disso das mudanças na matemática).

Aqui, o termo “jogo de linguagem” é usado para destacar o fato de que falar uma língua é **parte de uma atividade ou uma forma de vida** (Wittgenstein, 2001a, p.10e, §23, tradução nossa, grifo nosso).

As atividades ou formas de vida podem ser as mais variadas possíveis, e essa abertura proposta por Wittgenstein amplia a própria dimensão do que abarca a linguagem:

(...) Qual é a diferença entre o relato ou a asserção “cinco lajes” e a ordem “cinco lajes!”? – Bem, é o papel desempenhado pelo proferimento dessas palavras no jogo de linguagem. Sem dúvida, o tom de voz e o olhar com que estas palavras são pronunciadas – e muito além disso – também serão diferentes. (Wittgenstein, 2001a, p.8e, §21, tradução nossa).

Além disso, a relação entre palavra e coisa perde a sua dimensão representacional, ou seja, não há uma conexão transcendente entre palavra e objeto. Essa relação está submetida às atividades e a formas de vida. Mesmo que palavras nomeiem coisas, certamente, essa não é a única função da linguagem:

(...) Como se houvesse somente uma coisa chamada “falar sobre uma coisa”. Enquanto, de fato, fazemos as coisas mais variadas com as nossas sentenças. Pensemos apenas nas exclamações, com as suas funções completamente diferentes: Água! Fora! Ai! Socorro! Belo! Não! Você ainda sente inclinado a chamar essas palavras de “denominações de objetos”? (Wittgenstein, 2001a, p.11e, §27, tradução nossa).

Além do exemplo supracitado, temos a linguagem não verbal, que se expressa em gestos, movimentos, olhares, entre outros (elementos essenciais, por exemplo, na relação analítica). Essa dimensão não verbal certamente coloca em evidência uma dimensão da linguagem que vai além de uma relação subjacente entre palavra e coisa.

Neste percurso panorâmico acerca do jogo de linguagem, podemos compreender porque Wittgenstein é tido como um precursor da pragmática da linguagem, mesmo que esse termo não tenha sido utilizado pelo autor:

Wittgenstein rompe, assim, com a dicotomia entre linguagem e realidade, evitando com isso a dificuldade de ter de explicar como essa relação entre elas se dá. Para ele, **o uso da linguagem e a realização do ato seriam inseparáveis**. Encontrando-se imbricados. Os signos linguísticos não descreveriam a realidade nem refeririam a ela, sendo, antes, utilizados para fazer algo, por exemplo, dar uma ordem ou enunciar um pedido em um contexto em que falante e ouvinte interagem em torno de alguns objetivos a serem alcançados. É apenas nesse uso que o signo, conforme Wittgenstein, adquire “vida”: tomado fora de seu contexto, ele não teria significado (Marcondes, 2017, p.58-59, grifo nosso).

Aqui, proponho um aparente desvio teórico, para elucidarmos questões referentes à representacionalidade da linguagem e ao essencialismo, pontos centrais na história da filosofia, que permitem uma maior compreensão da empreitada wittgensteiniana de investigação acerca do jogo de linguagem. O próprio Ferenczi propunha analogias com saberes tidos como estranhos, aparentemente longínquos, por ver nisso um movimento profícuo¹⁵. Pode parecer que estamos nos afastando

¹⁵ Aqui, me refiro ao método utraquista proposto por Ferenczi: a busca pela evidenciação da significação de um processo por meio de analogias em domínios científicos estranhos (*Thalassa*, Ferenczi, 1924c, p.279): “Invoquemos um exemplo para tornar mais concreta esta definição. Na primeira parte de seu ensaio sobre a teoria da genitalidade, Ferenczi busca empreender uma pesquisa sobre “a explicação e a significação dos processos do próprio coito” através do uso de analogias retiradas deste campo de saber heterogêneo em relação à psicanálise que é a biologia. Está claro que esta última não é convocada para suprir uma lacuna deixada pela psicanálise, uma vez que a questão do coito em si não foi por ela trabalhada. A biologia é chamada, sim, para participar ativamente de um diálogo com a psicanálise, com o objetivo de testar e levar até às últimas consequências a hipótese de que a significação fundamental do coito é a tentativa de regressão ao útero materno” (*Um e outro: Ferenczi e a epistemologia*, Camara-Herzog, <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n2/0103-6564-pusp-25-02-0125.pdf>, acessado em 31 de julho de 2017).

das nossas principais questões, mas, a partir dessa discussão central na filosofia, talvez consigamos extrair alguns elementos importantes.

Trarei um autor que estudei mais vastamente na minha dissertação de mestrado: Richard Rorty. Ele foi um filósofo americano neopragmático, fortemente influenciado pelo pensamento de John Dewey e que também teve diversos outros autores de importante referência, dentre eles, Wittgenstein. As *Investigações Filosóficas* e, em especial, o jogo de linguagem, foram ferramentas importantes para a elaboração de suas concepções neopragmáticas acerca da linguagem. Essas concepções tinham como objetivo endossar a perspectiva pragmática da linguagem e ampliar o alcance criativo do jogo de linguagem.

Usarei primordialmente a Introdução do seu primeiro livro, *Filosofia e o espelho da natureza* (Rorty, 1994), para tratar da questão da representacionalidade na filosofia. Como já foi dito, este pode parecer um desvio da nossa temática; porém, o objetivo é trazer mais elementos da dimensão pragmática do jogo de linguagem e entendermos o que Wittgenstein buscou propor como transformação nas suas *Investigações Filosóficas*.

Na introdução de *Filosofia e o espelho da natureza*, Rorty afirma que a filosofia tradicionalmente busca tratar de problemas eternos, perenes. Em alguns casos, tenta resolver essas questões através de distinções entre mente e corpo. E, em outros casos, tenta requerer para si a função de deter os fundamentos do conhecimento. Essa compreensão do fundamento do conhecimento dá-se através de estudos do homem-enquanto-conhecedor de “processos mentais” ou da “atividade de representação”, que tornam o conhecimento possível:

Por isso, conhecer é representar acuradamente o que está fora da mente; assim, compreender a possibilidade e natureza do conhecimento é compreender o modo pelo qual a mente é capaz de construir tais representações (...), e portanto, (...) a preocupação central da filosofia é ser uma teoria geral da representação, uma teoria que dividirá a cultura nas áreas que representem bem a realidade, aquelas que não representem tão bem e aquelas que não a representem de modo algum (apesar da pretensão de fazê-lo) (Rorty, 1994, p.19-20).

Nesses moldes, a filosofia desempenharia o papel de falar dos fundamentos, de possuir a fonte de explicação e justificação para todas as atividades intelectuais e para qualquer busca de sentido das nossas vidas. Locke, Descartes e Kant, autores pertencentes ao século XVII e XVIII – momento de grande êxito da ciência natural – são exemplos dessa tradição, segundo Rorty.

Contudo, no século XIX, uma nova de forma de cultura apareceu: “a cultura do homem das letras”, dos poemas e romances, apresentada como a vanguarda do seu tempo, o que contribuiu para que a imagem do cientista fosse se tornando obsoleta e remota.

Em consequência, a imagem da filosofia associada ao rigor científico foi, também, tornando-se algo cada vez mais distante do resto da cultura que a cercava. Uma das tentativas de superar esse momento paradigmático na filosofia consistiu numa virada linguística proposta pela filosofia analítica. Uma crítica central de Rorty é a de que a filosofia analítica é mais uma tentativa de ver a filosofia como a parte da cultura que trata dos fundamentos: a ênfase dada à linguagem não supera ou transforma os problemas nos quais a filosofia tradicional (Descartes, Locke e Kant) está pautada.

Rorty indica que a filosofia da linguagem (analítica) surge como uma tentativa de ruptura com essa concepção tradicional, ao defender uma mudança da compreensão da mente como fundamento para o conhecimento, para uma concepção na qual a filosofia deveria realizar-se pela análise da linguagem:

A virada linguística foi uma segunda tentativa de encontrar um domínio que abarcasse os domínios dos outros professores. Essa segunda tentativa tornou-se necessária porque, no curso do século XIX, a biologia evolucionista e a psicologia empírica tinham começado a naturalizar as noções de “consciência” e “experiência”. A “linguagem” foi o substituto que os filósofos do século XX encontraram para “experiência” por duas razões. Em primeiro lugar, os dois termos possuem um escopo igualmente amplo – ambos delimitam todo o domínio da investigação humana, dos tópicos acessíveis ao estudo humano. Em segundo lugar, as noções de “linguagem” e “significado” pareciam, no início do século, imunes ao processo de naturalização (Rorty, 1999, p.78).

Historicamente, Rorty acredita que o primeiro autor a tratar dessa questão foi Wittgenstein, em seu *Tractatus Logico-Philosophicus* (Wittgenstein, 2001b). Aqui, é importante destacar que o segundo Wittgenstein (das *Investigações Filosóficas*) é um grande crítico do primeiro Wittgenstein (do *Tractatus Logico-Philosophicus*):

Há quatro anos, tive a oportunidade de ler novamente meu primeiro livro (o *Tractatus Logico-Philosophicus*), e explicar seus pensamentos para uma pessoa. Pareceu-me, de repente, que deveria publicar aqueles antigos pensamentos e os novos juntos: pois estes só poderiam ser visto sob a luz correta pelo contraste com e contra o pano de fundo do meu antigo modo de pensar.

Desde que comecei novamente a me ocupar com a filosofia, há 16 anos, tive que reconhecer graves erros no que tinha escrito naquele primeiro livro (Wittgenstein, 2001a, Prefácio, p.Xe, tradução nossa).

As contraposições de Wittgenstein parecem estar diretamente ligadas ao que Rorty busca problematizar. Ambos compreendem que essa tentativa da filosofia analítica de romper com o pensamento tradicional não se realiza de forma radical, já que, naquele pensamento, o caráter fundacional é mantido, por não se abandonar a busca por pressuposições *a priori* que possibilitariam a formação de toda a nossa cultura. O que ocorre, somente, é a apresentação de uma variante de uma mesma ideia, colocando a linguagem no lugar da mente, enquanto algo que se encontra sobre e em contraposição à realidade: “Assim, a discussão deslocou-se da pergunta sobre se a realidade material é ‘dependente da mente’ para a questão sobre que tipos de asserções verdadeiras, se alguma houver, encontram-se em relações representacionais para com itens não-linguísticos” (Rorty, 1991, p.2).

Na virada linguística, a linguagem parecia ser um substituto perfeito para o papel antes desempenhado pela “mente” ou “consciência” na filosofia, por ser um elemento que estaria imune à relativização histórica. Contudo, a linguagem também está submetida a um problema autorreferencial da sua própria possibilidade, que é “o problema de como as entidades designadas para explicar o conhecimento são conhecidas” (Rorty, 1999, p.79).

Esse problema leva ao questionamento de por que devemos pensar na filosofia como uma busca pelas condições de possibilidade das nossas práticas sociais, da nossa linguagem. A virada que Rorty nos propõe, tendo como um dos seus principais interlocutores o segundo Wittgenstein, diz respeito ao fato de nos questionarmos se realmente precisamos pensar na filosofia como algo sempre relacionado a fundamentos, à ideia de que as nossas práticas sociais, políticas, culturais, as nossas linguagens, ou seja, tudo são representações de uma realidade permanente, imutável. Será que elas não podem ser vistas sob um ângulo que permaneça nas contingências, nas construções sociais, e nada além disso?

Rorty defendia que uma virada realmente interessante seria aquela que não procurasse substitutos para a mente, para a linguagem ou outra entidade livre de qualquer tipo de contextualização, e sim a que nos ajudasse a compreender que a filosofia pode, ainda, ter sobre o que refletir, se superar esse tipo de vocabulário e buscar trabalhar sobre outro ponto de vista. Portanto, rompe-se, aqui, com o pensamento que vê a mente ou a linguagem como contendo representações da realidade, substituindo-o por uma ideia de linguagem como fruto de encontros livres, abertos, ao acaso, entre os seres humanos.

A crença de que o mundo possui uma natureza intrínseca, uma essência, é consequência de se tentar privilegiar uma linguagem frente a outras linguagens:

No entanto quando consideramos exemplos de jogos de linguagem alternativos – o vocabulário da política ateniense antiga contra o de Jefferson, o vocabulário moral de S. Paulo contra o de Freud, o jargão de Newton contra o de Aristóteles, a linguagem de Blake contra a de Dryden – é difícil pensar que o mundo torna um deles melhor do que o outro ou que o mundo decide entre eles (Rorty, 1989, p.5).

Dessa forma, as linguagens que surgem no mundo não podem mais ser avaliadas a partir de um critério que se desenvolva por uma avaliação da qualidade representacional, mas sim por um valor redescricional, que ofereça novos instrumentos para as relações humanas, proporcionando novas e mais interessantes questões.

Sob esse ponto de vista, as nossas crenças e desejos não seriam mais apreciados de forma a buscar a sua correspondência com a realidade ou avaliar se eles são ou não contraditórios em relação à mesma. Em vez disso, seriam estimados pela sua eficácia, ou seja, por ser ou não ferramentas úteis. Desse modo, novas linguagens surgiriam como novos instrumentos que viriam substituir os velhos: “é um instrumento para fazer algo que não poderia ter sido pensado anteriormente ao desenvolvimento de um conjunto particular de descrições, aquelas que ele próprio ajuda a proporcionar” (Rorty, 1989, p.13).

A linguagem perde a sua função fixa de tentar representar uma realidade, passando a desempenhar o papel de nos oferecer instrumentos para lidarmos com os diversos segmentos das nossas vidas, tornando-se, então, uma ferramenta que nos possibilita fazer coisas que nunca poderiam ter sido vislumbradas antes de tal ferramenta estar disponível.

A pragmática da linguagem formulada e abrangida por Rorty, tendo como forte inspiração o segundo Wittgenstein, nos permite compreender que captar a dimensão ética em Ferenczi não precisa ser somente um trabalho que extrai de maneira segmentada os jogos de linguagem, evidenciando a sua ética clínica. Também podemos transpor as reflexões e questionamentos levantados quanto à filosofia tradicional – pela pragmática – como pontos de conexão com a empreitada ferencziana de buscar novas formas de linguagem que possam franquear o seu grande objetivo, a eficácia clínica.

A empreitada ferencziana não se pautava somente em investigar e encontrar estados psíquicos que confirmassem – ou seja, representassem acuradamente – as suas formulações teóricas. Também estava aberta às vivências que deslocassem saberes adquiridos e convocassem a novas formulações, ou seja, novas ferramentas. Ou, até mesmo, a reutilizar velhas ferramentas de formas novas, transpondo a sua obsolescência.

A linguagem e a formulação teórica, assim, perdem uma função fixa, e transitam nas relações humanas como um instrumento que vai se construindo em

teia, se remodelando ou se desfazendo, de acordo com o que resulta deste aspecto relacional.

Como mencionado no prólogo, o encontro entre os dois autores aqui estudados pode ser captado pela linguagem, no que diz respeito a um processo de desdivinização, isto é, de abrir mão de uma busca pela sua essência. Ao desdivinizarmos a linguagem, nos transpomos para o campo prático e, por isso, é preciso descer das ascensões essencialistas que se desvencilham das formas usuais de expressão (Wittgenstein, 2001a, p.37e, §91, tradução nossa), o que seria a captação da ordem “*a priori* do mundo” (Wittgenstein, 2001a, p.38e, §97):

Quanto mais estritamente consideramos a linguagem real, mais nítido se torna o antagonismo entre ela e a nossa exigência. (Pois a pureza cristalina da lógica, de fato, não era um *resultado da investigação*; era uma exigência.). O antagonismo torna-se insuportável; a exigência agora fica ameaçada de tornar-se alguma coisa vazia. – Fomos para o gelo escorregadio onde não existe o atrito, e logo as condições são, em certo sentido, ideais, porém justamente por causa disso não podemos caminhar. Queremos caminhar: então precisamos do atrito. Voltemos ao solo áspero! (Wittgenstein, 2001a, p.40e, §107, tradução nossa).

Essa passagem das *Investigações Filosóficas*, que convoca o retorno ao solo e à necessidade do atrito e da sua aspereza, nos conduz para um ponto importante na nossa reflexão: atrito como encontro, como algo de “não puro”, exatamente por estar em contato com alguma outra coisa. E esse contato diz respeito à dimensão do jogo. O jogo é relacional, é a forma como, pelo menos, duas pessoas constroem a forma como vão interagir.

Esse aspecto relacional também permite articularmos Ferenczi e Wittgenstein: trago o jogo de linguagem não exclusivamente pela sua contribuição no campo da linguagem, mas pela sua possibilidade de ampliar o nosso olhar da análise como um fenômeno social¹⁶. Fenômeno social este que abarca a experiência entre paciente e analista. Fenômeno que evidencia algo que é construído na relação, onde as partes propõem regras que paulatinamente vão construindo um jogo. E, assim, adentramos uma questão cara a Wittgenstein, que é a noção de regra:

¹⁶ Como visto anteriormente na citação da correspondência entre Ferenczi e Groddeck.

Os jogos são jogados de acordo com regras que podem ser mais ou menos explícitas, mais ou menos formais. Do mesmo modo, os jogos de linguagem possuem regras que definem o que é ou não válido, segundo as quais os objetivos podem ser alcançados. São regras de uso, regras pragmáticas (*Investigações Filosóficas*, §54, 82-88, 567), constitutivas dos jogos, tornando possíveis os atos que aqueles que jogam realizam. Analisar o significado das palavras consiste em situá-las nos jogos em que são empregadas, consiste em perguntarmos o que os participantes nos jogos fazem com essas palavras, isto é, consiste em mapearmos as regras segundo as quais jogam, segundo as quais realizam lances válidos nesses jogos (Marcondes, 2005, p. 19)¹⁷.

A noção de regra é cara a Wittgenstein por duas razões: em primeiro lugar, “permite algum grau de generalização sem supor o postulado de existência de entidades abstratas correspondentes a ela” (Marcondes, 2017, p.62); e, em segundo, “(...) uma ação regulada por regras não implica que todos os passos estejam predefinidos” (Marcondes, 2017, p.63).

Esses dois elementos também nos auxiliam na conexão com a ética clínica ferenciana: as regras não como forma de predefinição dos passos em um processo analítico, mas como forma de conexão entre analista e paciente. Cada um trocando e apresentando as suas formas de vida como um caminho de conexão. Assim, eles constroem juntos as regras do jogo analítico, e isso permite alguma generalização – contudo, não cristalizada – e viabiliza uma troca de experimentação, abrindo caminho para a construção do vocabulário (que continuamente pode se modificar) comum a ambos:

Uma das fontes principais da nossa má compreensão é que não *temos uma visão clara* do uso das nossas palavras. – Nossa gramática é falha nesse tipo de clareza. A apresentação (*Darstellung*) clara produz precisamente o entendimento que consiste em “ver conexões”. Daí a importância de encontrar e inventar os *casos intermediários* (Wittgenstein, 2001a, p.42e, §122, tradução nossa).

São fundamentais, para o jogo, os pontos de conexão, os elos que viabilizam que os diversos vocabulários de cada parte jogadora possam integrar-se para construir um vocabulário comum. E, quando há a “má compreensão”, é proveniente

¹⁷ Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/6101/3277>. Acessado em 04 de agosto de 2017.

de algo não captado do uso que foi feito de uma linguagem. É por isso que é preciso se conectar aos elos, para que deles se consiga extrair uma melhor compreensão.

Tomando a questão da compreensão e da má compreensão dos significados das palavras, nos direcionamos agora para o que denomino um “interlúdio”. Nele, será exposta a ideia de feixe de associação, concebida por Michael Balint. Essa concepção parece ser uma ferramenta útil para captarmos como o jogo de linguagem pode ser pensado no contexto psicanalítico.

O feixe de associação encontra-se no livro *A Falha Básica* (Balint, 2014), que tem como ponto de inspiração a questão sobre os equívocos e casos mal sucedidos no processo de análise, provenientes, possivelmente, da não detecção de uma má compreensão, por parte do analista, do vocabulário utilizado pelo paciente.

2.2. Feixe de associação e jogo de linguagem

Nesta seção, proponho articularmos o jogo de linguagem e o conceito de feixe de associação, contido no capítulo *O problema da linguagem na educação e no tratamento psicanalítico* do livro *A Falha Básica* (Balint, 2014), de Michael Balint. Como já foi apontado, esta seção será um breve interlúdio, onde utilizaremos a obra de Balint como basilar para as articulações que propomos ao longo da tese.

Balint foi, possivelmente, o mais proeminente discípulo de Ferenczi. Sua teoria tem características muito peculiares e singulares, mas podemos perceber a forte influência do seu “mestre” na sua obra. O conceito de feixe de associação nos permite entender como o manejo da linguagem psicanalítica, tendo em vista a questão do trauma em Ferenczi, está ligado primordialmente à dimensão do uso da palavra.

A grande indagação que é feita no início do livro *A Falha Básica* diz respeito à questão: por que até mesmo o mais experiente analista tem casos difíceis e falhas

ocasionais? Não é possível, aqui, abordar de maneira aprofundada essa questão, pois correremos o risco de perder o foco do objetivo central do presente trabalho.

Por isso, é suficiente dizer que a pergunta de Balint diz respeito a uma possível confusão de línguas entre analista e analisando, fortemente inspirada no texto *Confusão de língua entre os adultos e a criança*, de Ferenczi (Ferenczi, 1932b). Esse texto de Ferenczi será apresentado na próxima seção, mas podemos entender o que Balint problematiza da seguinte forma: às vezes, o analista tenta trabalhar em um registro psíquico que não é aquele em que o analisando se encontra. As palavras são as mesmas, mas o seu uso varia de acordo com o contexto psíquico do paciente. Quando falamos em confusão de línguas, estamos tratando fundamentalmente do uso que se faz da linguagem no contexto analítico.

Como entender o que chamamos de contexto psíquico? O Complexo de Édipo, por exemplo, é uma das maiores descobertas de Freud, que ele descreveu como o complexo nuclear – e muito precoce – do desenvolvimento humano. Contudo, Balint mostra como Freud não hesita em descrever as experiências mentais das crianças por meio da linguagem dos adultos. É como se essa experiência fosse lida fora de seu contexto. Esse é um exemplo de como pode haver uma confusão de línguas; e é a partir disso que Balint formula outros registros psíquicos – não seriam estágios, pois não há progressão –, que tentam abarcar outras formas possíveis de expressão do psiquismo. Esses registros seriam o da criação e o da falha básica.

Ao longo desse texto, vemos algumas importantes considerações sobre como pensarmos essas áreas e o manejo do analista diante das variadas linguagens que podem surgir no contexto psicanalítico. Não sendo possível fazer uma apresentação extensa de todo o livro, escolhemos um capítulo que aborda algo muito importante para o presente estudo. O capítulo intitula-se *O problema da linguagem na educação e no tratamento psicanalítico*.

Balint defende que um dos problemas do uso da linguagem na situação analítica é o uso continuado, pelo analista, da linguagem habitual como veículo de

respostas ao paciente (no caso em questão, o paciente regressivo). Nesse capítulo, Balint focaliza a questão do idioma em que ocorre a análise e no qual são feitas as formulações teóricas; esse é seu ponto de partida para desenvolver questões importantes quanto à linguagem e à comunicação na psicanálise. Balint inicia com o exemplo de um analista americano ou inglês: certamente, eles irão atender pacientes de língua inglesa nesse idioma. No entanto, com cada analisando o conjunto de palavras a ser utilizado será específico, com as suas peculiaridades contextuais. Mesmo assim, tais dialetos são inteligíveis. Contudo, se o paciente tiver outra origem, as suas palavras precisarão passar por uma tradução para que possam ser compreendidas.

Muitas sensações e percepções podem ser transmitidas por diversas línguas, ou seja, a tradução é, muitas vezes, uma tarefa possível. Entretanto, as palavras certamente encontram os seus limites (em cada idioma a seu modo), como, por exemplo, na poesia lírica ou até mesmo em letras de música. Balint utiliza o conceito de “feixe de associações” que cerca cada palavra como elemento capaz de nos dar pistas quanto à dificuldade de tais traduções:

A ideia do “feixe de associações” que cerca cada palavra é diferente em cada linguagem, diferente mesmo nas várias relações humanas que utilizam a mesma linguagem. São exemplos óbvios as linguagens quase secretas de diversos ofícios ou profissões, a gíria utilizada pelas pessoas que frequentam a mesma escola, a mesma unidade do exército, a mesma prisão ou pelos que foram treinados por um mesmo instituto analítico. Outro exemplo convincente é a dificuldade em encontrar uma definição exata, especialmente em psicologia (Balint, 2014, p.102).

Todas as pessoas são capacitadas para aprender uma linguagem, mas isso dependerá daquele que ensina: Balint se refere ao aprendizado da linguagem como um treinamento. O aprendizado dependerá da qualidade desse treinamento:

Isso é um fato de suprema importância para nossa prática e teoria analíticas; os pacientes (e candidatos) precisam aprender, e de fato aprendem, a linguagem de seus analistas. Na verdade, durante todo o tempo o analista também está aprendendo com cada paciente, mas esse aprendizado, embora altamente importante, de fato é muito pequeno quando comparado com o que um genitor complacente pode aprender com seu filho. Embora esse aprendizado seja bastante grande, o fato é que, se o genitor for inglês, a linguagem resultante será inevitavelmente o inglês, e

nunca, diríamos, o húngaro ou o chinês. Isso significa que a criança será capaz de expressar com facilidade somente os sentimentos experimentados pelos genitores, expressando-os em inglês; mas jamais aqueles que, embora ausente no inglês, possam ser facilmente expressos por uma criança húngara ou chinesa em sua língua materna e vice-versa (Balint, 2014, p.103).

Isso aponta para uma assimetria entre aquele que aprende e aquele que ensina (embora o educador também aprenda com o seu pupilo), que também pode ser notada na relação analista/analizando, já que o analisando deseja fortemente ser compreendido pelo seu analista. Por isso, aquele precisa falar uma linguagem que este compreenda, ou seja, o analisando precisa aprender a linguagem do seu analista¹⁸. O analista acaba por desenvolver o seu próprio dialeto, que é captado por cada analisando (cada um a seu modo). Esse dialeto se expande a partir das relações com cada paciente, que acrescentam, por meio das experiências vividas, novas formulações para o mesmo:

(...) Em geral, as associações dos pacientes são apresentadas como provas da correção das ideias de seus analistas. Mas (...) o simples fato de as pessoas falarem e entenderem não as eleva à categoria de linguagem universal, embora os que a utilizam gostassem de que isso fosse verdade (Balint, 2014, p.103).

Podemos entender o argumento de Balint contra a ideia de existência de uma linguagem universal por meio da ideia de feixe de associações. O autor fala da importância desse feixe dando um exemplo que muito se aproxima do jogo de linguagem wittgensteiniano: a dificuldade de encontrar uma definição exata. Para isso, seria preciso despir a palavra de todo o seu contexto, maus usos (como defini-los?), e extrair algo que permanecesse depois desse trabalho. Além disso, esses feixes variam de idioma para idioma, o que nos afasta mais ainda de uma definição exata.

Neste momento do texto, Balint utiliza o próprio contexto teórico psicanalítico para nos mostrar que algumas formulações só puderam ser bem feitas

¹⁸ Aqui, pode-se pensar em dois aspectos da linguagem: a questão do linguajar específico utilizado pelo analista, mas também casos de pessoas que procuram analistas com línguas nativas diferentes das suas.

dentro do idioma original. Isso porque, muitas vezes, elas dependiam do feixe de associações para serem estruturadas de forma adequada:

Freud nunca poderia ter desenvolvido a teoria de *Besetzung* em inglês, pois nesse idioma não existia uma palavra para expressar o que queria dizer. Como é sabido, o termo *catexis* (investimento) foi criado sob medida para preencher a lacuna, mas é pouco provável que alguma vez tenha sido uma palavra viva. (...) Por outro lado, nossa moderna teoria da “depressão” só pode se desenvolver em inglês, no qual o termo abrange um campo vago e muito amplo – assim como o fazem, em alemão, *Besetzung* ou *Abwer*. O termo alemão *deprimert*, com seu feixe pequeno e quase sólido de associações, teria desencorajado, desde o início, qualquer uso (Balint, 2014, p.105).

Balint não sabe se esta constatação é positiva ou negativa, mas o fato é que, na dimensão da associação livre, solo onde se constrói o trabalho analítico, não são só as palavras que interessam, mas a totalidade do seu conjunto. Ou seja, não é o significado *stricto sensu* que tem destaque, mas o seu feixe de associações. Uma gramática ou dicionário não são suficientes para dar conta de toda a dimensão da palavra: precisamos, também, compreender as relações que vão sendo criadas entre as palavras.

Neste ponto, voltamos à questão inicial apresentada no livro: admitir a pluralidade de feixes de associações é reconhecer que, no trabalho psicanalítico, existem momentos nos quais o paciente atinge áreas diversas do psiquismo, ultrapassando a área da linguagem adulta, sendo que surgem outras dimensões linguísticas a serem percebidas pelo analista. Como as comunicações não verbais, por exemplo:

Nessa situação nosso papel assemelha-se ao de um viajante visitando uma tribo primitiva, cuja língua ainda não foi estudada e cujos costumes ainda não foram testemunhados e muito menos descritos em termos objetivos (Balint, 2014, p.106).

Aqui, novamente, recorreremos a uma reflexão filosófica proveniente da tradição pragmática para endossar a ideia de feixe de associações, que é a “teoria

da passagem”, de Donald Davidson, e também os seus desdobramentos propostos por Rorty.

Em *A Nice Derangement of Epitaphs* (Davidson, 1986), Davidson desenvolve o que ele chama de “teoria da passagem” sobre os ruídos e sinais presentemente produzidos por um ser humano. O que é preciso ser compartilhado entre pessoas para que a comunicação entre elas seja bem-sucedida é uma teoria da passagem. A teoria da passagem pode ser compreendida como sendo aquela que o intérprete de fato utiliza para compreender o que está sendo dito por uma pessoa; e é aquela teoria na qual quem está se expressando tem como intenção que o intérprete utilize. Somente se houver tal coincidência de teorias (teorias da passagem), ocorrerá um entendimento.

Para desenvolver essa ideia de Davidson, Rorty (1989) dá o exemplo de uma pessoa que tenta estabelecer tal teoria sobre o comportamento corrente de um nativo de uma cultura exótica, na qual inesperadamente caiu de paraquedas. O nativo dessa cultura, que presumidamente também considera tal pessoa igualmente exótica, de forma simultânea estará buscando desenvolver uma teoria sobre o comportamento dessa pessoa estranha a ele.

Se, nessa situação, essas duas pessoas conseguirem, de alguma maneira, se comunicar de forma bem-sucedida, isso se deverá ao fato de que as conjecturas e tentativas de compreender o comportamento um do outro conseguiram gerar expectativas que coincidissem com os atos, ruídos e sinais de um e de outro. Isso significa que essas pessoas têm como objetivo, pelo comportamento linguístico de cada uma delas, prever seus atos. O que elas estão buscando é não serem pegas de surpresa. A comunicação bem-sucedida, que pode ser compreendida pela ideia de que essas duas pessoas conseguiram falar a mesma língua (ou compreender a língua uma da outra), dá-se por meio de uma convergência de teorias da passagem. O que é preciso para que as pessoas se entendam é essa capacidade de convergir as suas teorias da passagem.

Trata-se de uma tentativa de dissolver a fronteira entre conhecer uma linguagem e saber orientar-se no mundo em geral. O ponto central dessa concepção

é que as teorias da passagem não são guiadas por regras fixas, pois elas estão o tempo todo se modificando na tentativa de abranger dados novos que surgem a todo instante no nosso cotidiano. Não há uma regra que determine uma estrutura bem definida que possa ser compartilhada pelos utilizadores de uma linguagem. A comunicação que ocorre entre os seres humanos por meio da linguagem desenvolve-se a cada momento, sendo constantemente elaborada entre os comunicadores.

Por esse exercício de elaboração de “teorias da passagem”, podemos compreender a importante habilidade do analista de penetrar em um território novo, com um idioma constituído por palavras talvez bastante conhecidas, mas com usos muito distintos daqueles, até então, experimentados. E, assim, a forma de compreendê-las está na possibilidade de experimentar novos feixes de associação, que serão apontados pelo paciente.

A ideia de feixe de associação parece ser um conceito muito próximo ao que vimos ser desenvolvido por Wittgenstein na sua formulação de jogo de linguagem: o analista precisa estar atento ao uso das palavras, mesmo aquelas familiares ao seu vocabulário, já que, na relação transferencial, surgem diversas dimensões psíquicas que podem ter relações diversas com as palavras, deslocando, assim, o significado para uma dimensão de experiência singular do paciente. Se o analista não ficar atento a isso, o que pode ocorrer é que o analisando ficará preso numa tentativa constante de se fazer compreender pelo vocabulário apresentado pelo seu analista, e não conseguirá desenvolver e entrar em contato com o seu vocabulário próprio, que é a chave das vivências traumáticas. É preciso que a linguagem infantil, por exemplo, silenciada e afogada pela linguagem adulta num evento traumático, possa surgir na vivência analítica para que um novo destino seja criado¹⁹.

Após este breve interlúdio, seguimos para a próxima seção, que tem como objetivo trabalhar dois funcionamentos psíquicos – o recalque e a clivagem –, que serão aportes centrais para os próximos passos da tese.

¹⁹ Temática que abordaremos na próxima seção, quando for trabalhado o artigo *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (Ferenczi, 1932b).

2.3.

Uma abordagem sobre dois mecanismos psíquicos em Ferenczi

Aqui proponho que passemos para uma reflexão acerca de dois textos centrais de Ferenczi, que abordam dois mecanismos psíquicos que serão utilizados nesta tese como importantes ferramentas de leitura. Os mecanismos a que me refiro são o recalque e a clivagem, que servirão como guias de captação do vocabulário e jogos de linguagem em Ferenczi. Por meio deles, tentarei explorar como se dão as transformações teóricas ferenczianas, que, inicialmente, eram fortemente orientadas ao objetivo de ser uma contribuição aos temas mais clássicos da psicanálise; e, paulatinamente, se redirecionaram mais especificamente para as convocações clínicas que deslocam essa referência inicial. Tais convocações clínicas estão estritamente ligadas à sua preocupação ética quanto ao compromisso de eficácia da sua técnica.

Partindo da ideia de feixe de associação apresentada anteriormente, pretendo mostrar como uma mesma questão pode tomar rumos diferentes, tanto teóricos quanto clínicos, quando se tem como pano de fundo diferentes feixes de associação, ou seja, quando se utiliza conjuntos de jogos de linguagem distintos.

Os jogos de linguagem ou feixes de associação que trabalharei aqui dizem respeito a dois mecanismos psíquicos: o recalque e a clivagem. Os mecanismos de recalque e clivagem serão dois aportes importantes na presente tese, mas não se pretende defender que são os únicos mecanismos contidos na obra ferencziana. Por meio deles, iremos acompanhar mudanças profundas na técnica e na teoria de Ferenczi. Como vimos na introdução, o recalque está diretamente ligado às primeiras elaborações psicanalíticas, e as mesmas certamente orientaram Ferenczi em seus primeiros passos na psicanálise. Contudo, algumas questões que sempre estiveram presentes nas intuições ferenczianas – como, por exemplo, o infantil – convocam-no a novos rumos, isto é, a buscar novos jogos e vocabulários.

Todavia, nem sempre é fácil acompanhar os diferentes jogos de linguagem de forma dissociada, pois existem diversas reflexões que entrelaçam tais dimensões. A decisão de acompanhar a tessitura dos jogos de linguagem é proveniente da

estratégia de tê-los como orientadores das transformações no pensamento do autor e no seu manejo clínico. O recalque é um mecanismo que, por muito tempo, guiou Ferenczi e, certamente, o desafio de compreender importantes transformações no seu trabalho está em acompanhar como esses dois mecanismos “dialogam” ao longo do tempo.

Para abordar o mecanismo do recalque, vamos apresentar o artigo *Ontogênese dos Símbolos* (Ferenczi, 1913c). Quanto à clivagem, traremos o artigo *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (Ferenczi, 1932b).

De forma a introduzir os temas discutidos em *Ontogênese dos Símbolos*, apresento fragmentos das correspondências entre Ferenczi e Freud, de junho de 1911:

Carta de Ferenczi para Freud, em 03 de junho de 1911:

De uma só vez, fica claro para mim por que as crianças não entendem simbolismo (não precisam entendê-lo ainda), por que elas não compreendem piadas, por que os seus sonhos são todos sonhos de realização de desejos; por fim, por que as crianças e os adultos **não entendem ou interpretam mal uns aos outros**. Enquanto se é ingênuo (nativo), ou seja, não reprimido, não é necessária a linguagem indireta. Por outro lado, a criança negligencia pequenas diferenças, isto é, remodela o seu mundo de acordo com o seu desejo (princípio de prazer). Somente "a necessidade da vida" ensina a criança a também prestar atenção a pequenas diferenças (princípio de realidade) (Freud-Ferenczi, 1993, p. 288, grifo nosso, tradução nossa).

Carta de Freud para Ferenczi, em 05 de junho de 1911:

Em termos de simbolismo, tenho, agora, que contrariá-lo em algo. Você explica "por que as crianças não entendem símbolos"; chamo a sua atenção ao fato de que as crianças usam símbolos desde o início, por exemplo, o pequeno Hans com os seus cavalos e carrinhos. Então, isso não é verdade. O simbolismo existe antes que haja motivos para usá-lo. Até agora, eu vejo apenas uma coisa neste assunto obscuro (e, mesmo assim, muito obscuramente): o simbolismo parece ser o início da formação do conceito, a formação do conceito de inconsciente indiferenciado. Eu notei que, nessa abstração primitiva, a criança se deixa guiar por pontos comuns que, mais tarde, deixamos de lado; por exemplo, de uma forma muito especial, por impressões de movimento. Aqui, teremos que observar e coletar por muito tempo (Freud-Ferenczi, 1993, p.289-290, tradução nossa).

Carta de Ferenczi para Freud, em 07 de junho de 1911:

Caro professor, quero rapidamente dissipar um mal-entendido. Eu não quis dizer que as crianças não entendem o simbolismo porque ainda não os têm; elas não têm nada mais, e é precisamente por isso que não sentem nada de especial com os modos simbólicos de falar. É somente com o recalque (latência) que os símbolos assumem um significado especial – o simbolismo representa o sexual recalçado. O pequeno Hans já era um neurótico – então ele já podia não apenas formar símbolos, como também compreendê-los. Eu certamente aparecerei no domingo pela manhã, e lhe contarei também algumas coisas pessoais, além das factuais. Saudações cordiais, Ferenczi. (Freud-Ferenczi, 1993, p.290-291, tradução nossa).

Na carta de 03 de junho, pode-se notar o olhar atento de Ferenczi sobre o descompasso entre a forma infantil e a forma adulta de se expressar e compreender o mundo. Esse questionamento, nesse momento da sua obra, pauta-se nas reflexões sobre como a criança não entende o simbolismo, que seria uma linguagem indireta, proveniente de repressões e da sua inserção no princípio de realidade.

Contudo, Freud, na sua carta de 05 de junho de 1911, posiciona-se contrário a Ferenczi, ao defender que as crianças são familiares aos símbolos desde cedo, como é o caso do pequeno Hans (Freud, 1909), estando o simbolismo na gênese da formação do conceito de inconsciente indiferenciado.

Em resposta, na carta de 07 de junho de 1911, Ferenczi mostra uma sutil diferenciação entre os símbolos primitivos presentes desde a infância e os símbolos, produtos do recalque, que acarretam em neuroses, como seria o caso do pequeno Hans. E, dessa forma, tenta esclarecer que existiria uma forma de simbolização primitiva – peculiar às crianças – e os símbolos, que seriam o que denomina de “linguagem indireta”.

De fato, parece existir uma imprecisão conceitual em Ferenczi quando trata de duas coisas distintas e as denomina de forma bastante similar. Essa distinção é o ponto central de discussão em *Ontogênese dos Símbolos* (Ferenczi, 1913c), que é um texto da fase mais jovem da obra de Ferenczi, contido no volume 2.

Nesse texto, Ferenczi debruça-se sobre os primórdios da vida da criança, buscando dialogar com as contribuições de Silberer e Baurain sobre os processos cognitivos dela (Ferenczi, 1913c 115-116). Esses autores notam a capacidade do infante em identificar coisas que possuem semelhanças muito remotas entre si; por

meio dessa identificação, acaba por dar-lhes o mesmo nome. Esta forma inicial de condensação aos poucos vai se depurando, e a criança passa a ter a capacidade de diferenciar as coisas, decompondo paulatinamente os produtos condensados.

Mesmo reconhecendo a importância das descobertas dos autores, defende que há um ponto criticável, que é a designação de Silberer e de Baurain da palavra “símbolo” para todos os primeiros graus de conhecimento:

Num certo sentido, as comparações, as alegorias, as metáforas, as alusões, as parábolas, os emblemas e, de um modo geral, todas as representações indiretas podem ser consideradas produtos resultantes de distinções e de definições imprecisas, sem que se trate por esse fato de símbolos no sentido psicanalítico do termo. Só (...) as coisas (representações) que chegam à consciência com um investimento afetivo que a lógica não explica nem justifica, e cuja análise permite estabelecer que elas devem essa sobrecarga afetiva a uma identificação *inconsciente* com uma (símbolo) outra coisa (representação), à qual pertence efetivamente esse suplemento afetivo (Ferenczi, 1913c, p.116).

O “símbolo no sentido psicanalítico do termo” é explicado por Ferenczi a partir das primeiras experimentações do infante. Inicialmente, a criança ainda não foi convocada a formas mais complexas de adaptação, atenta exclusivamente para as partes do corpo que são suporte para a satisfação das suas pulsões e, conseqüentemente, para os objetos e processos do mundo externo que lhe suscitam semelhança (mesmo que muito remota) com partes do corpo que a satisfazem pulsionalmente. Conseqüentemente, são esses objetos e processos que primeiramente lhe despertam interesse (Ferenczi, 1913c, p.117).

Nesse momento da vida, são desenvolvidas relações e analogias profundas (que adentram a vida adulta) entre corpo e mundo, denominadas pelo autor de relações simbólicas:

Assim se estabelecem essas relações profundas, persistentes a vida inteira, entre o corpo humano e o mundo dos objetos, a que chamamos relações simbólicas. Nesse estágio, a criança só vê no mundo reproduções de sua corporalidade e, por outro lado, aprende a figurar por meio de seu corpo toda a diversidade do mundo externo. Assim se manifesta a “sexualização do universo”. Neste estágio, os menininhos designam naturalmente todo objeto oblongo pela denominação infantil de seu órgão sexual, e veem em

toda abertura um ânus ou uma boca, em todo líquido, urina e em todas as substâncias moles, matérias fecais (Ferenczi, 1913c, p.117).

Contudo, para Ferenczi, essas relações profundas, a “sexualização do universo”, ainda não constituem um símbolo autêntico (que é o que o autor denomina de “símbolo no sentido psicanalítico do termo”). O símbolo autêntico seria o símbolo a que Ferenczi se refere na carta de 03 de junho de 1911, que é o símbolo que a criança ainda não entende. Somente quando entra em cena a educação cultural – que tem a função de suprimir certas experiências e expressões infantis –, ele surge. Nesse contexto, há a presença do recalque, elemento central para entendermos o símbolo autêntico.

Na educação cultural, existe uma instrução para que se suprima alguns termos utilizados livremente pelas crianças nas analogias e buscas por semelhanças com o seu corpo. O recalque (cultural) incide naquele que é o “original” e mais importante: a parte do corpo. A partir daí, o termo que permanece na consciência adquire uma importância afetiva. Isso é muito importante, pois Ferenczi nos mostra como o aspecto afetivo incide no processo de recalque e de formação de símbolos.

Somente quando a educação cultural provocou o recalque de um dos termos da analogia (o mais importante) é que o outro termo (o mais insignificante na origem) adquire um suplemento de importância afetiva e converte-se num símbolo do termo recalado. Na origem, a paridade: pênis-árvore, pênis-campanário, é consciente, e é em consequência do recalque do interesse devotado ao pênis que a árvore e o campanário adquirem essa sobrecarga de interesse inexplicável e aparentemente injustificada; tornam-se símbolos do pênis (Ferenczi, 1913c, p. 118).

Assim como pontuado por Freud na sua carta de 05 de junho de 1911, poderia ser dito que existe uma imprecisão conceitual nesse artigo, já que as relações simbólicas – relações profundas que perpassam a vida da pessoa – ainda não constituem um símbolo no sentido psicanalítico do termo, que seria o símbolo autêntico. Todavia, nessa sutil diferença, abre-se caminho para a compreensão de outros tipos de simbolização mais primitivas, que aparecem em obras posteriores, como os símbolos mnêmicos corporais e os símbolos orgânicos, contidos em *Thalassa* (Ferenczi, 1924c) e no *Diário Clínico* (Ferenczi, 1990), que serão trabalhados em capítulos subsequentes.

Definir o escopo de *Ontogênese dos Símbolos* (Ferenczi, 1913c) é muito importante: o símbolo autêntico ocorre dentro do funcionamento do recalque, ou seja, os jogos de linguagem e feixes de associação aqui trabalhados dizem respeito a um vocabulário no qual prevalece um olhar sobre tal mecanismo. Como vemos na carta de Ferenczi a Freud, de 03 de junho de 1911, a preocupação quanto a um descompasso entre o universo infantil e o universo adulto é algo presente desde o início do pensamento de Ferenczi: “Por que as crianças e os adultos não entendem ou interpretam mal uns aos outros?”.

Essa pergunta, inicialmente, busca investigar como a criança – ainda não inserida no universo do símbolo autêntico – tem uma forma peculiar de simbolizar, que, aos poucos, vai se modificando por meio da sua adaptação ao universo adulto. Esta adaptação, muitas vezes, como parte do processo civilizatório, relaciona-se ao processo de recalque. Ferenczi busca mostrar como o símbolo autêntico diz respeito à presença de uma ausência (Gondar, 2017a, p.116).

No entanto, parece que tal questão seguiu presente nas reflexões ferenczianas, e o seu último texto publicado em vida prova que o olhar sobre o desencontro entre a criança e o adulto seguia como norte para pensar o sofrimento psíquico. O título do texto fala diretamente sobre o tema: *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (Ferenczi, 1932b).

Confusão de língua entre os adultos e a criança (Ferenczi, 1932b) encontra-se num período de ruptura com Freud, proveniente, principalmente, de um desacordo sobre a dimensão do trauma na psicanálise. Enquanto Freud estava convencido da dimensão “fantasiosa” das descrições traumáticas²⁰ dos seus pacientes, Ferenczi ia, cada vez mais, ao encontro da veracidade de tais descrições. A retomada de temas já superados – isto é, uma “regressão na técnica” (Ferenczi,

²⁰ “A primeira teoria da sedução de Freud atribui à lembrança de cenas reais de sedução o papel determinante na etiologia das psiconeuroses. (...) [O] abandono por Freud da (primeira) teoria da sedução (1897) é um passo decisivo para o advento da teoria psicanalítica e para colocar em primeiro plano as noções de fantasia inconsciente, de realidade psíquica, de sexualidade infantil espontânea etc.” (Laplanche-Pontalis, 2001, p.470).

1932b, p.111) – era proveniente das reflexões ferenczianas acerca de fracassos e resultados terapêuticos incompletos.

As reflexões sobre fracassos e falhas terapêuticas levaram Ferenczi a considerar possíveis negligências quanto ao fator traumático:

As manifestações que qualificarei de impressionantes, as repetições quase alucinatórias de eventos traumáticos, que começavam a acumular-se na minha prática, autorizavam a esperança de que, graças a tal ab-reação²¹, quantidades importantes de afetos **recalcados** se impusessem à vida afetiva consciente e pudessem em breve pôr fim ao surgimento de sintomas. (...) Lamentavelmente, essa esperança só foi realizada de maneira muito imperfeita e mesmo, em diversos casos, encontrei-me em grande apuro. (...) Durante um certo tempo, consolei-me desse embaraço dizendo para mim mesmo, como de costume, que o paciente tinha resistências demasiado fortes, ou que sofria de um recalçamento do qual só podia adquirir consciência e liberar-se por etapas (Ferenczi, 1932b, p.112).

Em outras palavras, esse relato mostra como o autor ainda apostava que o recalque seria o mecanismo central do sofrimento psíquico e que os impasses clínicos poderiam ser dissolvidos de forma mais lenta; mas chegaria um momento em que o recalque poderia ser finalmente trabalhado. Contudo, após um longo tempo de estagnação, ele começou a escutar mais atentamente algumas reclamações de pacientes, por exemplo, quando alegavam que ele estava sendo insensível, frio e duro. Essas acusações o convocavam a refletir sobre o seu posicionamento como analista, mesmo que, conscientemente, ele tivesse boa vontade e disponibilidade de ajudar. Vale ressaltar que tais reclamações eram escassas, provenientes de momentos súbitos de cólera, sendo o comportamento prevalente dos seus pacientes expressões de concordância com as suas colocações, mesmo que, em alguns momentos, eles parecessem confusos com as mesmas.

Essa percepção fez com que Ferenczi notasse um aspecto muito pouco abordado até então, que diz respeito a uma certa submissão do analisando: é muito

²¹ “Descarga emocional pela qual um sujeito se liberta do afeto ligado à recordação de um acontecimento traumático, permitindo assim que ele não se torne ou não continue sendo patogênico. A ab-reação, que pode ser provocada no decorrer da psicoterapia, principalmente sob hipnose, e produzir então um efeito de catarse, também pode surgir de modo espontâneo, separada do traumatismo inicial por um intervalo mais ou menos longo” (Vocabulário de Psicanálise, Laplanche-Pontalis, Martins Fontes, São Paulo, 2001, p.1).

difícil dirigir críticas ao analista. Mas qual seria o motivo dessa submissão? O autor defende a existência de uma falta de sinceridade do analista – uma “hipocrisia profissional”, que o protege de expor as suas dificuldades e impasses diante do paciente. Quando essa hipocrisia é subvertida, por exemplo, no caso do analista que se permite pedir desculpas por um erro cometido, algo surge: “a língua do paciente”. “Simplesmente um chamado para adentrar um território onde não somos tão diferentes nem tão assimétricos” (Schueler Reis, 2017c, p.21).

Entrar em contato com esse aspecto da análise trouxe à tona outro fenômeno da vida do paciente:

A situação analítica, essa fria reserva, a hipocrisia profissional e a antipatia a respeito do paciente que se dissimula por trás dela, e que o doente sente com todos os seus membros, não difere essencialmente do estado de coisas que outrora, ou seja, na infância, o fez adoecer (Ferenczi, 1932b, p.114).

Aqui se encontra a chave para os impasses até então vividos: algo novo surge, por meio da confiança, onde o analista se abre para uma relação mais sincera com o paciente, aberto a críticas e se afastando da “hipocrisia profissional”:

Essa confiança é aquele algo que estabelece o contraste entre o presente e um passado insuportável e traumatogênico. Esse contraste é indispensável para que o passado seja reavivado, não enquanto reprodução alucinatória, mas como lembrança objetiva (Ferenczi, 1932b, p.115).

Ferenczi percebe nas reclamações de seus pacientes a resistência do analista quando este se recusa a reformular ou questionar seu referencial teórico, colocado, muitas vezes, num lugar de segurança inabalável. Ou seja, quando ele não abre mão de seu vocabulário de referência técnica e teórica, que seriam os seus jogos de linguagem. Entretanto, defender de maneira incondicional o seu referencial de jogos de linguagem pode colocar em risco o processo analítico. Ao acessar tal dimensão traumática, abriu-se a possibilidade de trabalhar com um paciente em um estágio de regressão²², no qual este necessita de um analista com vasta benevolência e disposição a amparar. E, se isso faltar, teremos na cena analítica, uma repetição

²² “A regressão é uma noção de uso muito frequente em psicanálise e na psicologia contemporânea; é concebida, a maioria das vezes, como um retorno a formas anteriores do desenvolvimento do pensamento, das relações de objeto e da estruturação do comportamento” (Laplanche-Pontalis, 2001, p.440). “A regressão não é um voltar atrás no tempo, mas trazer o infantil em seu estado nascente ao presente como repetição de sensações, gesto e imagens” (Schueler Reis, 2017c, p.25).

do evento traumático: “[J]ustamente na mesma situação insuportável que, num certo momento, o conduziu à clivagem psíquica e, por fim, à doença” (Ferenczi, 1932b, p.115).

Dessa percepção, podemos entender como, em algumas situações, o paciente em análise fica preso na repetição do evento traumático, aprisionado, como numa tentativa incessante de ser ouvido de forma mais sincera e transformadora.

Aqui, chegamos a um elemento muito forte das reflexões ferenczianas, que é a dimensão dos afetos do analista. Ferenczi defende que as sensações que, agora, o analista precisa expor não podem ser teatrais, forjadas. Precisam ser sentimentos sinceros, pois isso é percebido pelo paciente, seja pelo tom de voz, pela escolha das palavras etc.: os pensamentos e emoções do analista podem ser captados de alguma forma.

Sentir de maneira sincera é a chave para se trabalhar o fator traumático. Essa é uma virada diante do pensamento freudiano da época, uma vez que a veracidade das vivências traumáticas relatadas por seus pacientes já não tinha mais tanta importância²³. Já para Ferenczi, acreditar verdadeiramente nos relatos era algo fundamental, já que estava cada vez mais convencido do fator patogênico do traumatismo sexual:

A objeção, a saber, que se trataria de fantasias da própria criança, ou seja, mentiras históricas, perde lamentavelmente sua força, em consequência do número considerável de pacientes, em análise, que confessam ter mantidos relações sexuais com crianças (Ferenczi, 1932b, p.116).

Ferenczi descreve o trauma desestruturante por meio da seguinte configuração: há um amor entre criança e adulto. Desse amor, a criança cria fantasias lúdicas; e, nesse jogo lúdico, surge uma eroticidade, mas sempre no nível da ternura. Por outro lado, um adulto com tendências psicopatológicas entende o amor erotizado de forma deturpada, vendo na criança e suas brincadeiras infantis

²³ Como já descrito em nota anterior acerca da segunda teoria da fantasia (nota de rodapé 20).

uma pessoa que atingiu a maturidade sexual; assim, deixa-se levar e age com ela como se estivesse diante de um outro adulto²⁴:

Para Ferenczi, a ternura é a forma específica do erotismo infantil, que não pode ser reduzida à satisfação das pulsões parciais auto-eróticas, e que não deve ser confundida com a paixão adulta. No texto *Confusão de língua entre os adultos e a criança*, Ferenczi considera que a origem do trauma estaria num choque ou comoção psíquica sofrida por uma criança no estágio da linguagem da ternura, devido a um abuso por parte de um adulto. Esse abuso consiste em uma violência – geralmente sexual, embora possa ser também uma punição ou uma total privação de amor – ao responder com a linguagem da paixão a uma demanda de amor e ternura do infante. A impossibilidade de esboçar qualquer reação aloplástica, leva a criança a se submeter à vontade do agressor, se identificando com ele (Lejarraga, 2002, p.119).

Nesse tipo de experiência, pode-se supor que as crianças são esmagadas e emudecidas pela violência e força do adulto:

Mas esse medo, quando atinge seu ponto culminante, obriga-as a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas, a identificar-se totalmente com o agressor. (...) [S]eja como for, a agressão deixa de existir enquanto realidade exterior e estereotipada e, no decorrer do transe traumático, a criança consegue manter a situação de ternura anterior. (Ferenczi, 1932b, p.117).

Só que a tentativa de recuperar a ternura prévia não consegue prevenir que também seja incorporado²⁵ pela criança o sentimento de culpa do agressor e, desta forma, ela se encontra num estado cindido, no qual a confiança quanto aos seus sentidos é perdida. Essa divisão do ego, que aqui denominamos clivagem, não pode ser entendida por meio da ideia de lembrança encobridora ou recalcada, que tem

²⁴ Uma passagem do seu *Diário Clínico* parece elucidar esse tema: “A experiência a propósito do efeito traumático de agressões genitais por parte dos adultos contra as crianças obriga-me a modificar a concepção psicanalítica até agora admitida da sexualidade infantil. O fato de que existe uma sexualidade infantil permanece evidentemente intangível, mas uma grande parte do que se apresenta como passional na sexualidade infantil poderia ser a consequência secundária de uma violência passional dos adultos, imposta às crianças contra a vontade delas, implantada de certo modo artificialmente nas crianças” (Ferenczi, 1990, p.115).

²⁵ “M.Torok considera que, embora Ferenczi utilize a expressão “introjeção do agressor” em 1932, o termo mais apropriado seria “incorporação do agressor”, já que o conceito de introjeção definido por Ferenczi se refere à apropriação do sentido do objeto. A identificação com o agressor, como reação ao trauma, não permite essa apropriação de sentido, ou seja, a introjeção. Assim a “incorporação” denota que não houve introjeção, instalando no eu o “fantasma da introjeção” (Lejarraga, 2002, p.139).

seu representante inconsciente. Neste caso, há uma ruptura como tentativa de sobrevivência.

O desmentido já foi apresentado na Introdução e, como vimos, tem papel central na constituição do trauma desestruturante. Muitas vezes o abuso sofrido pela criança vem de um adulto de sua confiança, o que lhe tira todo o referencial. Este adulto, muitas vezes, é alguém de quem o infante recebeu seus primeiros cuidados, e que lhe nega qualquer compreensão do experienciado. Além disso, muitas vezes os outros adultos ao se redor também lhe recusam qualquer amparo quanto ao vivido, e negam, ao ocultar ou por não conseguirem ver, a violência sofrida. Esta falha no entorno da criança a obriga encontrar sozinha um caminho para sobreviver a tal violência, e muitas vezes, neste processo tenta se reencontrar com sua linguagem da ternura, mas, inevitavelmente também já foi inserida abruptamente na linguagem da paixão adulta. E assim, ocorre o que Ferenczi chama de confusão de línguas:

Se a criança se recupera de tal agressão, ficará sentindo, no entanto, uma enorme confusão; a bem dizer, já está dividida, ao mesmo tempo inocente e culpada e sua confiança no testemunho de seus próprios sentidos está desfeita (Ferenczi, 1932b, p.117).

Uma poesia de Wislawa Szymborska, *Autotomia*²⁶, nos permite acessar a dimensão da clivagem em Ferenczi, ao falar da capacidade que alguns animais possuem de se automutilarem como forma de conservação (autotomia):

Diante do perigo, a holotúria se divide em duas:
deixando uma sua metade ser devorada pelo mundo,
salvando-se com a outra metade.
Ela se bifurca subitamente em naufrágio e salvação,
em resgate e promessa, no que foi e no que será.
No centro do seu corpo irrompe um precipício
de duas bordas que se tornam estranhas uma à outra.

²⁶Disponível em <http://revistamododeusar.blogspot.com.br/2012/02/wislawa-szymborska-1923-2012.html>, acessado em 31 de julho de 2017.

Sobre uma das bordas, a morte, sobre outra, a vida.
 Aqui o desespero, ali a coragem.
 Se há balança, nenhum prato pesa mais que o outro.
 Se há justiça, ei-la aqui.
 Morrer apenas o estritamente necessário, sem ultrapassar a medida.
 Renascer o tanto preciso a partir do resto que se preservou.
 Nós também sabemos nos dividir, é verdade.
 Mas apenas em corpo e sussurros partidos.
 Em corpo e poesia.
 Aqui a garganta, do outro lado, o riso,
 leve, logo abafado.
 Aqui o coração pesado, ali o Não Morrer Demais,
 três pequenas palavras que são as três plumas de um vôo.
 O abismo não nos divide.
 O abismo nos cerca.
 “(Tradução Coletiva)”

Essa poesia trata exatamente da experiência psíquica de clivagem trabalhada por Ferenczi: ele mesmo utiliza, na sua obra, a descrição da autotomia para falar dessa questão (Ferenczi, 1924c). Suas percepções clínicas o levam a captar algo que não pode ser abarcado pelo dispositivo do recalque. Não se trata de encontrar representantes inconscientes que foram subtraídos da consciência e que resvalam, de alguma forma, na consciência, clamando por serem descobertos. Na clivagem psíquica, a experiência traumática rompe todas as fronteiras entre o subjetivo e o mundo externo, cindindo e se reinventando como forma de sobrevivência. Algo morre para que se possa permanecer vivo.

A análise não trata, aqui, de reavivar o que morreu, mas de reconhecer essa existência que sobreviveu a uma morte de si. Nesse sentido, não se requer apenas habilidades interpretativas do analista, mas a capacidade de conexão com uma subjetividade que busca reconhecimento, pois aquela parte do agressor que foi incorporada pelo “eu” segue, lentamente, tentando engolir e fazer sucumbir aquela que sobreviveu. Retirar o paciente dessa luta de duas partes tão distintas não implica que elas devam reconhecer-se, como podemos associar ao trabalho no recalque. Implica, sim, legitimar o que foi desmentido e que precisa ter voz para deixar de

ser somente uma sobrevivência (o que nunca deixará de ser, de alguma maneira) e se tornar uma forma de existência possível.

Para finalizar, trago uma passagem bastante inspiradora do *Confusão de língua entre os adultos e a criança*:

(...) e se pudessem seguir o meu conselho de atribuir, doravante, mais importância à maneira de pensar e de falar dos seus filhos, pacientes e alunos, por trás da qual escondem-se críticas, e dessa forma soltar-lhes a língua e ter a ocasião de aprender uma porção de coisas (Ferenczi, 1932b, p.121).

Nesta seção, trabalhou-se uma indagação inicial de Ferenczi quanto ao desencontro entre crianças e adultos. Vimos o seu olhar direcionar-se, inicialmente, para o recalque, e a sua resposta para tal indagação pautava-se numa distinção entre as relações simbólicas profundas e os símbolos autênticos. Ao avançar na sua técnica, diante dos impasses e questões postas pelos seus pacientes, algo se expande. A relação entre analista e paciente ganha destaque, evidenciando outra face do sofrimento psíquico, que não pode ser abrangida pelo recalque. Essa outra face é a clivagem, resposta a vivências traumáticas, que convocaram Ferenczi a perceber a importância de novas abordagens clínicas.

Nesta parte da tese, transitei por dois textos que se situam em momentos muito distantes cronologicamente, o que pode parecer um salto um pouco abrupto. Contudo, o intuito, neste momento, foi situar dois mecanismos importantes e as mudanças nos jogos de linguagem, que mostram como as reflexões ferenczianas foram tomando outro rumo, acompanhando as convocações clínicas, que o faziam repensar suas intuições iniciais.

O objetivo central nesta seção foi apresentar – por meio de uma importante inspiração ferencziana acerca da confusão de língua entre crianças e adultos – como esse tema foi pensado em dois diferentes contextos da obra de Ferenczi e como a mudança nos jogos de linguagem nos permite acompanhar as transformações nas suas elaborações. O trabalho proposto foi um panorama de importantes tópicos, que serão aprofundados a seguir. Adiantou-se alguns passos para introduzir a questão

e, agora, segue-se para o trabalho que buscará as minúcias do processo aqui pontuado. Um passo atrás que nos guiará num percurso mais detalhado.

Agora, prosseguiremos para o terceiro capítulo, que tem como principal objetivo um mergulho na obra ferencziana dentro de um percurso cronológico. Buscarei evidenciar a cadência e nuances da construção dos jogos de linguagens, de acordo com as influências dos mecanismos de recalque e clivagem. Para esta leitura, proporei uma distinção entre “lógica do recalque” e “lógica da clivagem”.

3

Jogos de linguagem na obra ferencziana

3.1.

Lógica do recalque e lógica da clivagem

Os dois primeiros volumes das *Obras Completas* de Ferenczi são compostos por importantes artigos, nos quais está o cerne das questões centrais que permeiam toda a sua obra, como, por exemplo, *Transferência e introjeção* (Ferenczi, 1909b) e *Desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1903a). Entretanto, também é importante notar que, nesses volumes, há um grande foco nas primeiras descobertas psicanalíticas; um posicionamento muito admirado diante da possibilidade da tomada de consciência – quanto aos complexos de representações escondidos – como um importante caminho em direção à cura (Ferenczi, 1909a). Também é preciso ressaltar as expressões de admiração e gratidão a Freud. Em muitos momentos, os seus escritos focam na tentativa de elucidação e defesa da empreitada freudiana.

Ferenczi buscou esclarecer as primeiras elaborações freudianas e trazer muitos exemplos que as confirmassem. Nos volumes I e II da sua obra, estamos em um momento de generalizações e de um olhar atento aos diversos processos de simbolização que ocorrem por meio do mecanismo de recalque e que acarretam em sintomas. Grande parte dos títulos contêm a palavra “símbolo” ou alguma derivação, o que pode nos demonstrar um foco acentuado na questão da “sobredeterminação do sintoma” (Ferenczi, 1912a). Uma passagem de *Crítica de Metamorfoses e símbolos da libido, de Jung* (Ferenczi, 1913) parece descrever bem o que dizemos:

O desenvolvimento do psiquismo não se assemelha à eclosão de uma bolha, cuja película significaria o presente e cujo interior conteria apenas um vazio no lugar do passado; é mais comparável ao crescimento de uma árvore, onde as sucessivas camadas de todo o passado continuam vivendo sob a casca (Ferenczi, 1913, p.107).

Sob essa ótica, todo o trabalho psicanalítico se volta para um trabalho de interpretação das diversas camadas sobrepostas, e para trazer à tona aquelas que são

as origens dos sintomas. Dessa forma, a cura psicanalítica pautava-se em trazer à consciência as camadas obscuras dos desejos inconscientes. A tentativa de buscar significações gerais pode ser lida como um esforço para elaborar teoricamente dentro de um contexto que se preocupava fortemente com o aspecto de cientificidade da psicanálise, tendo como foco os resultados gerais dessa ciência.

Neste capítulo, proponho um estudo cronológico, com o objetivo de acompanhar o percurso criativo do autor e o entrelaçamento dos jogos de linguagem que se transformam ao longo do tempo, buscando captar como a ética e eficácia clínica foram elementos de “empuxo” que viabilizaram a construção de um vocabulário muito próprio.

A leitura cronológica proposta neste capítulo permite-nos ter uma dimensão histórica da elaboração de alguns conceitos, que não podem ser lidos de forma uníssona ao longo de toda a obra; algumas palavras não são tomadas de forma muito precisa e passam por transformações ao longo do tempo. Defendo que, na primeira fase da obra de Ferenczi, estamos predominantemente dentro da “lógica do recalque” e, paulatinamente, ao entrarmos no terceiro volume da sua obra, começamos a perceber a “lógica da clivagem” ganhar enfoque. A lógica do recalque pode ser definida como um vocabulário proposto no qual prevalece o que Balint chama de “contribuições para a técnica clássica” (Balint, 1967, p. XXV). Já a lógica da clivagem é algo que se destaca mais claramente no quarto volume da obra, quando a definição de trauma ganha centralidade. Contudo, já no terceiro volume, vemos surgir importantes questionamentos quanto a funcionamentos psíquicos que não podem ser associados à lógica simbólica do recalque, o que nos direciona para o que defendemos ser a lógica da clivagem.

Essa diferenciação proposta é bastante complexa, já que o uso de alguns termos é difuso; muitas vezes, é necessário ter cautela ao tomar uma posição fixa e precisa sobre aquilo a que Ferenczi estaria se referindo em determinado texto. Na verdade, tentar organizar o pensamento ferencziano a partir de uma divisão precisa de duas lógicas pode ser algo precário diante da complexidade da sua obra: definir de maneira muito delimitada os tempos de certos conceitos pode parecer um empobrecimento do seu pensamento, que é tão livre. Contudo, sugerir a ideia de

que existem lógicas distintas norteando o autor pode ser uma ferramenta útil para desembaraçarmos algumas nebulosidades e ganharmos uma perspectiva mais atenta ao seu processo criativo e os seus desdobramentos ao longo do tempo. É muito claro que a sua escrita profundamente autoral sempre se fez presente. Mesmo os primeiros volumes já são trabalhos inovadores, que não apenas edificam o legado de Freud, mas também propõem importantes expansões no campo psicanalítico.

No entanto, sinto que tenho um compromisso, nesta tese, de lançar luz sobre algumas possíveis confusões que a obra ferencziana pode causar, já que ainda temos tanto a desbravar nos seus textos. Assim como temos marcadores importantes em Freud, como a “segunda teoria de sedução”²⁷ e os textos “da segunda tópica”, quando foi formulado o conceito de pulsão de morte, apontar alguns marcadores na obra de Ferenczi pode nos auxiliar a nos situarmos em nossas leituras; não somente no sentido de “reduzir” os textos a essa lente de leitura, mas de enfatizar como a sua obra foi tomando força pela sua ousadia, cada vez mais apoiada na sua preocupação com a eficácia clínica.

Como defendido por Jô Gondar, “as subjetividades reais não se encaixam em nenhuma estrutura clínica com limites precisos” (Gondar, 2017b, p.36). Por isso, distinguir essas duas lógicas não diz respeito somente a privilegiar um ou outro modo de subjetivação, como se pudéssemos diferenciar claramente “sujeitos recalçados” de “sujeitos clivados”. A diferenciação proposta objetiva vermos mais nitidamente um novo vocabulário se desenvolver à medida que novos elementos ganham destaque no trabalho ferencziano, ampliando o seu olhar clínico para os quadros psíquicos em geral. A sua proposta não parece ser somente criar uma clínica para “sujeitos fragmentados”. A lógica da clivagem abarca toda a experimentação clínica de Ferenczi.

Não há interesse, por parte do autor, em demarcar uma diferenciação precisa entre as neuroses clássicas (histeria e neurose obsessiva), nas quais prevalece o recalque, e o trauma desmentido, presente nas subjetivações clivadas. Talvez possamos afirmar que essa diferenciação proposta incide diretamente nas

²⁷ Descrita na nota de rodapé 20.

transformações técnicas pelas quais a sua clínica passou. Na lógica do recalque, existe um privilégio da interpretação, como forma de desvendar o sentido oculto de um desejo recalçado. Já na lógica da clivagem, prevalece o tratamento por meio da relação que se constrói entre o analista e o paciente, sem privilegiar nenhuma etapa evolutiva do desenvolvimento, e elevando para o mesmo nível todos os tipos de linguagem: gestual, do silêncio, do corpo. Retira-se, assim, a linguagem verbal de um lugar de primazia e amplia-se o escopo da linguagem e da comunicação, como algo complexo e misturado²⁸:

As perguntas intempestivas, as pequenas movimentações durante a sessão com alterações de postura e de estados sensoriais, tudo isso pode configurar um espaço de jogo em que algo pode ser inventado e não só rememorado.

O *acting* é negatizado na doutrina psicanalítica mais clássica, pois esta considera que a palavra tem a prerrogativa de dizer a verdade do sujeito. Esse privilégio da palavra se insere em um campo de pensamento que define uma certa linguagem como marca distintiva que separa o humano da natureza (Schueler Reis, 2017c, p.25).

Além disso, defendo, aqui, que a dimensão de jogo de linguagem também pode ser pensada no que diz respeito ao próprio processo autoral de Ferenczi. Ele teve uma profunda relação de amizade com Freud; foi seu paciente, seu confidente, mas ter sido seu discípulo foi, fundamentalmente, algo de bastante peso. Não somente por causa da admiração pela obra genial do seu mestre, mas também pela gratidão e respeito por todas as descobertas que tiveram os seus caminhos abertos por Freud. Pensar criativamente, no primeiro momento da sua obra, era dialogar diretamente com as descobertas freudianas. O jogo de linguagem que era resultado do seu processo criativo tinha sempre como pano de fundo essa dimensão. Neste ponto, cito uma passagem do prefácio tardio de *A origem da tragédia* de Nietzsche, quando ele diz:

²⁸ Esse ponto poderia motivar grandes desdobramentos, pois gera uma abertura de questões. Contudo, penso que é oportuno pontuar de forma breve que esses mecanismos aparecem bastante misturados, por exemplo, no seu *Diário Clínico*, momento no qual as subjetivações clivadas e a sua inovadora técnica de relaxamento e neocatarse estão em destaque. No entanto, o recalçamento continua a aparecer “misturado” nas suas formulações, e as suas técnicas experimentais se veem expandidas para o campo da neurose histérica, por exemplo, que tem, nos seus primórdios, o recalque como funcionamento “central”. Exemplo: na passagem datada de 20 de março de 1932 (Ferenczi, 1990, p.99), fala-se da crise histérica e aponta-se uma aplicação da sua técnica do relaxamento, que atinge partes clivadas do ego. Isso significa que a sua técnica desenvolvida dentro do que denomino de lógica da clivagem também é expandida para as neuroses clássicas do recalque.

Quanto lamento agora que não tivesse então a coragem (ou a imodéstia?) de permitir-me, em todos os sentidos, também uma linguagem própria para intuições e atrevimentos tão próprios – que eu tentasse exprimir penosamente, com fórmulas schopenhaurianas e kantianas, estranhas a novas valorações, que iam desde a base contra o espírito de Kant e Schopenhauer, assim como contra seu gosto! (Nietzsche, 2007, p.18).

Nietzsche se arrepende de não ter podido escrever a sua obra dentro do espírito no qual se baseavam as suas reflexões, pois se viu ainda preso aos conceitos e à linguagem dos sistemas de pensamento que queria superar. No caso de Ferenczi, parece oportuno afirmar que encontrar uma linguagem própria fez parte de um processo criativo, no qual se apropriar das suas perspectivas e das suas convocações clínicas era, também, compreender que alguns rumos poderiam levar a outros olhares na psicanálise, que não necessariamente iriam ao encontro do seu mestre.

Esse olhar sobre o processo criativo e as suas transformações ao longo da obra de Ferenczi também pode ser entendido como uma estratégia escolhida no que tange ao objetivo central da tese, pois esses marcadores nos permitirão sentir uma cadência que diz respeito aos jogos de linguagem criados, como forma de acessar a subjetividade do paciente e, também, do analista.

Entraremos, agora, na seção – a maior desta tese – que tomará a obra de Ferenczi dentro da cronologia na qual foi publicada. Até o presente momento, transitamos pela obra do autor livremente, trazendo textos de contextos variados para abordar as temáticas centrais e desenhar o corpo de reflexão proposto. Agora, será necessário um aporte cronológico para entrarmos em maior contato com o processo criativo do autor e as suas transformações no tempo.

3.2. Jogos de linguagem no universo ferencziano

Agora partiremos, especificamente, para uma abordagem mais aprofundada dos textos de Ferenczi. Seguiremos a ordem cronológica, tomando como ponto de partida os dois primeiros volumes da sua obra.

Como já mencionado, os dois primeiros volumes podem ser definidos dentro de uma fase onde prevalece a lógica do recalque, uma busca pelo “escondido” no inconsciente, que também acarreta em um aspecto desenvolvimentista dos processos psíquicos. A capacidade de jogar, criar e acompanhar junto ao paciente a possibilidade de novos jogos de linguagem ainda não pode ser facilmente destacada. Contudo, já é possível encontrar sementes que estavam sendo plantadas, permitindo a construção de um terreno fértil para esse tipo de experimentação.

Um dos aspectos da prática clínica de Ferenczi que já apontava para o que defendemos surgir posteriormente como central para a sua ética é o elemento da regressão. Quando Ferenczi escuta seu paciente, ele tenta chegar ao tempo em que o seu paciente está. Acredita que o tempo de existência no qual um determinado sintoma se situa não é mera invenção, sendo importante nos reportarmos à vivência do analisando. Ele valida de maneira muito especial essa questão.

O elemento regressivo – que, desde sempre, se apresenta de forma central – é um ponto facilitador para acessarmos a capacidade de jogar de Ferenczi nos primeiros dois volumes da sua obra. Ele se lança na temporalidade do paciente: propõe-se a entrar em uma máquina do tempo, captando de maneiras bastante sutis, em que tempo de sua existência o paciente se refere. Ferenczi confia plenamente que para onde o paciente regride ou se fixa é um tempo que verdadeiramente existiu. Por meio de todos os aspectos relacionais da análise, tenta acessar esse período da vida e busca elementos de compreensão, visto que esse tempo é importante.

Um texto central do primeiro volume, intitulado *Palavras obscenas. Contribuição para a psicologia do período de latência* (Ferenczi, 1911), tem como pano de fundo dois elementos que nos interessam bastante, que são a linguagem e a sua dimensão regressiva. A partir de um comportamento percebido nos seus pacientes, Ferenczi lança um olhar sobre algo que acredita ser de interesse geral na esfera psicológica: as palavras obscenas nos geram mais constrangimento ao serem pronunciadas do que as palavras “normais”.

Ferenczi parte do seu próprio constrangimento frente a certas palavras, e da sua percepção dessa mesma dificuldade em muitos pacientes. Ele se propôs a fazer um exame aprofundado dos seus pacientes e de si próprio para conseguir trabalhar tal questão:

Essa dupla investigação levou-me à conclusão de que existe uma estreita associação entre os termos sexuais e excrementícios vulgares (obscenos) – os únicos que a criança conhece – e o complexo nuclear, profundamente recalcado, do neurótico e do indivíduo são (na esteira de Freud, designo por complexo nuclear o complexo de Édipo) (...) a concepção infantil das relações sexuais entre os pais, do processo de nascimento e das funções animais, ou seja, a teoria sexual infantil, começa por exprimir-se em termos populares (...) portanto, essa é a formulação que será mais severamente atingida pela censura moral e pela barreira do incesto que, mais tarde, virão recalcar essas teorias (Ferenczi, 1911, p.127).

Contudo, a dimensão recalcadora de tais teorias infantis não parecia responder à questão da materialidade e da presentificação da palavra obscena, que “(...) encerra um poder particular que obriga, de algum modo, o ouvinte a imaginar o objeto denominado, o órgão ou as funções sexuais, em sua realidade material” (Ferenczi, 1911, p.128).

Ferenczi observa que os termos técnicos e científicos não causam o mesmo efeito das palavras obscenas designadas a um mesmo órgão ou ação, não tendo o poder de provocar imagens mnêmicas, assim como o fazem os vocabulários mais primitivos e eróticos. As palavras obscenas parecem possuir um elemento regressivo e alucinatório peculiar que não encontramos nos seus sinônimos técnicos e científicos. No entanto, podemos supor a existência de algo – que as palavras obscenas suscitam – que aponta para um estágio mais primitivo do desenvolvimento psíquico, que pode se estender a todas as palavras.

Algo que podemos entender desde Freud (Freud, 1927) é que “toda representação tem por motivação fundamental o desejo de fazer cessar o sofrimento causado pela frustração, revivendo uma satisfação sentida outrora” (Ferenczi, 1911, p.128). Por exemplo, no estágio primitivo de desenvolvimento, o ser humano – no caso, o bebê –, ao vivenciar a frustração de uma necessidade não alcançada, por meio de regressão, alucina uma satisfação experimentada outrora (período da

onipotência alucinatória mágica²⁹). Por via da alucinação, tal representação causará no bebê a sensação de satisfação desejada como se fosse real, o que é designado por Freud como “identidade perceptiva”. Somente após um processo de complexificação de sua experiência é que a criança irá aprender a diferenciar a satisfação real da representação ilusória, ou seja, saberá distinguir objetos reais³⁰ de objetos ilusórios. E o ponto culminante dessa complexificação é o pensamento abstrato, verbalizado. O pensamento abstrato pode ser entendido como as imagens mnêmicas representadas por signos verbais. Contudo, é importante frisar que:

Além da duração relativamente importante do tempo requerido para a aprendizagem da fala, parece que os signos verbais que substituem as representações, ou seja, as palavras, conservam por largo tempo sua tendência para a regressão. Essa tendência atenua-se, sem dúvida, progressivamente ou por etapas, até atingir a capacidade de representação e pensamentos “abstratos”, praticamente livres de elementos alucinatórios (Ferenczi, 1911, p.129).

No processo de desenvolvimento intelectual, podem coexistir a tendência de reviver regressivamente as representações e a habilidade do pensamento por signos verbais; assim, a criança pode experimentar em vários momentos, ainda, alguma imperfeição para distinguir objetos como elementos alucinatórios e objetos reais.

Podemos supor, por meio dessa coexistência de objetos representados e objetos reais, que a fronteira que os distingue não é perfeitamente delimitável, apontando para uma tendência do psiquismo para funcionar de um modo primário regressivo, no qual a palavra contém um aspecto fortemente sensorial. Algumas pistas sobre esse elemento sensorial e alucinatório contido nas palavras podem ser captadas, por exemplo, quando Freud, na *Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900-1901), diz que as representações oníricas não são um pensamento verbalizado, mas uma alucinação. A este elemento regressivo Ferenczi dá o nome de “persistência da representação verbal num nível inferior” (Ferenczi, 1911, p.130).

²⁹ Este conceito será melhor explicado em sequência, quando tratarmos do texto *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913a).

³⁰ Quanto ao termo “objetos reais”, me refiro ao objeto externo.

Outro ângulo proposto para perceber essa dimensão sensorial da palavra é refletir sobre o polo ativo, ou seja, pensar sobre aquele que profere uma palavra obscena. Novamente, Ferenczi se refere a Freud no seu texto sobre os *Chistes* (Freud, 1927), no qual ele defende que as palavras obscenas ditas são, muitas vezes, uma agressão sexual, que desnudam a pessoa a quem se direcionam:

Enunciar uma indecência verbal representa, portanto, num grau mais acentuado, o que está apenas esboçado na maioria das palavras, a saber, que toda fala tem sua origem numa ação que não aconteceu. Mas, ao passo que as palavras correntes só contêm o elemento motor da representação verbal na forma de impulso nervoso reduzido a “mímica da representação”, a formulação de um gracejo indecente ainda nos dá a nítida impressão de cometer uma ação (Ferenczi, 1911, p.130).

Esses elementos sensoriais e motores de algumas palavras – que nos orientam para a percepção de algo presente em toda representação verbal, mesmo que remotamente –apontam para um distúrbio no desenvolvimento, quando as palavras obscenas fixam-se num nível de desenvolvimento da linguagem mais primitivo. Tal distúrbio pode ser melhor compreendido à luz do período de latência. A sexualidade infantil (inicialmente, perverso-poliforma) passa por um período de latência, no qual predominam a aversão, o pudor e a moral, e a criança passa a ter interesse por realizações culturais.

Ferenczi defende que o início do período de latência é um momento no qual a linguagem ainda tem uma forte tendência para a regressão, principalmente o vocabulário sexual. Nesse momento, quando forças recalcadoras tomam conta e suprimem uma vivência mais libertária da criança quanto aos seus desejos e corpo, é possível supor que o recalque se faz presente, ao congelar as palavras tidas como obscenas neste tempo mais primitivo do desenvolvimento linguístico:

A psicanálise dos neuróticos ensinou-me que o material psíquico reprimido ou recalcado³¹ pelos bloqueios das associações torna-se efetivamente na vida mental um “corpo estranho” que é incapaz de crescimento orgânico e de desenvolvimento; sei igualmente que o conteúdo desses “complexos” não participa no desenvolvimento e estruturação do resto do indivíduo. (...) a fase de latência provoca, de fato, uma inibição isolada do desenvolvimento de certos complexos recalcados,

³¹ Como será pontuado no capítulo 5, “Considerações finais”, há certa imprecisão conceitual neste termo. Na leitura que aqui se propõe, a discussão desta citação encontra-se na esfera do recalque.

o que torna bastante admissível a intervenção de um processo idêntico no desenvolvimento das representações verbais que passam para o estado de latência (Ferenczi, 1911, p.133-134).

Ao pensarmos nessa etapa de latência, conseguimos compreender por que algumas palavras, ao serem recalçadas, conservam um caráter regressivo. O autor define isso como uma anormalidade que pode nos dizer um pouco sobre a história de todas as palavras.

É neste ponto que podemos entender por que Ferenczi nos propõe o entendimento que tanto as palavras obscenas como as comuns compartilham uma mesma natureza em um determinado estágio do desenvolvimento, que seria o caráter tangível, sensorial próprio de todas as palavras, como elemento regressivo alucinatório, ou seja, um momento onde teria uma forte conexão entre as palavras e as coisas.

O que aqui nesse texto ainda está denominado como “distúrbio no desenvolvimento” e que Ferenczi define como uma dimensão mais primitiva da linguagem, é um germe daquilo que, mais adiante, estará no cerne da sua obra. Enquanto prevalece o que definimos como a lógica do recalque, parece preponderar, mesmo que nem sempre declarado, uma primazia da linguagem verbal depurada do elemento regressivo, que vemos conservado na palavra obscena.

As questões que pretendo levantar acerca do que prevalece em perspectiva nesse artigo também estão presentes no próximo texto que será apresentado, que é *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (Ferenczi, 1913a).

Em *Palavras obscenas*, vemos um olhar sobre uma certa anomalia que ocorre em algumas palavras, decorrente de falhas nas etapas do desenvolvimento da linguagem, relacionadas a importantes aspectos das esferas emocionais. No artigo que iremos analisar a seguir, Ferenczi parece dar prosseguimento a essa empreitada.

Seu ponto de partida é uma interlocução com o tema tratado por Freud no seu texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (Freud, 1911), em que são trabalhados os conceitos de princípio de prazer e princípio de realidade. Somente para situar o leitor na temática do texto freudiano, podemos definir o princípio de prazer como aquele presente no estágio de desenvolvimento no qual as atividades psíquicas afastam-se de qualquer evento que possa despertar desprazer (Freud, 1911, p. 278). Os bebês, por exemplo, no seu início de vida, têm as suas necessidades satisfeitas de maneira quase imediata, de forma a se manterem num estado que os protege das sensações de desprazer. Contudo, com o passar do tempo, o bebê vai crescendo, as suas necessidades vão se complexificando e as frustrações começam a ser vivenciadas. Nem tudo pode ser atendido de imediato. A condição de satisfação plena vai cedendo espaço para uma vivência mais complexa, na qual se perde a condição de onipotência e uma realidade externa começa a ser percebida. É somente com a ausência persistente da satisfação esperada que o psiquismo precisa se adaptar ao estado real do mundo externo e a processar a modificação real do mesmo. E é aí que se instaura o princípio de realidade.

Essa apresentação do artigo de Freud foi feita de forma bastante resumida, apenas para nos localizar o ponto do qual parte Ferenczi no seu texto *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (Ferenczi, 1913a), que é, agora, o nosso foco de atenção.

Ferenczi aponta que Freud, ao falar dos princípios de prazer e de realidade, foca-se em nos apresentar uma distinção entre ambos, mas, mesmo ao levar em consideração a existência de estágios intermediários e a possibilidade de coexistência dos mesmos, não aprofunda a questão no que diz respeito ao processo de surgimento do princípio de realidade: este se dá de maneira progressiva e em etapas? E, mais, seria possível distinguir tais etapas?

As duas perguntas acima sinalizam a tentativa ferencziana de ampliar o entendimento sobre esses dois estágios, de forma a viabilizar um maior alcance sobre a compreensão dos mesmos na vida psíquica normal e patológica (Ferenczi, 1913a, p.46). O autor defende que, em *Observações sobre um caso de neurose obsessiva*, que é o seu artigo que fala do “homem dos ratos” (Freud, 1909), Freud

nos fornece *insights* importantes para essas lacunas percebidas quanto à concepção teórica do princípio de realidade.

Visto que teremos a neurose obsessiva como importante pano de fundo, proponho uma rápida apresentação desse mecanismo, tendo como base o artigo *As neuropsicoses de defesa* (Freud, 1894).

Na neurose obsessiva, diferentemente do mecanismo histérico da conversão³², a ideia psiquicamente incompatível tem o seu afeto mantido na consciência. O que ocorre é que a ideia conflituosa se enfraquece e o seu afeto associa-se a outra ideia que não seja incompatível, e são essas que se desenvolvem como obsessivas.

Os pontos centrais de sua teoria podem ser descritos pelo relato de uma paciente: “Aconteceu-me uma coisa muito desagradável e tentei arduamente afastá-la de mim, e não pensar mais nela. Finalmente consegui; mas então contraí essa outra coisa, de que não pude livrar-me desde essa época” (Freud, 1894, p. 65).

A ideia substituta que se conecta com o afeto liberado (conexão secundária) pode ser qualquer ideia de natureza compatível com a qualidade do afeto em questão, ou que tenha alguma relação com a ideia incompatível:

Assim, por exemplo, a ansiedade liberada, cuja origem sexual o paciente não deve lembrar, vincula-se às fobias primárias comuns da espécie humana quanto a animais, tempestades, escuridão, e assim por diante, ou quanto às coisas inequivocamente associadas, de um ou outro modo, ao que é sexual – tais como a micção, defecção ou, de um modo geral, a sujeira e o contágio (Freud, 1894, p. 67).

Nesse artigo, o foco está em entender o mecanismo básico do deslocamento de afetos na neurose obsessiva, mas existe outro aspecto muito importante a ser considerado: os obsessivos não conseguem prescindir da sua crença na onipotência dos seus pensamentos para o bem ou para o mal. Tal crença não é questionada, mesmo quando alguns eventos a colocam em xeque ou, até mesmo, quando

³² Logo a seguir, na página 79, o mecanismo histérico de conversão será melhor explicado.

conseguem desenvolver raciocínios lógicos que questionem a força do seu pensamento. Nada é capaz de fazer com que essa onipotência sucumba.

Partindo da crença de onipotência dos obsessivos e tirando um pouco o foco da questão do deslocamento de afetos, Ferenczi inicia a sua viagem na construção das possíveis etapas de desenvolvimento do princípio de realidade ainda não desbravadas:

A neurose obsessiva é um retorno da vida psíquica a uma etapa infantil do desenvolvimento, caracterizada, entre outras coisas, pelo fato de que a atividade de inibição, de adiantamento e de elaboração do pensamento ainda não se interpôs entre o desejo e a ação e de que o desejo é espontânea e infalivelmente seguido do gesto próprio para realizá-lo: um movimento de evitação da fonte de desprazer ou a aproximação da fonte de prazer (Ferenczi, 1913a, p.47).

Em relação a esta onipotência do obsessivo, apontando para um estágio da vida infantil no qual seus gestos são seguidos de uma resposta imediata, Ferenczi levanta uma questão:

Onde a criança adquiriu a audácia suficiente para assimilar pensamento e ação? De onde vem essa naturalidade com que estende a mão para não importa que objeto, seja a lâmpada suspensa acima dela ou a lua que brilha ao longe, com a esperança certa de alcançá-las e de se apoderar delas por esse gesto? (Ferenczi, 1913a, p.47).

Ainda citando Freud, ele lembra que o obsessivo confessa francamente uma parte da sua megalomania infantil na sua fantasia de onipotência. Enquanto que Freud qualifica como ficção a condição de escravidão ao princípio de prazer, no qual a realidade externa é desprezada, Ferenczi traz um novo elemento não ficcional para a cena, quando aposta que essa onipotência encontrada tanto nos bebês quanto nos obsessivos é proveniente de uma experiência efetivamente vivida.

Esse é um ponto importante, pois estamos diante de um dos germes daquilo que defendo ser mais autoral e complexo no autor, que veremos de forma mais proeminente na segunda metade da sua obra. Neste momento, já podemos captar o que chamo de sua capacidade de jogar com o paciente. A sua escuta de um estado

experimentado pelos seus pacientes, a capacidade de levá-lo em consideração – de forma a construir uma teoria que contemplasse a possibilidade da realidade efetiva desse estado –, nos mostra como algo de muito singular já se apresenta aqui.

Isso porque, em primeiro lugar, as suas concepções pautam-se em uma experimentação real da pessoa (mesmo no caso do bebê) e não ficcional, o que acarreta em uma base de confiança muito especial entre paciente e analista. Em segundo lugar, tomando essa base de confiança, Ferenczi aceita o jogo que está sendo proposto pelo paciente. Não faz uma leitura que tira do mesmo a autoria das suas vivências. Assim, ele entra na realidade oferecida pelo analisando, o que é muito diferente de uma leitura ficcional, na qual é ofertada ao paciente uma narrativa que o coloca num polo passivo. A capacidade de jogar que pretendo evidenciar aqui é exatamente um estar junto ao paciente, tirando uma possível polarização de autoria, que pode fazer uma grande diferença no campo transferencial. Em uma pequena citação, penso que podemos captar esse espírito que “joga” com o paciente: “procurei averiguar a origem dessa ilusão e **seguir seu destino**” (Ferenczi, 1913a, p.48, grifo nosso).

Após essa observação, prossigamos para a viagem na qual Ferenczi se lança ao seguir o destino dessa onipotência. Para ele, não basta saber que a regressão tenha ocorrido; ele entra no tempo dessa vivência, busca captar o que a criança sentiu e, assim, apreende a experiência em uma dimensão mais profunda. Aqui, temos um exemplo de como o “sentir com” funciona: “a vantagem do ‘sentir com’ é o poder de penetrar profundamente nas sensações dos outros e o desejo de ajudar, compulsivo, que os pacientes acolhem com gratidão” (Ferenczi, 1990, p.97). O tempo ao qual é levado – e que acredita ter sido verdadeiramente vivenciado pelo obsessivo e pelo bebê (ou seja, por todos os seres humanos) – é o período intrauterino. O ser humano vive como um parasita do corpo materno:

Portanto, se o ser humano tem uma vida psíquica, mesmo inconsciente, no copo materno – e seria absurdo acreditar que o psiquismo só começa a funcionar no momento do nascimento –, ele deve ter, pela própria circunstância de existir, a impressão de que é realmente onipotente (Ferenczi, 1913a, p.48).

Dessa forma, a megalomania infantil não é lida como pura ilusão, mas como uma exigência de retorno a um estado experimentado anteriormente. “O período de onipotência incondicional é o período de onipotência vivenciado no ventre materno. Todos seus desejos de proteção, de calor e de alimentação estão assegurados pela mãe” (Ferenczi, 1913a, p.48), sem que tenha que fazer nenhum esforço. Ferenczi defende que a experiência intrauterina pode exercer influência na vida psíquica após o nascimento.

A adaptação do recém-nascido à sua nova condição de existência é algo que lhe causa desprazer, visto que lhe exige esforços (dimensão ainda nunca experimentada, já que ele nada precisava fazer para subsistir) para se transformar em um ser terrestre não mais parasita e inerte. Num ambiente onde o bebê é cuidado, é sentida, instintivamente, a necessidade de ofertar a esse ser em adaptação o máximo de condições que o aproximem da sua existência precedente. Este é o *período da onipotência alucinatória mágica*: a vida fetal conserva-se no ser humano por meio dos registros de memória, marcando as primeiras experimentações do bebê no mundo, quando podemos supor que o seu desejo primeiro não pode ser outro que não reencontrar a paz anteriormente experimentada e sair do atual estado de perturbação. Pelo *reinvestimento alucinatório*, a criança representa a sua condição anterior e a restaura:

E o mais curioso é que essa alucinação da criança – **com a condição de que se ocupem normalmente dela** – realiza-se efetivamente. Logo, do ponto de vista subjetivo da criança, a “onipotência” incondicional de que desfrutava até então só se modifica na medida em que deve investir o que deseja de modo alucinatório (representar), mas sem ter de modificar mais nada no mundo externo a fim de obter efetivamente a plena realização de seus desejos (Ferenczi, 1913a, p.50).

E eis que, como se possuísse uma força mágica, a criança se sente capaz de reproduzir a sua fonte de prazer por meio das representações alucinatórias de prazer. Contudo, o desejo de satisfações pulsionais começa a se complexificar, e a condição de onipotência alucinatória mágica não consegue manter-se intacta, pois o mundo externo não consegue indefectivelmente ter toda a previsão necessária para a satisfação imediata de todos os desejos. Neste ponto, a criança precisa produzir

certos sinais, efetuar algum trabalho motor, mesmo que precário, para sinalizar algumas necessidades. Como, por exemplo, fazer com a boca algum movimento próximo ao de sucção quando deseja ser alimentada. Entretanto, esses gestos são ainda muito sutis, e a condição de força mágica do seu poder quanto às respostas do mundo externo permanece ativa. Este é o *período da onipotência com a ajuda dos gestos mágicos*. O equivalente patológico desse período é a conversão histérica: uma regressão ao estágio de magia gestual, onde as crises históricas são definidas como representações, por meio de gestos, de desejos recalçados³³.

Com um novo aumento e complexificação das necessidades, a criança começa a vivenciar a não realização dos seus desejos e é obrigada “a distinguir do seu ego, como constituindo o mundo externo, certas coisas malignas que resistem à sua vontade, ou seja, a separar os conteúdos psíquicos subjetivos (sentimentos) dos conteúdos objetivos (impressões sensoriais)” (Ferenczi, 1913a, p.53).

Quando do desconforto de não receber do mundo externo respostas positivas quanto aos seus desejos, a criança começa a experimentar algumas distinções que não poderão mais ser incorporadas à sua dimensão egóica. As onipotências experimentadas permitiam uma dimensão de união com o mundo externo, uma sensação de unidade com o universo. Contudo, quando coisas “malignas” começam a interferir nessa experiência unificadora, paulatinamente o seu ego começa a distinguir conteúdos psíquicos subjetivos de impressões sensoriais objetivas. Aqui, é abordado um ponto central de um texto muito importante de Ferenczi, *Transferência e Introjeção* (Ferenczi, 1909). Ferenczi denomina como fases de introjeção estas fases de onipotência nas quais tudo pertence ao ego, e chama de projeção o estágio de realidade no qual o mundo externo já não se unifica plenamente com o ego.

Contudo, mesmo já experimentando uma diferenciação com o mundo externo, o bebê não se desfaz subitamente da sua união entre o “eu” e o “não eu”. A criança adequa-se ao fato de que nem tudo pertence ao seu ego e de que existe

³³ Esta temática será aprofundada no próximo texto a ser estudado, *Fenômenos de materialização histérica (uma tentativa de explicação da conversão e do simbolismo histérico)* (Ferenczi, 1919).

um mundo externo. No entanto, mesmo resistindo aos seus desejos, isso “não o impede de continuar investindo o mundo externo com qualidades que descobre em si mesma, ou seja, qualidades do ego” (Ferenczi, 1913a, p.54):

Tudo parece indicar que a criança atravessa um **período animista** na sua apreensão da realidade, período em que todas as coisas se lhe apresentam como animadas e em que tenta reencontrar em cada coisa seus próprios órgãos ou seu funcionamento (Ferenczi, 1913a, p.54, grifo nosso).

Esse *período animista* é extremamente importante para compreendermos como Ferenczi concebe o processo de aquisição simbólica e linguística. As relações simbólicas³⁴ são relações profundas – que se perpetuam ao longo de toda a vida – entre o corpo humano e o mundo dos objetos. No período animista, a criança vê, no mundo, reproduções da sua corporalidade.

O psiquismo da criança tem, inicialmente, um foco exclusivo na satisfação pulsional; e, no período animista, prevalece uma busca pela semelhança da sua corporalidade com o mundo externo. Isso a permite conservar uma tendência à unidade com o universo, mesmo que, agora, já se trate de um estágio no qual a projeção se faz presente.

O corpo humano acaba por estabelecer com o mundo externo relações muito profundas, que atravessarão a vida da pessoa. Como vimos anteriormente, a essas relações profundas, Ferenczi dá o nome de relações simbólicas.

A figuração simbólica permite um aperfeiçoamento da linguagem por gestos. Através dela, a criança pode expor não só os seus desejos corporais, mas também exprimir aqueles que dizem respeito a alguma modificação do mundo externo. Assim como nos outros estágios, se a criança pertencer a um ambiente amoroso e de cuidado, este é um período no qual a sua ilusão de onipotência ainda pode estar preservada.

³⁴ Vale lembrar que as relações simbólicas não são os símbolos autênticos, como vimos na *Ontogênese dos Símbolos* (Ferenczi, 1913c).

Os avanços da linguagem gestual para a linguagem verbal são tomados por Ferenczi a partir da teoria de Kleinpaul sobre a linguagem³⁵ (*Leben der Sprache*, Leipzig, 1893), que define a sua origem na imitação. A linguagem imita, por meio de vocalizações, sons do mundo externo. Essa é uma forma que simplifica, no que diz respeito ao esforço motor (gestos), e complexifica, no que tange ao alcance frente à linguagem gestual. Além disso, o simbolismo verbal franqueia a existência do pensamento consciente, ao conferir aos processos dos pensamentos (que são inconscientes) qualidades perceptivas:

(...) a concepção e a representação dessas séries de fonemas chamadas palavras permitem uma versão muito mais econômica e preciosa dos desejos. (...) O pensamento consciente por meio de signos verbais é, portanto, a mais alta realização do aparelho psíquico, a única que permite a adaptação à realidade, retardando a descarga motora reflexa e a libertação do desprazer (Ferenczi, 1913a, p.55).

No estágio do desenvolvimento consciente, a criança ainda assim pode resguardar o seu sentimento de onipotência, visto que, por mais que o seu desenvolvimento já tenha se complexificado, os seus pensamentos e desejos ainda são facilmente captáveis por um meio externo cuidadoso (família etc.). Dessa forma, o mundo externo ainda permanece bastante conectado ao seu universo subjetivo. E, por isso, a criança pode continuar acreditando nos seus poderes mágicos. Este é o *período dos pensamentos e palavras mágicas*.

Neste ponto, atingimos o estágio definido por Ferenczi como o período para o qual os obsessivos parecem regredir: “um sentimento de onipotência de seus pensamentos ou de suas fórmulas verbais e que, como Freud nos mostrou, colocam o pensamento no lugar da ação” (Ferenczi, 1913a, p.56).

Dependendo do *Daimon* e do *Tyche*³⁶, as pessoas terão visões otimistas ou pessimistas quanto aos seus desejos frente à realidade objetiva do mundo. Para Ferenczi, neste contexto, “reconhecer que os nossos desejos e pensamentos estão condicionados significa o máximo de projeção normal, ou seja, de objetivação” (Ferenczi, 1913a, p.57).

³⁵ Aqui, pode-se entender linguagem como linguagem verbal.

³⁶ Tradução para o português: destino e acaso, respectivamente.

O artigo ainda segue por algumas poucas páginas, mas a passagem que tomarei como final para as nossas reflexões é a seguinte:

O desenvolvimento do sentido de realidade apresenta-se em geral como uma série de sucessivos impulsos de recalçamento, aos quais o ser humano é forçado pela necessidade, pela frustração que exige a adaptação, e não por ‘tendências para a evolução’ espontâneas. O primeiro grande recalçamento torna-se necessário pelo processo de nascimento que, com toda a certeza, faz-se sem colaboração ativa, sem “intenção” por parte da criança. O feto preferiria muito permanecer ainda na quietude do corpo materno, mas é implacavelmente posto no mundo, deve esquecer (recalçar) seus modos de satisfação preferidos e adaptar-se a outros. O mesmo jogo cruel repete-se a cada novo estágio de desenvolvimento (Ferenczi, 1913a, p.60).

A evolução, sob esta perspectiva, dá-se por meio do recalçamento dos hábitos preferidos do ser humano, obrigado a se adaptar às novas condições de existência, que mitigam as suas relações profundas e de prazer com o mundo. Os estágios de desenvolvimento são como catástrofes que obrigam o ser humano a desenvolver novas formas de adaptação. Já “na criança e nos povos primitivos, desejar e agir são a mesma coisa; no adulto e nos povos mais evoluídos, a pulsão não se transforma logo em ato” (Ferenczi, 1918, p.388).

Como vimos, nos dois textos de Ferenczi acima apresentados, os afetos e desejos que não podem ser imediatamente revertidos em ação são mediados pela linguagem verbal, que seria um estágio avançado do desenvolvimento humano, sendo o mecanismo de recalque predominante na leitura e trabalho sobre as neuroses. O que vemos são estágios evolutivos, que estão a serviço do recalque: pontos de fixação e regressão para estágios mais “involuídos”, podendo servir para representar os complexos de pensamentos e afetos censurados (Ferenczi, 1913a, p.59).

Alguns elementos podem nos nortear quanto à atmosfera peculiar da lógica do recalque: a dimensão representacional na qual se dá o trabalho analítico – que interpreta para chegar às conexões primeiras, sucumbidas pelo recalçamento –; a aposta num ambiente externo que funciona minimamente bem adaptado às necessidades de uma criança – em todos os estágios, vemos Ferenczi pontuar a

resposta positiva do ambiente às demandas do bebê –; e, por fim, uma graduação das experiências humanas, onde as corporais são tidas como mais primitivas e a linguagem verbal, como a mais evoluída.

Aqui, fechamos o nosso percurso cronológico dentro dos dois primeiros volumes, tomando esses pontos como temas que serão paulatinamente retomados, como meio de evidenciar as transformações que pretendemos destacar.

Agora, seguiremos para o primeiro texto do volume III, intitulado *Fenômenos de materialização histórica (uma tentativa de explicação da conversão e do simbolismo histórico)* (Ferenczi, 1919). Nesse artigo, Ferenczi busca avançar nas reflexões quanto à neurose histórica. Como ponto de partida, utilizarei diretamente o trabalho de Freud, assim como foi feito nas considerações sobre *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (Ferenczi, 1913a), no qual o mecanismo da neurose obsessiva era o pano de fundo para as primeiras inspirações sobre o processo elaborado no texto. Recorreremos novamente ao texto freudiano *As neuropsicoses de defesa* (Freud, 1894), para situar o leitor quanto ao mecanismo da histeria.

Desde Janet e Breuer, é possível considerar que, na neurose histórica, há uma divisão da consciência, acompanhada da formação de grupos psíquicos separados. Contudo, havia um desacordo quanto à natureza e à origem de tal divisão, e quanto à sua função na estrutura da neurose histórica. Sob o ponto de vista da teoria de Pierre Janet, a divisão da consciência era um traço primário, inato, que caracterizava a degeneração dos indivíduos históricos.

Em oposição, Breuer defendia que “a base e condição *sine qua non* da histeria é a ocorrência de peculiares estados de consciência, como que de sonho, com uma capacidade de associação restrita, para os quais propôs o nome de estados hipnóides” (Freud, 1894, p.58). De acordo com tal perspectiva, a divisão é secundária e adquirida. Freud, seguindo a pista de Breuer, busca apresentar as suas considerações sobre duas outras formas extremas de histeria, na tentativa de contribuir para a compreensão da divisão como adquirida, e não primária.

A primeira forma pode ser compreendida como resultado de um ato voluntário da pessoa. Isso não significa que haja a intenção por parte do indivíduo de dividir a consciência, mas um ato voluntário que gera essa fragmentação; que não pode, por isso, ser tida como uma característica inata, sendo denominada histeria de defesa. A segunda forma apresentada por Freud é a chamada histeria de retenção, onde a divisão da consciência desenvolve uma função insignificante, ou até mesmo não desenvolve função alguma. São as situações onde não ocorreu reação aos estímulos traumáticos.

Na primeira forma, a histeria de defesa, os pacientes analisados encontravam-se saudáveis até a experimentação de uma situação aflitiva, incompatível com as suas crenças (vida ideativa). Tal desconforto levava aos pacientes a decisão de esquecer o conflito interno suscitado, com a intenção de suprimi-lo. Esse esforço de esquecer, de eliminar o desconforto da mente, não pode por si só ser tido como um ato patológico. O que ocorreu nos casos analisados por Freud foi que o esquecimento não se deu da forma esperada, mas acabou gerando reações histéricas, obsessivas ou psicoses alucinatórias.

A tentativa de lidar com o acontecimento aflitivo, de forma a suprimi-lo, falha. Isso porque os traços de memória e o afeto ligado à ideia já estão presentes, e não podem ser facilmente eliminados. Não obstante, pode-se tentar cumprir o objetivo do esquecimento de forma parcial, de maneira a dissociar a ideia do afeto, da soma de excitação: “mas a soma de excitação que tenha sido retirada tem que ser utilizada de outra forma” (Freud, 1894, p.61). O caminho traçado pela histeria e pela neurose obsessiva, até aqui, é o mesmo. Neste momento, os processos passam a se desenvolver de forma distinta.

No caso da histeria, que é o nosso foco atual, “a ideia incompatível é tornada inócua pelas transformações da soma de excitação em alguma coisa somática” (Freud, 1894, p.61). Esse procedimento é denominado conversão. Ela pode ser parcial ou total.

A contradição decorrente de uma experiência, ideia ou sentimento aflitivos transforma-se em um símbolo mnêmico que fica alojado na consciência, como se

fosse uma variável (que não contém a contradição, a incompatibilidade) que permaneceria na consciência ao alocar uma referência a uma memória (ideia contraditória). Essa variável, esse símbolo mnêmico, permanece na consciência ou como uma inervação motora insolúvel, ou uma sensação alucinatória recorrente.

A tentativa de Freud de tornar inteligível o processo de formação da neurose histérica nos faz perceber que a questão central não se encontra na divisão da consciência, mas na capacidade de conversão. Essa capacidade, por si só, não representa uma falta de saúde psíquica: a histeria não é causada unicamente por essa aptidão, mas ocorre quando a conversão funciona como uma tentativa de defesa contra um impasse, contra uma incompatibilidade psíquica.

Pautando-se nessas considerações sobre a histeria, Ferenczi defende que Freud teria nos ensinado a ler os sintomas da conversão histérica como representações por meio do corpo de fantasias inconscientes³⁷. Além disso, desvenda que as moções pulsionais de natureza erótica e egoísta são sempre as forças motivadoras para tal sintoma. Partindo disso, Ferenczi afirma que “a histeria de conversão genitaliza as partes do corpo onde se manifesta o sintoma” (Ferenczi, 1919, p.44).

Retomando *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (Ferenczi, 1913a), Ferenczi lembra que definiu a histeria como uma regressão a um período no qual “o organismo ainda tenta adaptar-se à realidade modificando – por gestos mágicos – o próprio corpo e não o mundo externo” (Ferenczi, 1913a, p.44). O histérico modifica o próprio corpo por gestos mágicos, sendo essa modificação algo que ocorre no plano da linguagem gestual.

Todavia, mesmo diante de muitos avanços no que tange ao mecanismo de neurose histérica, ele reconhece uma importante lacuna que ainda permanecia sem resposta: qual seria o misterioso salto do psíquico para o somático?

³⁷ *Os sintomas corporais são representações recalçadas que falam* (Laplanche-Pontalis, 2001, p.104).

Os fenômenos histéricos se desenvolvem por fenômenos motores de diversas naturezas: modificações da circulação sanguínea, distúrbios da função glandular, inervações isoladas etc. (Ferenczi, 1919, p.45). Diante dessa variedade, Ferenczi busca trazer um fenômeno histérico recorrente, que é o sintoma do *globus hystericus* (“bolo na garganta”)³⁸, e nos apresenta alguns casos envolvendo esse sintoma. Depois de algumas descrições, ele afirma que o que há de comum em todos esses casos “é manifestamente a figuração pelo corpo de um desejo sexual inconsciente, tal como foi evidenciado por Freud” (Ferenczi, 1913a, p. 48).

Mas essa sensação do *globus hystericus* seria uma alucinação? Ferenczi afirma que não, pois as contrações das paredes estomacais nada têm de alucinatórias e, efetivamente, são muito reais. Novamente, nos debruçamos sobre uma reflexão ferencziana que tenta desvendar algum “mistério” da psicanálise por meio de uma vivência real, efetiva. Seus caminhos encontram fertilidade na “materialidade” das experiências dos seus pacientes.

Aqui, nos deparamos com a originalidade do seu texto. Por mais que esteja aparentemente transitando exclusivamente pelo universo simbólico da conversão histórica, Ferenczi propõe uma viagem por dentro desse fenômeno sob o aspecto da sua materialidade:

Poderíamos chamá-lo de fenômeno de materialização, visto que consiste essencialmente em concretizar um desejo, como que por magia, a partir da matéria de que o sujeito dispõe em seu corpo e em dar-lhe uma representação plástica – por primitiva que seja – à maneira de um artista que modela um material de acordo com a sua ideia, ou dos ocultistas que, a simples pedido de um médium, representam a “materialização” de certos objetos (Ferenczi, 1919, p. 49).

O processo descrito acima, diz Ferenczi, não é apenas um estado patológico do histérico, mas perpassa diversos estados afetivos ditos “normais”. Para entendermos do que trata a materialização histórica, o autor nos propõe contrapô-la ao sonho. Enquanto que, no sonho, a realização do desejo é alucinatória e a

³⁸ “Os próprios pacientes falam de uma bola na garganta, e temos razões para acreditar que certas contrações dos músculos longitudinais e transversais da faringe produzem realmente a parestesia de um corpo estranho, uma bola” (Ferenczi, 1919, p.46).

motilidade fica paralisada, no fenômeno aqui analisado, o que está em foco é uma dimensão de motricidade inconsciente. Como já mencionado, é um tipo de regressão, regressão esta muito profunda:

O desejo inconsciente, e incapaz de ter acesso à consciência, já não se limita nesse caso à excitação sensorial do órgão psíquico da percepção, mas passa para a motricidade inconsciente, o que significa uma regressão tópica a uma profundidade do aparelho psíquico onde os estados de excitação já não se liquidam por um investimento psíquico – ainda que fosse alucinatório –, mas simplesmente pela descarga motora (Ferenczi, 1919, p. 50).

Essa regressão estaria ligada a uma experimentação de vida na qual o mundo exterior ainda não é modificado, somente o próprio corpo. Apoiando-se no desenvolvimento filogenético (gênese da espécie) e ontogenético (origem e desenvolvimento de um organismo), Ferenczi defende que essa etapa precede à complexidade psíquica, ou seja, ela seria uma protopsique. E o mistério do salto do psíquico para o corporal desvenda-se aqui de alguma forma.

O curso normal da excitação, que seria a descarga motora, tem o seu vetor invertido na histeria, quando esta tem a seu dispor os mecanismos fisiológicos para a “realização”³⁹ de desejos inconscientes. A modificação fisiológica do corpo é o resultado de um movimento regressivo do corpo para uma energia que retorna a um estado corporal primitivo. O desejo inconsciente materializa-se na motricidade inconsciente e mobiliza massas orgânicas brutas.

Acessar conteúdos inconscientes por meio da fala como forma de encontrar uma nova cadeia associativa, uma resignificação para o afeto recalçado, é o caminho de um trabalho psicanalítico tradicional. Por meio da fala, é dada ao paciente a oportunidade de se conectar com ideias recalçadas que produzem os sintomas atuais. O que vemos, quando Ferenczi nos aponta para essa leitura do que seriam os gestos mágicos no fenômeno histórico, é que há uma expansão do trabalho clínico, que não tem somente a linguagem verbal como ferramenta.

³⁹ Acredito que essa palavra pode ser forte, mas escolho utilizá-la sob a ótica que tenho sobre este texto, e espero poder elucidá-la no transcorrer das reflexões.

Ferenczi trabalha dentro da dimensão da linguagem gestual, como vemos nesse exemplo.

Certamente, a linguagem verbal é um campo forte de trabalho e comunicação utilizado por Ferenczi. No entanto, vemos também, nesse artigo, um alargamento da sua percepção da linguagem, quando ele explica o fenômeno de materialização histórica dentro do contexto da linguagem gestual.

Esse é um alargamento do seu uso da linguagem, que está sendo trabalhada muito além da linguagem verbal e das suas formas de simbolização. O manejo clínico não é abundantemente abordado neste texto *Fenômenos de materialização histórica (uma tentativa de explicação da conversão e do simbolismo histórico)* (Ferenczi, 1919), mas, se utilizarmos a sua forma de trabalhar o manejo regressivo nos outros textos abordados nesta tese, podemos pensar como isso acarreta modificações importantes. Não se trata somente de trabalhar o sintoma e “desfazê-lo”, mas de compreender os motivos que fizeram o paciente regredir a esse estágio de vida e tomá-lo como meio de experimentação do mundo.

Não basta tomar a “cura pela palavra” para tentar restaurar a cadeia representacional que gerou um recalque. É preciso buscar um campo transferencial que maneje linguagem não só no seu escopo verbal, mas, nesse caso, também gestual, como ferramenta de comunicação e relação com o paciente.

Contudo, ele acaba por trazer elementos que, na leitura aqui proposta, ficam confusos; quando, por exemplo, levanta a questão do simbolismo: “Freud mostrou que o modo de expressão simbólico não era somente próprio da linguagem onírica, mas de **todas as formas de atividade de que o inconsciente participa** (Ferenczi, 1919, p.53, grifo nosso).

No caso da materialização histórica, não parece ser uma questão de expressão simbólica. Mesmo sendo difícil, às vezes, captar o que significa “símbolo”, já que existem os símbolos autênticos e as relações simbólicas profundas, que são definições bastante distintas, parece oportuno ponderar sobre uma possível confusão de terminologias. Numa visão mais clássica voltada para o

recalque, a conversão histórica pode ser lida como um sintoma corporal que é um símbolo, uma representação (neste caso, ousa afirmar que poderíamos tomar estes termos como sinônimos) de um desejo recalçado. Entretanto, o salto do psíquico para o somático proposto nesse artigo mostra como pode existir uma atividade inconsciente distinta da representação ou da simbolização⁴⁰. O fenômeno da materialização histórica evidencia uma linguagem corporal, que não é representativa, mas apresentativa, de um desejo.

Aqui defendo que estamos diante de um vocabulário “novo” se desenvolvendo, mas ainda muito referido ao vocabulário anterior e, por isso, vemos uma tentativa de criar um arcabouço que unisse ambos. Esse esforço, certamente, não é algo somente negativamente criticável, pois reflete um outro aspecto importante, e que fala muito do analista que foi Ferenczi: um pensador e clínico que buscava fazer pontes. Encontros do inusitado. Legitimização das diferenças como possibilidade de encontro. Possibilidade de vocabulários diversos conseguindo coexistir. Transposição de fronteiras. Mas, infelizmente, foi preciso romper com alguma coisa antiga para que esse aspecto tão contundente de sua clínica e teoria pudesse germinar.

É muito difícil definir o momento preciso de mudança de rumo, visto que um hibridismo conceitual já estava presente na primeira metade de sua obra, pontuando importantes *insights* inovadores. Dito isso, defendo que, a partir da leitura linear e cronológica que fiz de suas *Obras Completas*, o texto *Fenômenos de materialização histórica (uma tentativa de explicação da conversão e do simbolismo histórico)* (Ferenczi, 1919) representa um marco importante de mudança de posição, visto que ele traz o fenômeno de materialização como via de diluir uma primazia dos signos verbais e seus processos de simbolização: “Ora, as ‘materializações’ históricas mostram-nos o organismo em toda a sua plasticidade e mesmo em sua habilidade criadora” (Ferenczi, 1919, p.57). Não se trata só da criatividade psíquica, mas da criatividade do organismo como um todo, o que vai,

⁴⁰ Pelo menos no que diz respeito ao símbolo autêntico. Novamente, aqui parece se fazer presente uma imprecisão conceitual, como pontuado por Freud na sua carta de 05 de junho de 1911, citada nas páginas 51 e 52.

aos poucos, nos guiando para uma nova perspectiva das leituras corporais e psíquicas.

Seguindo os novos rumos que nos guiam, proponho uma pausa para a leitura de um texto curto de Ferenczi contido no terceiro volume. Peço desculpas se pode parecer prolixo colocá-lo de forma integral, mas este é um dos textos mais famosos do autor e que foi retomado em vários momentos. Por isso, acho importante tê-lo aqui integralmente à nossa disposição. Também creio ser uma importante oportunidade de mergulharmos no universo literário do autor. Este texto chama-se *O sonho do bebê sábio* (Ferenczi, 1924a). Segue abaixo:

Não é raro ouvir pacientes contarem sonhos em que recém-nascidos, bebês de cueiros ou crianças muito pequenas, são capazes de falar ou escrever com perfeita desenvoltura, brindar seu meio com falas profundas ou sustentar conversas de erudito, proferir discursos, dar explicações científicas e assim por diante. O conteúdo desses sonhos parece-me dissimular algo muito típico. Uma primeira interpretação superficial do sonho faz ressaltar, com frequência, uma concepção irônica da psicanálise, que, como se sabe, confere muito mais valor e efeito psíquico às vivências da primeira infância do que geralmente se faz. Essa exageração irônica da inteligência das crianças pequenas exprimiria, portanto, a dúvida sobre as comunicações psicanalíticas a esse respeito. Mas como fenômenos semelhantes são muito frequentes nos contos, nos mitos e na tradição religiosa, e os encontramos, por outro lado, representados concretamente na pintura (ver debate entre a Virgem Maira e os Doutores da Lei), creio que a ironia serve neste caso unicamente de intermediária para lembranças mais profundas e mais graves da própria infância do sujeito. O desejo de vir a ser um sábio e de suplantar os “grandes” em sabedoria e em conhecimento seria apenas, portanto, uma inversão da situação em que a criança se encontra. Uma parte dos sonhos que apresentam esse conteúdo manifesto e que pude estudar são ilustrados pela célebre tirada do libertino: “Ah, se eu tivesse sabido fazer melhor uso da situação de bebê!”. Enfim, não esqueçamos que um bom número de conhecimentos ainda são, efetivamente, familiares à criança, conhecimentos que mais tarde serão enterrados pelas forças do recalçamento (Ferenczi, 1924a, p. 223-224).

Esse é um texto muito famoso de Ferenczi e que tem desdobramentos propostos pelo próprio autor em obras subsequentes. Proponho nos debruçarmos sobre ele, no intuito de podermos criar, juntos, a atmosfera que vai se transformando ao longo da sua obra. A escolha de transcrever por inteiro o texto é proveniente deste objetivo; entrarmos no universo ferencziano, que, aos poucos, modifica o seu vocabulário, e que vai nos apresentando suas intuições clínicas inovadoras, ainda

conectadas aos jogos de linguagem antigos, mas, simultaneamente, nos convocando ao um novo universo de jogos de linguagem.

Primeiramente, nesse texto, podemos notar uma preocupação grande de Ferenczi com os ataques à psicanálise, quando ele se refere a uma possível ironia proveniente do sonho de um bebê sábio: poderia ser um certo deboche à valorização psicanalítica das experiências infantis. Contudo, ele busca aporte em outras esferas, como contos, mitos e pintura, nas quais uma figura desse tipo está comumente presente. Dessa forma, estaríamos diante de uma lembrança mais profunda e grave da experiência infantil.

Neste ponto, defendo que estamos diante da parte mais complexa do texto: “o desejo de vir a ser um sábio e de suplantar os ‘grandes’ em sabedoria e em conhecimento seria apenas, portanto, uma inversão da situação em que a criança se encontra”. Isso porque, nessa passagem, coloca-se a seguinte questão: suplantar os grandes em sabedoria é a inversão da situação em que a criança se encontra – já que ela estaria em uma condição de vulnerabilidade frente ao adulto –, ou a inversão residiria na crença de que os grandes suplantam as crianças em sabedoria?

Tomando em sequência o exemplo do libertino citado no texto (parte final), parece central questionar do que trata essa inversão, já que estamos diante da defesa de uma potência do bebê, de um saber do bebê que perdemos. Algo que, quando nos tornamos adultos, talvez não tenhamos mais. Alguma potência, algum conhecimento, que é perdido. Perdido pela força do recalque. Vemos a valorização de um saber infantil que não está na esfera da fantasia, mas uma real experimentação da vida que possui um conhecimento peculiar. “Ah, se eu tivesse sabido fazer melhor uso da situação de bebê!”.

No sonho do bebê sábio somos lembrados, não por um simples simbolismo, mas por uma experiência que questiona uma percepção comum – e isso por meio de uma inversão – de que os adultos são superiores aos bebês em sabedoria e, de que há um saber real no infantil que pode ser suplantado pelo recalque, mas que também pode existir/resistir de alguma forma. Algo que fala de uma primitividade profunda, de um conhecimento que pode estar à nossa disposição.

Aqui não parece que Ferenczi busca desvendar o simbolismo do sonho: algo de uma outra dimensão ganha destaque. Podemos supor que é apresentada uma dimensão da nossa subjetividade, na qual o recalque não aparece como elemento central; um saber sobre o existir que reside numa outra lógica, ou seja, dentro de um vocabulário diferente, num outro jogo de linguagem. Uma valorização da experiência infantil, em uma esfera que não trata do adulto desvendar os mistérios suplantados pelo recalque, mas um movimento de destacar a voz da criança, que ensina algo ao adulto. É o verdadeiro convite ao jogo de linguagem do paciente; não mais o psicanalista como detentor de um saber, mas como alguém que valida o saber do paciente (e sua experimentação infantil) que precisa de alguém que valide a sua voz.

Alguns elementos diferentes poderão ser percebidos quando o bebê sábio é retomado posteriormente por Ferenczi⁴¹, mas parece que a leitura descolada dos outros contextos, focando nesse primeiro aparecimento, é uma oportunidade de visualizar como, aos poucos, o autor vai introduzindo novos olhares sobre as subjetividades e vai deslocando o lugar do analista. Este também pode ser visto na perspectiva do adulto, que não aceita as experiências infantis, mas somente suas releituras “adultizadas”. Assim, vemos o caminho do vocabulário da lógica da clivagem se abrindo.

Seguindo o caminho das mudanças de rumo nos jogos de linguagens ferenczianos, vamos continuar o nosso percurso pelo volume 3 de sua obra, em busca de um novo fazer psicanalítico. Nessa busca, vejo que a técnica ativa é um tema oportuno para nos debruçarmos. A técnica ativa, posteriormente, vai ser

⁴¹ Como, por exemplo, em *Confusão de língua entre os adultos e a criança*, quando dá o exemplo do fruto que amadurece precocemente quando picado por um pássaro: “A criança que sofreu a agressão sexual pode, de súbito, sob a pressão da urgência traumática, manifestar todas as emoções de um adulto maduro, as faculdades potenciais para o casamento, a paternidade, a maternidade, faculdades virtualmente pré-formadas nela. Nesse caso, pode-se falar simplesmente, para opô-lo à regressão de que falamos de hábito, de *progressão traumática* (patológica) ou de prematuração (patológica). Pensa-se nos frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere, e na maturidade apressada de um fruto bichado (Ferenczi, 1932, p.119).

problematizada pelo autor⁴², mas podemos extrair elementos muito importantes a partir dela.

Escolho aqui seu texto *Fantasia provocadas* (Ferenczi, 1924b) para apresentar essa técnica e posteriormente propor algumas reflexões. Ferenczi inicia o artigo mencionando um importante trabalho *Prolongamentos da ‘técnica ativa’ em psicanálise* (Ferenczi, 1920), que formula a ideia de intervenção ativa do analista como forma de provocar e perturbar o modo habitual (no caso, o patológico) de descarga de excitações no inconsciente, buscando trazer um novo direcionamento para tais energias, permitindo a manifestação de materiais recalçados. Via nisso a possibilidade de ampliar o alcance do trabalho associativo. Uma intervenção ativa pode parecer ferir a regra fundamental psicanalítica da associação livre, mas, por outro lado, intervém em algo que – neste momento de sua obra – ele defende ser umas das principais tarefas do analista, que é o trabalho sobre a resistência do paciente.

Uma importante reflexão aqui é lançada pelo autor: a interpretação psicanalítica, de modo geral, é uma atividade. O analista propõe interjeições pelas quais o paciente pode captar as suas expectativas, já que a interpretação é uma forma de intervir ativamente no curso da associação livre. Contudo, mesmo tendo uma função ativa, é necessário lembrar que o analista precisa manter uma posição cética sobre as suas perspectivas, já que o importante não é ser aceito pelo paciente ou acertar sempre, mas estar aberto à falibilidade de suas pressuposições. Dessa forma, ao trazer uma dimensão ativa à técnica psicanalítica e levantar uma importante dose de ceticismo (suspensão do juízo) sobre o saber psicanalítico, Ferenczi propõe a possibilidade de ampliar o alcance da técnica ativa.

No artigo agora estudado, ele levanta a possibilidade de uma intervenção na atividade de fantasia. O ponto interessante desta técnica das “fantasia provocadas” – como Ferenczi a denomina – está na contundência e potencialidade de uma fantasia “forjada”.

⁴² “Se formos suficientemente pacientes, o próprio doente acabará, cedo ou tarde, por perguntar se pode arriscar tal ou qual tentativa (...) [E]m outras palavras: cabe ao paciente determinar ou, pelo menos, indicar sem mal-entendido possível, o momento da atividade” (Ferenczi, 1929, p.39).

O autor cita um tipo de paciente que se mostra capaz de fantasiar, mas tal atividade em sua vida parece pouco desenvolvida: “aqueles indivíduos sobre os quais as experiências mais marcantes não parecem deixar nenhum vestígio” (Ferenczi, 1924b, p.263). As sensações que usualmente são despertadas, como, por exemplo, angústia, vingança, excitação e impulsos, parecem ser inexistentes. Tal indiferença faz supor que os afetos escassos sejam resultado de recalque pelo psiquismo.

Diante dessa suposição de recalque dos afetos, Ferenczi propõe ao paciente que ele imagine tais reações afetivas que não lhe ocorrem naturalmente. A reação usual é: como fazer isso? De que serviriam tais fantasias artificiais?

A sua resposta a tais objeções é que não é esperado que se diga a verdade (a realidade afetiva), mas que se sinta livre para dizer o que lhe vem à cabeça independentemente de sua realidade objetiva e que, em nenhum momento, lhe será imposta uma espontaneidade em tal exercício. “Mas, o que foi observado é que, pouco a pouco, o paciente vai se animando, suas sensações fantásticas “fabricadas” tornam-se mais variadas, mais vivas e mais ricas” (Ferenczi, 1924b, p.263). E, assim, a imaginação vai ganhando embalo.

Trata-se de um tipo de jogo que se utiliza do manejo da linguagem para que algo de singular possa ser despertado. O interessante é que esse forjado não é algo menor, pois é preciso entregar-se a ele para que o jogo proposto possa de fato acontecer. Não ter preocupação com a realidade objetiva, como é proposto por Ferenczi, não é sentir menos os afetos produzidos pela fantasia provocada. Pelo contrário, o grande potencial dessa técnica é a possibilidade do surgimento de afetos sinceros, que o vocabulário comum ou usual do paciente não vinha conseguindo acessar.

É importante ressaltar que essa intervenção nas fantasias só parece oportuna em fase final de tratamento:

É indispensável, portanto, possuir uma grande experiência de análises “não ativas” e de fantasias não provocadas antes que o analista se permita uma intervenção desse gênero – sempre arriscada – sobre a espontaneidade das associações do paciente (Ferenczi, 1924b, p.268).

Isso porque esse tipo de técnica ativa só se justifica como algo que intervenha numa resistência excessiva do paciente e que esteja impedindo um curso mais contínuo de elaborações.

Algumas conclusões secundárias, mas bastante importantes, foram extraídas dessa experiência analítica, que dizem respeito às produções fantasísticas. A vivacidade da imaginação, que pôde ser percebida pela experiência clínica, muitas vezes estava associada a acontecimentos na infância. Os chamados traumas sexuais infantis frequentemente estavam ligados a um recalque excessivo e precoce na vida da criança quanto a experiências de ordem sexual. Muitos dos pacientes de pouca produção fantasiosa foram crianças desde cedo criadas em ambientes repressores: “ (...) poderíamos dizer que uma certa quantidade de experiências sexuais infantis, portanto, de ‘traumas sexuais’, longe de prejudicar mais tarde a normalidade, sobretudo a capacidade normal da imaginação, antes a favoreceriam” (Ferenczi, 194b, p.269). Ferenczi ressalta que não seria bom que esses “traumas sexuais infantis” fossem excessivos também, visto que podem acarretar o empobrecimento das fantasias em virtude de uma resposta de recalque de tais experiências.

Ao finalizar o artigo, Ferenczi traz uma ponderação importante: nesse contexto, a “segunda teoria da sedução”⁴³ já havia sido formulada por Freud, na qual as experiências infantis reais perdem sua função central na traumatogenia e as fantasias inconscientes ganham destaque. Contudo, Ferenczi aponta para o fato de que as experiências reais da infância, a partir das conclusões tiradas das experiências clínicas das “fantasias provocadas”, podem ter alguma importância, visto que podem exercer uma proteção para caminhos “anormais”, quando é retirado da criança o poder de experimentar, de alguma forma, a sua sexualidade e acarretar num recalque precoce.

⁴³ Apresentada na página 56.

Desse breve texto, podemos propor muitos desdobramentos, já que alguns preceitos psicanalíticos tradicionais passam por um alargamento. Nota-se um maior conforto do autor em transitar por reflexões sem medo de crítica, se apropriando cada vez mais do seu processo de aprendizado como clínico. A própria forma como propõe a técnica ativa, quando coloca em xeque a posição neutra do analista – o que aponta para a interpretação como um elemento ativo, contendo claras intenções do analista –, já é um caminho ousado.

Provocar fantasias ativamente é propor um jogo. Um jogo cuja primeira regra é não precisar acreditar efetivamente no que o analista está “provocando”. É entrar livremente e deixar criar em cima do que é sentido por essa experiência. A confirmação do que é dito pelo analista não é o foco, mas a capacidade de expansão subjetiva do paciente.

Algumas ponderações quanto ao hibridismo do vocabulário são oportunas: esse empobrecimento fantasístico percebido, por Ferenczi, nos seus pacientes parece dizer respeito a uma certa dificuldade de simbolização. E, dessa forma, é algo que ele acreditava que precisava ser superado e uma capacidade de elaborar por meio de fantasias seria a saída. Podemos ainda detectar uma prevalência da lógica do recalque. Contudo, a técnica ativa já aponta para a linguagem do paciente: quando a provocação de fantasiar vem por meio de um jogo, algo nesta relação se constrói, não somente se desvenda, como ocorre no caso do recalque.

O analista assume, de forma explícita, a sua atividade como clínico. Essa é uma verdade que fica protegida na interpretação – já que se pode manter uma objetividade nas interpelações interpretativas –, mas, nas fantasias provocadas, o analista aparece ativamente. A sinceridade na relação é um fator diferencial, como vimos em *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (Ferenczi, 1932b); quando o analista é sincero, a língua do paciente se “solta”. Além disso, nas fantasias provocadas, a falibilidade é posta na mesa também: não importa se o paciente concorda com a fantasia proposta, o importante é o que ele sente e produz com isso. Diferentemente da interpretação, que Ferenczi define como “representação de expectativas” (Ferenczi, 1924b, p.262), as fantasias provocadas deixam mais evidente a fragilidade do analista, o que também acaba por influenciar

numa mudança relacional, na qual o paciente pode experimentar um lugar mais questionador quanto ao psicanalista.

Também não posso deixar de pontuar que, nesse texto, noto uma importante revalorização da vivência real sexual na infância. Ferenczi sutilmente nos lembra que, na segunda teoria da sedução freudiana, o que importa no aspecto traumatogênico são as fantasias inconscientes e não as vivências reais na infância. Contudo, interpela dizendo que algo real na infância influencia o desenvolvimento da capacidade de fantasiar do adulto. Essa já é uma forma sutil, porém, contundente, de apontar para rumos diferenciados dos propostos por Freud. É como se a “língua” de Ferenczi fosse se soltando e, aos poucos, a sua linguagem psicanalítica ganhando maior espaço nas suas formulações.

Entretanto, “soltar a língua” para criar os seus próprios jogos de linguagem não foi um percurso fácil, como podemos notar nos textos finais do volume 3 de suas obras completas. Em sua fala *Para o 70º aniversário de Freud* (Ferenczi, 1926a), podemos notar que deslocar algumas questões propostas pelo seu mestre não foi uma tarefa simples: “(...) há mais de vinte anos que sigo as pegadas de Freud e nada até hoje logrou abalar essa minha convicção” (Ferenczi, 1926a, p.423). E quando, em meios aos elogios a Freud, propõe apontar também as dificuldades surgidas de certos conflitos, diz:

Digamos, portanto, que praticamente nenhum de nós foi poupado e que todos nós tivemos um dia que escutar advertências e exortações do mestre, que destruíam às vezes magníficas ilusões e, antes de tudo, feriam o amor-próprio. (...) Sobre esse ponto, ele não admite nenhum compromisso e sacrifica, mesmo com o coração pesado, as relações pessoais e as esperanças que alimenta (Ferenczi, 1926a, p.425).

Vemos, nessa observação, um reconhecimento de que era o amor-próprio o foco da crítica freudiana, ou seja, algo de uma fragilidade narcísica: Ferenczi não enxerga a possibilidade dos gestos críticos de Freud atingirem algo de criativo, mas simples “magníficas ilusões”. E, de alguma forma, entende como missão de seu mestre proteger de qualquer risco o caminho “correto” a ser percorrido para o desenvolvimento do campo psicanalítico. Ele também pontua que esses gestos de

crítica não eram feitos sem pesar, mas não impediam Freud de fazer o que era preciso.

Podemos notar como ainda havia uma certa devoção à missão de Freud e que, mesmo seus gestos mais duros, tinham sempre uma intenção maior e justificável para serem feitos. Inevitável supormos que, a partir desta percepção, o processo criativo de Ferenczi ainda era muito submetido aos intentos de Freud, e seu vocabulário ainda estava comprometido fortemente com esta missão.

Não à toa, dentre os textos subsequentes a essa fala comemorativa do aniversário de Freud, estão a *Crítica do livro de Rank: técnica da psicanálise* (Ferenczi, 1916b) e *Fantasia Gulliverianas* (Ferenczi, 1926c), nos quais prevalece a defesa de que a missão da psicanálise pauta-se fundamentalmente na compreensão analítica dos símbolos e busca ressaltar o complexo de Édipo e as ameaças de castração como o mais importante dos traumas conducentes à neurose.

Ao reiterar a missão psicanalítica tomando esses elementos como pilares, parece desvirtuar dos focos novos de suas percepções clínicas. No entanto, isso pode ser compreendido por meio do difícil processo de apropriação e construção de seu novo vocabulário, que ele claramente sentia que representava um risco de ruptura com Freud.

Em *Fantasia Gulliverianas*⁴⁴, Ferenczi busca analisar os sintomas psíquicos à luz da compreensão analítica dos símbolos, tendo como foco um olhar acerca das alucinações liliputianas. Sua experiência clínica acerca dessas alucinações e sonhos esteve predominantemente associada a sonhos de neuróticos, em particular pacientes com neurose de angústia (Ferenczi, 1926c, p.458). É comum que estes sonhos envolvendo anões e gigantes estejam associados a uma acentuada angústia.

⁴⁴ Conferência proferida na assembleia anual da Sociedade de Psiquiatria Clínica de Nova York, em 9 de dezembro de 1926 (Ferenczi, 1926c).

Em *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900-1901), Freud associa esse tipo de sonho alucinatório a algo experimentado na infância: objetos ampliados remetem a uma época da infância onde tudo parecia gigantesco, enquanto que objetos reduzidos remetem ao desejo infantil realizado por meio de fantasias alucinatórias de reduzir ao máximo essa desproporção experimentada.

Para Ferenczi, o fator sobredeterminado desse tipo de fantasia fica escondido em fantasias simbólicas do nascimento:

A minha experiência em matéria de fantasias e de símbolos gulliverianos nos neuróticos forneceu-me a prova indiscutível de que as fantasias de nascimento ou de retorno ao seio materno representam, em geral, a fuga do trauma sexual substituído pela ideia menos assustadora de nascimento (Ferenczi, 1926c, 459-460).

No nascimento, há um grande preparo para as dificuldades extrauterinas que serão enfrentadas, sendo que o instinto materno e o ambiente também estão, de alguma forma, preparados para ajudar que o trauma presente nesse processo seja o mais leve possível. O que está sobredeterminado, para Ferenczi, nesse tipo de fantasia ou sonho, diz respeito ao desenvolvimento sexual infantil. Parece que não existe instinto preparado para isso: os pais comumente lidam muito mal com esse processo e, muitas vezes, amedrontam os seus filhos com ameaças de castração.

Ferenczi nota, por meio de sintomas transitórios em análise – por exemplo, um súbito deslocamento de sensações genitais para toda a superfície do corpo –, que o medo da castração e da mutilação parece ser mais aterrorizante no inconsciente do que o medo da morte:

Nesses seus sonhos e fantasias, um menino pequeno prefere representar-se como um anão devorado pelo pai terrível, sendo seu órgão genital assim poupado, apesar de tudo, pela castração, em vez de imaginar-se em tamanho natural mas com seus órgãos genitais ameaçados de mutilação. Do mesmo modo, a menina prefere a fantasia oral de ser devorada, mas conservando intatos seus órgãos genitais, à ideia de ser ferida ao nível desses órgãos pelo pênis masculino (o que significaria a aceitação sem reservas da ausência de pênis) (Ferenczi, 1926c, p.463).

Ferenczi faz uma viagem na biografia do autor de *As Viagens de Gulliver*, Jonathan Swift, no intuito de encontrar episódios de sua vida privada como caminho

para a compreensão de seu conturbado desenvolvimento infantil, que seria possivelmente a fonte inspiradora para sua obra: órfão de pai, ele foi criado pelo tio e a mãe e foi sequestrado na infância por sua ama de leite. Seu retorno à casa demorou cerca de três anos, em virtude da dificuldade de transporte, já que o menino tinha uma saúde delicada e atravessar o canal da Mancha não era uma tarefa simples.

Ferenczi pontua que esses eventos, principalmente o fato de não ter tido a presença de seu pai, afetaram diretamente Swift, focando primordialmente nas dificuldades encontradas para atravessar o conflito edipiano sem a figura paterna.

Faço aqui a proposta de pensarmos o contexto de Ferenczi para refletirmos sobre suas *Fantasia Gulliverianas*. Assim como ele, que pegou elementos da vida pessoal do autor de *Gulliver*, proponho também captarmos o período no qual Ferenczi se encontrava ao proferir essa palestra, como forma de propormos um caminho de compreensão das forças que lhe inspiraram.

Nesse texto, há um interesse na centralidade da figura paterna, do complexo de Édipo e da castração, o que parece desvirtuar-se de diversas maneiras dos temas centrais inovadores que inspiram o volume três. Aqui, parece oportuno trazermos *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade* (Ferenczi, 1924c), o texto mais longo e, possivelmente, o mais complexo desse volume.

Exatamente pela complexidade que envolve tal obra, não foi possível incluí-la de forma mais aprofundada na tese. Isso porque tal empreitada acarretaria num longo trabalho que, por si só, geraria uma tese. Tampouco seria possível deixar de citar esse importante trabalho. Por isso, aproveito este momento oportuno para abordar algumas questões referentes a *Thalassa*.

Thalassa foi escrito por Ferenczi durante o período em que ele esteve dedicado ao serviço militar, o que acarretou num afastamento de suas atividades psicanalíticas. Naquele tempo, traduziu para o húngaro a obra de Freud *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905). A partir disso, sentiu-se instigado a dar prosseguimento a essas reflexões, que se focaram na fase terminal da evolução

sexual, buscando trabalhar de forma mais detalhada o processo evolutivo como um todo, tomando os aspectos onto e filogenéticos da nossa evolução.

Na parte ontogenética (origem e desenvolvimento de um organismo), vemos um olhar atento à tendência regressiva permanente, que visa o restabelecimento da vida intrauterina: “O desejo edipiano é a expressão psíquica de uma tendência biológica muito mais geral que impele os seres vivos ao retorno do estado de repouso que desfrutavam antes do nascimento” (Ferenczi, 1924c, p.293). O coito seria uma tentativa de retorno ao seio materno, por meio de alucinação que lhe permite realizar a existência intrauterina de forma inconsciente.

Na hipótese sobre o coito, Ferenczi traz um outro elemento importante, por meio de suas reflexões sobre a ejaculação, que é a autotomia (aqui já mencionada no poema de Wislawa Szymborska):

No ato sexual humano, a ejaculação é precedida de uma fricção prolongada. Para compreender esse fato, precisamos voltar um pouco atrás. Os zoologistas observam a existência em certos animais de um singular modo de reação, a autotomia, que consiste no seguinte: o animal desprende de seu corpo, ou seja, “deixa cair” literalmente, por meio de movimentos musculares específicos, aqueles de seus órgãos que estiverem submetidos a uma irritação excessivamente intensa ou que, de algum modo, o façam sofrer. (...) Do ponto de vista do ego, descrevemos a ejaculação como uma rejeição análoga de secreções que produzem uma sensação de desagrado. (...) Poderíamos ainda supor que, em primeiro lugar, o ato sexual tende a separar inteiramente o órgão sexual do corpo – uma espécie de *autocastração* –, mas se contenta em seguida em desvencilhar-se apenas da secreção (Ferenczi, 1924c, p.301-302).

Dando um salto para a parte filogenética (gênese da espécie), temos, como elemento central, o tema da grande catástrofe da seca. Diferentemente da catástrofe bíblica do grande dilúvio, para Ferenczi, a grande catástrofe foi a secagem dos mares. Ele defende que, por meio de estudos biológicos, temos como ancestral longínquo o peixe:

A embriologia nos ensina que somente os animais terrestres desenvolvem membranas amnióticas que encerram o líquido amniótico a fim de proteger o embrião. (...) Assim, nos peixes, encontramos apenas algumas tentativas esporádicas de fecundação interna; a evolução contínua e ininterrupta do órgão do acasalamento só começa com os anfíbios e não atinge a eretividade característica dos mamíferos, salvo em alguns répteis. A posse

de verdadeiros órgãos genitais, o desenvolvimento do corpo materno e a sobrevivência à grande catástrofe da seca dos oceanos constituem, portanto, uma entidade biológica inseparável (Ferenczi, 1924c, p.319).

E, neste ponto, chegamos à “regressão talássica”, que é o desejo de retorno ao oceano perdido nos tempos primitivos, e que é experimentado e retomado por meio da genitalidade. Essa regressão trata de buscar o restabelecimento de um modo de vida existente anterior à seca, no qual a reprodução não necessitava de esforços para ocorrer, em virtude do meio aquoso. “A mãe, segundo o ‘simbolismo invertido’, cuja utilidade já se nos impôs diversas vezes, é na realidade, portanto, um símbolo⁴⁵ e um substituto parcial do oceano e não o inverso” (Ferenczi, 1924c, p.322).

Todos os elementos trazidos são trabalhados de maneira minuciosa por Ferenczi; porém, essa rápida apresentação nos situa quanto à empreitada de *Thalassa*, e nos ajudará nas reflexões que gostaria de suscitar sobre as *Fantasia Gulliverianas*.

Como já foi mencionado, há uma sensação de mudança abrupta no espírito que permeia o volume 3; uma retomada de questões – que pareciam estar dimensionadas já em novos ângulos – que fazem as *Fantasia Gulliverianas* nos convocarem a uma reflexão sobre o que poderia estar acontecendo com Ferenczi.

Em *Thalassa*, podemos notar uma leitura peculiar da experiência edípica e da relação com a função materna. Algo que tira o complexo de Édipo de um lugar central nas neuroses e que o redimensiona num processo evolutivo da sexualidade e da experimentação do desejo de retorno à vida intrauterina. E também há a mãe como substituto parcial do oceano perdido, que coloca em foco uma esfera transferencial que dimensiona a potencialidade do feminino.

⁴⁵ Aqui, nos deparamos com o termo “símbolo” fora do escopo do símbolo autêntico, definido em *Ontogênese dos Símbolos*, referente à dimensão do recalque. Estamos diante das “relações simbólicas profundas”, o que abre caminho para alcançarmos as inovações ferenczianas: “(...) presença corpórea ainda sob a forma de fragmento, resto, índice. Assim, não é o mar que simboliza a mãe, representando-a na ausência desta; é a mãe que simboliza o mar na medida em que traz em seu corpo o líquido amniótico, vestígio de *Thalassa*” (Gondar, 2017a, p.115).

Dentro desse cenário, em *Fantásias Gulliverianas*, caímos bruscamente numa retomada do complexo edípico como central na compreensão das neuroses e das experiências alucinatórias e oníricas de pequenez e grandeza dentro dessa ótica.

A pergunta que defino como ousada é: a pequenez e grandeza trazidas nessa conferência não poderiam ser associadas ao momento de Ferenczi e Freud? Ferenczi parece preferir ser engolido por inteiro por Freud, pois, talvez, fosse mais suportável que todo o seu construto fosse “incorporado” por seu mestre em seu arcabouço teórico, frente ao terror de fragmentação em virtude de seus “delírios teóricos”, que os afastavam cada vez mais um do outro. O medo de mutilação do menino na citação da página 100 não seria um medo do próprio autor, que temia o rumo de sua relação com Freud, quando surgissem as dissonâncias que poderiam fazer que seu grande mestre o rejeitasse?

É difícil aprofundar esses questionamentos, já que são simples suposições nas quais não é possível dialogar com aquele que experimentou essa vivência, e também não tenho o objetivo de fazer um estudo psicológico pormenorizado sobre Ferenczi. No entanto, penso que essa ousadia é válida para captarmos a dolorosa empreitada de Ferenczi no que diz respeito à sua contribuição ao campo psicanalítico; sendo tomado pelo medo de ruptura com aquele que foi a sua fonte inspiradora por tanto tempo.

Retomar a força da figura paterna em *Fantásias Gulliverianas* parece ser a sua luta final para permanecer em paz com Freud. Assim mesmo, já podemos sentir cada vez mais o seu vocabulário próprio sendo desenvolvido e alçando voo próprio, o que acarretou num afastamento teórico destes autores.

E, neste momento que podemos definir como um tempo de rupturas e transformações, proponho a leitura de um texto de Waly Salomão acerca de seus *Babilaques: alguns cristais clivados*, PERFORMANCE POÉTICO-VISUAL desenvolvida pelo poeta nos anos 70:

Os experimentos poéticos que intitulei BABILAQUES, e que desenvolvo desde 1974, representam um marco fundamental dentro de minha

produção. BABILAQUE é uma palavra não dicionarizada, não tem seu sentido definido pelo dicionário; carrega, portanto, possibilidades virtualmente infinitas. Contém *em si* uma libertação do sentido literal *stricto sensu*, enquanto dispara diversos sentidos embutidos no seu interior. Palavra polissêmica, de forte carga rítmica moderna, porém não modernosa, e claramente não destinada a ser somente uma gíria provinciana, localista e efêmera de um gueto.

A própria palavra espelha a estrutura e a organicidade dessa experiência, ou seja, algo liberto das categorias artísticas e literárias fixas. As palavras e o *texto* possuem funções interseccionais e amalgâmicas, quando justapostos aos elementos integrantes desta PERFORMANCE POÉTICO-VISUAL. Entretanto evitaria designá-los simplesmente como poemas visuais, já que essa designação é desatenta à somatória de linguagens, e obviamente resultaria em algo já conhecido, estático e sem mobilidade. O caráter INTER-RELACIONAL de textos, objetos, luzes, planos, texturas, imagens, cores, superfícies não está dirigido a uma busca meramente pictórica. Com BABILAQUES surta outra realidade, que é a de assumir por inteiro a visão de MULTILINGUAGEM. Não quero dizer que, a partir de então, as palavras, os textos só possam existir quando relacionados a outros componentes que não os de suas próprias naturezas. Esta experiência torna a palavra ainda mais voltada para si própria, como se uma nova vitalidade se instaurasse a partir deste inter-relacionamento, desta musicalidade poético-visual. A palavra aqui é o agente que hibridiza todo o campo sensorial da experiência.

Os trabalhos realizados sem palavras são elementos visuais poeticamente imantados, evidenciando assim a versatilidade da descoberta; isto quer dizer que uma foto de um pedaço de fruta dentro de uma lata vazia não pretende ser uma forma insólita de “natureza-morta”, mas instaura um discurso, uma *fala*, um canto, uma música, cines imaginários. Este é o caráter ESTRUTURAL da experiência: PLURALIDADE de significados.

A fotografia – com seus elementos composicionais próprios: luz, cor, ângulo, corte – transforma e ficciona a PERFORMANCE POÉTICA. (SALOMÃO, 2007, p.21).

O texto de Waly Salomão, que define seus *BABILAQUES*, é aqui utilizado como um convite a uma forma especial de experimentação, que facilmente nos transporta a fase da obra ferencziana que adentraremos: “(...) palavra, aqui, é o agente que hibridiza todo o campo sensorial da experiência. (...) Com BABILAQUES surta outra realidade, que é a de assumir por inteiro a visão de MULTILINGUAGEM”.

O jogo de linguagem utilizado por Waly Salomão amplia tanto o campo sensorial quanto o campo linguístico: “O caráter INTER-RELACIONAL de textos, objetos, luzes, planos, texturas, imagens, cores, superfícies”. Como também vimos

em *Palavras Obscenas* (Ferenczi, 1911), há um encontro entre palavra e coisa, que captamos por meio da sensorialidade da palavra. Palavra esta que perde a sua supremacia e se hibridiza com outras formas de relação com o mundo.

Na maior parte do tempo de elaboração da tese, a leitura que fiz da obra de Ferenczi foi uma leitura livre, transitando nos textos de acordo com as questões que iam surgindo. Contudo, quando cheguei no momento de elaborar o presente capítulo, me propus a fazer uma leitura cronológica de seus textos, pois sentia a importância de seguir junto ao autor no seu processo criativo. Como já apontado, dessa leitura, foi possível captar aspectos importantes: em um primeiro momento, a sua grande gratidão e admiração por Freud exerceu uma forte influência; porém, algo de singular já se anunciava desde os primórdios e foi ganhando voz paulatinamente. Como também já foi mencionado, esse processo de transformação não foi linear e sutil, já que havia uma grande preocupação em se manter conectado ao projeto freudiano. Marcar “os tempos” de forma precisa ao longo da sua obra não é algo fácil, pois os conceitos se misturam e o próprio autor transita nessas diversas facetas.

A leitura do quarto volume, nesta empreitada, foi de alguma forma surpreendente. Esse volume concentra um número significativo de textos famosos, que, naturalmente, já havia lido diversas vezes. No entanto, essa leitura cronológica trouxe uma sensação inesperada. Refiro-me especificamente aos textos publicados em vida e às suas *Notas e Fragmentos* (Ferenczi, 1920-1932). Isso porque, nos textos póstumos, estão incluídas algumas reflexões que podem ser associadas a um período anterior do autor, no qual ele retoma questões antigas, pouco relacionadas ao momento atual das suas reflexões, como é o caso de *Apresentação Sumária da Psicanálise* (Ferenczi, 1932a). Esse texto, em especial, foi bastante difícil de ser lido, pois ele vem em sequência a *Reflexões sobre o trauma* (Ferenczi, 1934)⁴⁶, o que significou uma abrupta ruptura com o jogo de linguagem predominante naquele momento. Em *Apresentação Sumária da Psicanálise* (Ferenczi, 1932a) ele volta a um espírito que denominamos aqui mais associado às “contribuições para a técnica clássica” e à lógica do recalque.

⁴⁶ Este texto é marcado por temas centrais deste último período da sua obra.

No entanto, a abrupta ruptura foi muito importante, uma vez que evidenciou uma atmosfera muito peculiar que predominou até o momento. O que chamo de surpreendente na leitura foi uma sensação de que todos os textos estavam, de alguma forma, interligados; uma sensação de me perder nas temáticas, de não conseguir lembrar exatamente em qual artigo estava uma determinada questão. E o interessante é que muitos textos me eram bastante familiares, mas, nessa leitura contínua, eles ganharam outra perspectiva. Era como se tivesse me transportado para outra dimensão, onde as fronteiras entre os textos estivessem como que dissolvida.

E o jogo de linguagem parece ser uma possível ferramenta de leitura dessa transposição de dimensão. Enquanto Ferenczi permaneceu por um tempo significativo num pêndulo que transitava entre a sua missão de contribuir para a psicanálise tradicional e as suas convocações clínicas inovadoras, no volume 4, um jogo de linguagem ganha destaque, e o movimento pendular parece perder força.

Aqui, é muito importante fazer uma observação: grande parte do foco desta tese está em colocar em xeque a supremacia da lógica do recalque e, para tal, dá-se destaque à lógica da clivagem. Inevitavelmente, ao destacar a lógica da clivagem, também corremos o risco de fazer dela algo “superior”, e perdermos de vista outras perspectivas da subjetividade que podem ser aglutinadas por essa visão.

Esse é um risco ao qual precisamos nos atentar, pois, ao termos como foco o jogo de linguagem, podemos perceber que as nossas reflexões se potencializam se as mantivermos em um movimento de transformação contínuo. Contudo, darmos uma atenção em especial à clivagem repousa em duas razões:

- 1) essa temática constitui a fase final da obra de Ferenczi, onde se concentram as suas grandes contribuições para a psicanálise. Dar destaque a esse período é acessar o seu espírito livre;
- 2) questões que perpassam a dimensão da clivagem como, por exemplo, o desmentido, a fragmentação psíquica e os processos linguísticos para além da simbolização estão no cerne de discussões contemporâneas, tanto no

campo psicanalítico quanto no nosso mundo em geral. Como mencionado no início da tese, muitas discussões na psicanálise referem-se ao desafio de entendermos do que se trata “o empobrecimento simbólico” e como instrumentos tradicionais vêm falhando em sua eficácia clínica diante deste impasse. A escuta ferencziana faz-se presente como norteadora em temas que ainda se mostram desafiadores, mesmo tendo passado quase um século de suas formulações. Em questões fora da esfera psicanalítica, também vemos como tais contribuições lançam luz em aspectos obscuros: a pedagogia ainda se perde diante do desenvolvimento singular da criança, pois a vivência infantil é um espaço de experimentações ricas que deslocam nossas certezas, mas que ainda se tem muita dificuldade de transitar na forma única de estar no mundo de cada criança, frente à “responsabilidade de puxá-la” para o processo civilizatório, e também ajudá-la a chegar a desenvolver sua capacidade de simbolização. Também temos a questão das minorias, que buscam encontrar suas vozes, se desfazendo de uma cultura patriarcal que reduz tudo a seu vocabulário e que emudece, desmente, as experiências que não se encaixam em seus moldes.

Essas observações foram colocadas de forma a preceder a nossa entrada nas reflexões quanto ao volume 4, para que se possa entender que o foco que daremos para essa fase consiste na crença de que tais contribuições ainda são ferramentas atuais de aprimoramento da técnica psicanalítica. O objetivo é que esta tese seja datada, ou seja, superada, quando novas convocações nos chamarem, e comecem a deslocar nosso olhar para outros rumos. A morte de Ferenczi deixou em aberto muitas questões, o que nos impede de saber para onde sua teoria seguiria caso sua vida tivesse sido mais longa, mas, pelo que podemos supor, ela teria sofrido modificações e reformulações. Como afirma Balint na Introdução do volume 4:

(...) se tivesse vivido mais é quase certo que teria sido levado a escrever um artigo do gênero de “Contraindicações da técnica de relaxamento e de indulgência em psicanálise”. Seja como for, a verdade é que os problemas evidenciados por Ferenczi no final dos anos 20 e começo da década de 30 continuam ainda hoje no centro da pesquisa psicanalítica (Balint, 1967, p.XXIII).

Ao mergulharmos na fase final da obra ferencziana, entraremos em contato com um jogo de linguagem muito peculiar, que é, acima de tudo, uma convocação a transitarmos nas reflexões psicanalíticas de maneira mais livre, permitindo que nossas percepções nos guiem, sem medo de adentrarmos universos já desbravados e superados, assim como dimensões pouco usuais, ambos os modos nos demandando alguma capacidade subversiva do *status quo* das investigações correntes.

Partindo dessa aposta na capacidade subversiva, trabalharei o volume 4 de forma diferente dos anteriores: captando o espírito das suas *Notas e Fragmentos* (Ferenczi, 1920-32), que constituem a parte final do volume, e do seu *Diário Clínico* (Ferenczi, 1990), que será tema do próximo capítulo, trarei as discussões de forma mais livre.

A definição da “lógica da clivagem”, que foi um dispositivo utilizado para entendermos o desenvolvimento dos vocabulários ferenczianos, aqui sofrerá um pequeno alargamento. O mecanismo da clivagem é central para captarmos elementos inovadores, mas parece que o jogo de linguagem desenvolvido nesse último volume tem algo de mais profundo, que é um mergulho na linguagem da ternura⁴⁷. O mergulho na linguagem da ternura diz respeito à profunda mudança de ambiente onde transita Ferenczi. Como pontuado no início do capítulo, a lógica do recalque transita numa esfera de interpretação dos afetos recalcados e pauta-se num trabalho baseado na “cura pela palavra”.

Além disso – e penso ser esse o elemento mais importante e pouco destacado –, na “lógica do recalque”, Ferenczi aposta num ambiente que cria a criança como sempre funcionando minimamente bem. Por exemplo, em todos os estágios de recalque descritos em *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (Ferenczi 1913a), sempre pontua o ambiente circundante da criança como respondendo de forma suficiente às demandas adaptativas da criança. Ele parece apostar em algo que funciona para que a criança se mantenha no seu movimento de reencontro com sua onipotência outrora experimentada.

⁴⁷ Tema já abordado no texto *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (Ferenczi, 1932).

A aposta num funcionamento regular do ambiente familiar, no qual a criança é criada, é uma forma de supormos que a ambientação analítica e a relação com o paciente ainda não havia atingido um ponto de destaque:

Um princípio da psicanálise, não expresso ou raramente expresso, é que, ao contrário de outras psicoterapias, ela não quer agir nem pela sedação, pelo apaziguamento (...) mas enfim somente pela via intelectual, desobstruindo as inibições que afetam os sentimentos e os atos, pela conscientização dos recalcamientos. O ideal da análise seria, portanto, um caso em que não se introduzisse absolutamente nada no paciente por meio da análise, em que o analista não mudasse nem melhorasse nada nas relações exteriores nem nas relações internas, portanto, nem pela ajuda social e pessoal, nem pela satisfação de necessidades afetivas (Ferenczi, 1990, p. 88-89).

Pode-se defender que, quando prevalecia em sua obra a “lógica do recalque”, o aspecto relacional com o paciente ainda não estava em grande evidência, pois seu olhar sobre os efeitos traumatizantes causados pelo mundo externo ainda não tinha sido explorado. O mundo circundante “normal” aparece como ponto de partida para os saltos de desenvolvimento, e a restauração da onipotência parece ter mais destaque.

Quando se defronta com a clivagem psíquica, com a fragmentação, Ferenczi vê-se convocado a investigar o que ocorria no mundo circundante da criança. Começou a compreender que o ambiente provido pela análise tinha forte influência sobre o que brotava no paciente. Seu olhar começa a se direcionar, assim, para a fragilidade da infância e não mais para a busca por onipotência:

O indivíduo ainda inacabado só pode prosperar num meio ótimo. Numa atmosfera de ódio, não pode respirar e perece. Psiquicamente, a destruição exprime-se na fragmentação da própria psique, ou seja, o abandono da unidade do ego (Ferenczi, 1990, p. 221).

(...) Os bebês não amam, é preciso que sejam amados (Ferenczi, 1990, p.236).

(...) A personalidade infantil, ainda tão pouco consolidada, não tem, por assim dizer, qualquer capacidade de existência se o seu meio não a sustentar e amparar de todos os lados (Ferenczi, 1990, p.258).

E essa percepção gera transformações profundas em sua prática clínica:

Além da dimensão passional, essa espécie de incompreensão da natureza profunda da criança e, em particular, a ausência de crença na inocência das crianças (e dos pacientes) deve levá-las (e levá-los) ao desespero, que os adultos contribuem para converter em desencorajamento ou desafio, por vezes em ambição levada ao excesso em todo caso, em traços de caráter infeliz; ao passo que, na análise, isso conduz a um “encalhe” que o analista interpreta como resistência do paciente, ao invés de buscar o defeito em si mesmo. O remédio só pode ser fornecido por uma análise que tampouco poupe o analista e a teoria analítica (Ferenczi, 1990, p.254).

O analista e a teoria não podem ser poupados, pois são componentes que integram a construção da experiência clínica. Essa percepção muda o rumo clínico de Ferenczi. Ele parece se despir de todos os respaldos das certezas científicas e “se joga” nas experimentações clínicas, buscando conectar-se mais profundamente com seu paciente. É nesse sentido que defendo um “alargamento” da lógica da clivagem, como sendo fundamentalmente, uma linguagem da ternura, que busca reabilitar uma dimensão infantil mitigada. Utilizei passagens do *Diário Clínico* para descrever a atmosfera que circunda essa fase da obra ferencziana, mas, agora, retomarei o percurso cronológico, entrando no volume 4.

Para explorarmos o volume 4, proponho um jogo de linguagem: tomarei como fio condutor seu artigo *Princípio de relaxamento e neocatarse* (Ferenczi, 1930), texto aonde Ferenczi fala como desenvolve sua técnica no presente contexto e, ao longo desta apresentação, farei um jogo de corte e colagem das *Notas e Fragmentos*, como forma de articular os temas centrais desse período de sua obra⁴⁸. As *Notas e Fragmentos* (Ferenczi, 1920-1932) são textos fragmentários, notas tomadas no dia a dia, dentre elas, possíveis esboços para artigos que seriam feitos. Essa natureza fragmentária é em decorrência do aspecto inacabado das mesmas e também em virtude do fato de serem páginas encontradas em desalinho, o que certamente acarretou a perda de algumas delas. Mas também representam o contexto de criação de Ferenczi, associado ao mergulho em seu vocabulário próprio. Os tradutores franceses consideram essas *Notas e Fragmentos* como uma parte menos íntima de seu *Diário Clínico* (Ferenczi, 1990). Isso reflete a percepção

⁴⁸ As citações e a escrita desta parte da tese terão uma forma menos tradicional, como parte do “jogo de corte e colagem” que estou propondo, que também refletem o espírito fragmentário dos textos ferenczianos agora estudados.

de que algo de fragmentário não está relacionado somente às notas encontradas de forma solta e inacabada, mas expressa algo do espírito de criação do autor.

Como pontuado anteriormente, os textos do quarto volume publicados em vida tratam predominantemente de temas familiares entre si, com uma linguagem muito peculiar. Seria possível tomar qualquer um deles (ou quase todos) como fio condutor das reflexões que permeiam esse período. Escolho *Princípio de relaxamento e neocatarse* (Ferenczi, 1930), pois, no texto, Ferenczi fala, especificamente, das suas mais recentes inovações técnicas e das suas inspirações e convocações práticas. Nesse contexto, é possível captarmos importantes questões éticas.

Em *Princípio de relaxamento e neocatarse* (Ferenczi, 1930), Ferenczi começa o artigo com uma breve história da psicanálise. Nos primórdios, o tratamento catártico de Breuer pautava-se nos relatos e na realidade das lembranças de sua paciente⁴⁹ que surgiam e não as refutava, como tradicionalmente se fazia – os médicos liam tais relatos como invenção fantasística de uma doente. Contudo, quando as vivências com sua paciente começaram a extrapolar um certo decoro, e começou a surgir algo de mais primitivo e libidinal, Breuer, então, decidiu não avançar em suas investigações.

Foi Freud quem empreendeu esse trabalho, como sabemos. Todavia, diante do impasse gerado por asserções imprecisas e incertas das pacientes histéricas, foi necessário formular o dispositivo da “realidade psíquica”⁵⁰ para seguir sua exploração nesse campo. A técnica psicanalítica avançou, assim, para uma experiência mais intelectual, aonde o trabalho de associação focava-se na reconstituição das causas recaladoras da doença. No entanto, Freud notou que, ao focar no intelectual, alguns fracassos clínicos ocorriam em virtude da perda de afetividade, buscando, dessa forma, uma reabilitação da mesma por meio de suas percepções acerca da transferência e da resistência.

⁴⁹ Tomamos como referência o seu caso inaugural, o atendimento de Anna O.

⁵⁰ Referente à “segunda teoria da sedução”, explicada na nota de rodapé 20.

Seguindo os ensinamentos de Freud, Ferenczi também foi avançando em sua experimentação clínica, tendo como orientação a associação livre, a transferência e a resistência. Diante da constatação de que os sucessos estavam cada vez mais raros, buscou acentuar o princípio de frustração⁵¹, como forma de favorecer e acelerar alguns processos. Foi, então, o período em que desenvolveu sua técnica ativa.

Entretanto mesmo tendo cautela e uma postura reflexiva acerca dessa técnica, Ferenczi admite os excessos provenientes da mesma. Afirma que o mais grave excesso foi o de fixar um prazo para finalizar o tratamento. Ao perceber esses problemas, ele buscou um novo mergulho na análise do ego e dos desenvolvimentos do caráter elaborados por Freud, com um olhar atento à distribuição de energia entre o id, o ego e o superego do paciente, buscando compreender a formação dos sintomas sob tal ótica.

No entanto, nesse processo, Ferenczi sentia que a relação com o paciente se tornava parecida com a relação entre professor e aluno, o que o fez perceber certo desconforto por parte dos seus analisandos, mesmo que estes não conseguissem falar abertamente dessa sensação. Isso o fez buscar uma forma de trabalho na qual fosse permitida ao paciente uma maior liberdade, mesmo que isso colocasse em xeque alguns preceitos tradicionais.

No decorrer da sua vida como clínico, viu-se diversas vezes diante da necessidade de transgredir as orientações técnicas freudianas: o uso do divã nem sempre foi possível, em virtude de algumas convocações “olho a olho”; em outros momentos, o pagamento pelo atendimento não era possível, e ele não deixou de atender certos pacientes por esse motivo; e, também, transgrediu o tempo “regulamentar” do atendimento, em decorrência do estado emocional do paciente, que teria uma experiência muito abrupta de interrupção em alguns momentos. E,

⁵¹ “Princípio de frustração é sinônimo de “regra de abstinência”: regra da prática analítica segundo a qual o tratamento deve ser conduzido de tal modo que o paciente encontre o menos possível satisfações substitutivas para os seus sintomas. Implica, para o analista, o preceito de se recusar a satisfazer os pedidos do paciente e a preencher efetivamente os papéis que este tende a lhe impor. A regra de abstinência, em certos casos e em certos momentos do tratamento, pode constituir-se especificamente em indicações relativas a comportamentos repetitivos do sujeito que dificultam o trabalho de rememoração e de elaboração” (Laplanche-Pontalis, 2001, p.3).

quando não se permitia cometer tais transgressões, percebia os efeitos negativos, como, por exemplo, um aumento supérfluo da resistência do paciente.

Do acúmulo de casos que extrapolavam a técnica tradicional, Ferenczi formula o princípio de *laissez-faire*, que coloca em destaque o relaxamento. Com o relaxamento, encontra caminhos mais profícuos no trabalho de dissolução das manifestações de resistência, além de propiciar uma relação de parceria entre analista e paciente. Assim, o analista sai de uma posição de autoridade incontestável e o paciente também pode se desvencilhar de uma vivência repetida da infância, que é a de submissão aos preceitos dos adultos. *NOTAS E FRAGMENTOS*: “A atitude relativamente amistosa do analista anula-lhe a possibilidade de luta; por trás das tendências agressivas, a angústia torna-se manifesta, a qual conduz à lembrança encobridora (acima mencionada)” (Ferenczi, 1920-1932, p.271).

Dessa parceria e nova forma de relação entre analista e paciente, surge uma atmosfera de confiança. Nessa atmosfera, Ferenczi percebia sintomas jamais vistos, variações bruscas de estado de consciência, seguidos de amnésia. *NOTAS E FRAGMENTOS*: “É preciso uma confiança imensa por parte do analisado para permitir-se um tal mergulho na presença de uma outra pessoa (Ferenczi, 1920-1932, p.284) (...) Participar a uma outra pessoa o que aconteceu, à maneira de uma queixa ou para encontrar ajuda ou compaixão (=compartilhar! dor compartilhada, emoção compartilhada) = *diluição*, mediante a *repartição* por *comunicação*” (Ferenczi, 1920-1932, p.310).

As variações bruscas de consciência tornavam-se, às vezes, um estado de transe, no qual fragmentos de experiências passadas eram reavivados e, em tal estado, o analista tornava-se a única conexão entre paciente e realidade:

Não era difícil, em seguida, utilizar esses sintomas para fortalecer ainda mais as reconstruções realizadas até aí, de certo modo a título de *símbolos mnêmicos corporais*⁵², com a diferença, porém, de que o passado, dessa vez reconstruído, aderia muito mais do que antes ao sentimento de *realidade* e de objetividade (*Dinghaftigkeit*), e, portanto, estava muito mais próximo, em sua natureza, de uma verdadeira *lembrança*, ao passo

⁵² Novamente quanto à questão do símbolo: os símbolos mnêmicos corporais não são símbolos autênticos.

que até então o paciente limitava-se a falar de possibilidades, no máximo de plausibilidade, e suspirava em vão por lembranças (Ferenczi, 1930, p.71).

Ferenczi comparou tais estados de variação de consciência com manifestações catárticas, experiências datadas nos primórdios da psicanálise. Em um primeiro momento, há uma decepção, já que ele se via dando muitos passos atrás no percurso da sua investigação. Contudo, rapidamente, pôde perceber que essa catarse não era a mesma de outrora: era proveniente de um profundo trabalho analítico, constituindo um caminho para alcançar a realidade etiológica das doenças psíquicas. Ferenczi deu o nome de neocatarse para esse processo, sendo que o fator traumático original volta a ganhar destaque:

São sempre perturbações e conflitos reais com o mundo externo que são traumáticos e têm um efeito de choque. (...) Após ter dado toda a atenção devida à atividade fantasística como fator patogênico, fui levado, nesses últimos tempos, a ocupar-me cada vez com maior frequência do próprio traumatismo patogênico (Ferenczi, 1930, p.73).

Reconhece, assim, a importância que é preciso dar à tendência incestuosa dos adultos e como essa tendência é um fator causal das comoções psíquicas nas crianças. A neocatarse permite entrar em contato com a experiência de ruptura com a realidade, que é uma forma da criança responder à vivência traumática.

Anna Freud diz a Ferenczi: “Você trata os seus pacientes como eu trato as crianças nas minhas análises infantis” (Ferenczi, 1930, p.75). Isso porque, na técnica do relaxamento, afirma o autor, realmente se atenua a diferença entre análise de criança e análise de adulto. Podemos dar liberdade ao paciente para expressar a sua parte “faminta por ternura”: “[D]o que esses neuróticos precisam é de ser verdadeiramente adotados e de que se os deixe, pela primeira vez, saborear as bem-aventuranças de uma infância normal” (Ferenczi, 1930, p.77).

NOTAS E FRAGMENTOS: “Não existem seres humanos completamente adultos” (Ferenczi, 1920-1932, p. 314). Como afirma em *Adaptação da família à criança*: “essa falta de apreensão de sua própria infância é o obstáculo maior que impede os pais de compreender as questões essenciais da educação” (Ferenczi,

1928, p.2). Isso porque nos atemos tanto à responsabilidade de incluirmos a criança dentro do processo civilizatório que esquecemos o infantil em nós, que é chave para captarmos a força da criança: “(...) são essas tendências primitivas as que nos fornecem a energia necessária às grandes realizações da civilização” (Ferenczi, 1928, p.8).

NOTAS E FRAGMENTOS: “(...) as crianças nos (3-4?) primeiros anos de vida tampouco têm muitas lembranças conscientes do desenvolvimento das coisas, mas apenas sensações (com tonalidade de prazer e desprazer) e reações corporais às mesmas. A **“lembrança” permanece imobilizada no corpo e somente aí** pode ser despertada” (Ferenczi, 1920-1932, p.304, grifo nosso). “(...)Não se justifica exigir na análise a rememoração consciente de algo que nunca foi consciente (...) Eis chegado o tempo do “incitamento premente para as tarefas da vida” – felicidade do futuro em vez de ruminar e escavar o passado” (Ferenczi, 1920-1932, p.305).

NOTAS E FRAGMENTOS: “(...) a esperança em que é possível, por meio de um relaxamento em profundidade adequada, atingir a vivência direta de uma experiência do passado, que pode, então, sem outra interpretação, ser aceita como verdadeira. (...) De fato, existe finalmente algo que já não tem que ser interpretado (remodelado pela interpretação) nem deve sê-lo – senão a análise converte-se numa substituição sem fim de sentimentos e de representações, a maioria das vezes por seus contrários” (Ferenczi, 1920-1932, p.308).

Em *Análises de crianças com adultos* (Ferenczi, 1931), conferência aqui já mencionada, Ferenczi, baseado em sua “fé fanática” (Ferenczi, 1931, p.81) na possibilidade da cura, afirma que os casos difíceis, aparentemente incuráveis, seriam, para ele, casos nos quais há a necessidade de modificação da técnica. Essa modificação da técnica o convoca a questionar a existência da forte distinção entre análise de crianças e análise de adultos. Analistas de crianças, como Anna Freud, Melanie Klein, Sra. Von Hugh Hellmuth e Airchhorn, tiveram que recorrer à criatividade para adaptar a técnica ao contexto infantil. Tais adaptações são elementos utilizados por Ferenczi para elaborar os ajustes necessários, naquele momento, para ver sua técnica aprimorar-se diante dos casos desafiadores:

Se considerarmos que, segundo as nossas experiências e hipóteses atuais, a maioria dos choques patogênicos remonta à infância, não pode causar surpresa ver o paciente que tenta fornecer a gênese do seu mal cair de súbito no pueril ou no infantil (...) o paciente relata-nos então as ações e reações inadequadas dos adultos, diante de suas manifestações por ocasião de choques traumáticos infantis, em oposição com nossa maneira de agir (Ferenczi, 1931, p.84).

NOTAS E FRAGMENTOS: “Por outro lado: os eventos “psíquicos” do passado (infância) podem ter deixado para trás seus traços mnêmicos somente na linguagem gestual (corporal) incompreensível para o nosso consciente, sob a forma de “mnemos” orgânico-psíquicos; na época talvez não existisse sequer pré-consciente, apenas reações emocionais que só são reproduzidos fragmentos de acontecimentos exteriores (traumáticos). (...) Sendo assim, então certas lembranças da infância não podem ser obtidas conscientemente e, nos sintomas corporais, ilusões estão sempre misturadas a deformação de defesa e inversão (realizando um desejo) à maneira do sonho” (Ferenczi, 1920-1932, p.308).

NOTAS E FRAGMENTOS: “(...) assim como é lícito falar de um processo de recalçamento, também se pode dar crédito às declarações do paciente e admitir o próprio ponto de vista tópico no que se refere àqueles casos em que a personalidade é dilacerada em duas ou mais partes, quando os fragmentos produzidos pela desintegração assumem, por assim dizer, a forma e o modo de funcionamento de uma pessoa inteira (Ferenczi, 1920-1932, p.273-274). (...) Não é impossível, portanto, que, pela acumulação de nossa experiência, o ponto de vista tópico, a par do deslocamento e do recalçamento, permita igualmente descrever a fragmentação e a pulverização de formações psíquicas compostas” (Ferenczi, 1920-1932, p.274-275).

Essa fragmentação seria uma *performance* de adaptação, e a análise poderia ser entendida como a possibilidade de reviver sensivelmente o conflito traumático e permitir o fim deste processo, ao viabilizar a modificação do mundo circundante: o analista representa a possibilidade de um meio ambiente de amparo, de cuidado,

que faz cessar a necessidade de se fragmentar para sobreviver a um ambiente violento (Ferenczi, 1920-1932, p.278).

NOTAS E FRAGMENTOS: “(...) *Healing* (cura) é o efeito apaziguador da exortação e da ternura (Ferenczi, 1920-1932, p.315). (...) a exortação amistosa (talvez também um pouco de eletromagia) de uma outra pessoa possibilita a eliminação da autoclivagem e ‘o abandono’ enquanto pessoa reintegrada. (...) Um adulto deve ‘cuidar de si mesmo’. A uma criança, cuida-se dela (...) somente no começo da infância ou antes da clivagem é que se era ‘uno consigo mesmo’. A análise em profundidade deve retroceder sob o nível de realidade, até as épocas pré-traumáticas e os momentos traumáticos, mas não se pode esperar nenhuma solução, se a solução não for desta vez diferente do que se passou primitivamente. Uma intervenção é aqui necessária (regressão e **nova partida**)” (Ferenczi, 1920-1932, p.316, grifo nosso). “(...) Tratamento: admitir, reparar o infantil (não fazer nada) – nova formação normal da pessoa (Ferenczi, 1920-1932, p.316). (...) a criança vive no presente. ‘Criança infeliz do instante’. As lembranças desagradáveis continuam vibrando algures no corpo (emoções)” (Ferenczi, 1920-1932, p.323).

Nessa última passagem, encontramos um termo que considero a chave para a compreensão ética sob a perspectiva do jogo de linguagem: uma “nova partida”. Um novo início para uma nova existência, uma nova partida para um jogo novo, diferente, com regras e relações novas.

O “inacabado” da obra ferencziana não nos permite saber como ele lidaria, em outros contextos, com a cura e a eficácia terapêutica, já que muitas coisas ficaram em aberto. Contudo, o seu desejo pela cura foi, fundamentalmente, o seu compromisso ético em procurar fornecer para os seus pacientes um ambiente de busca constante para transformações subjetivas. Ele acreditava em novos começos, em existências melhores, e se colocava à disposição para experimentar o que fosse necessário para chegar a esse objetivo. E, dentro deste espírito, seguimos para o próximo capítulo, que tem como foco a dimensão ética do seu trabalho.

4

A ética em Ferenczi

Escolho o texto *Do alcance da ejaculação precoce* de 1908, que abre o primeiro volume das *Obras Completas* de Ferenczi, para iniciar o capítulo sobre a ética clínica ferencziana. Esse texto inaugural apresenta de forma sucinta pontos centrais que veremos surgir ao longo da obra ferencziana e nos leva diretamente às reflexões do *Diário Clínico* (Ferenczi, 1990), que também trabalharemos aqui. Considero o salto que daremos do primeiro texto para a última obra do autor uma transposição interessante, onde perceberemos, no texto inicial, um bonito preâmbulo para o universo do *Diário Clínico*.

O primeiro artigo psicanalítico de Ferenczi nos aponta, com bastante clareza, para temas norteadores de um número significativo das suas mais ricas contribuições. Como vimos no capítulo 3, os jogos de linguagem utilizados por esse autor passaram por transformações ao longo do tempo, sofrendo uma grande influência do papel que ele exercia no contexto psicanalítico e da sua relação com Freud, e também em virtude de sua vivência clínica.

O que parece ficar evidente é que sua ética como clínico foi paulatinamente ganhando maior contundência, como uma convocação de estar, o máximo possível, num plano experimental em nome do aprimoramento dos resultados clínicos, que o guiavam. Os impasses diante da técnica, a percepção das falhas e a sua escuta atenta às reclamações e desconfortos dos seus analisandos eram fonte de energia criadora de novos rumos.

Essa fonte de energia criadora pode ser notada desde o início na sua capacidade de subverter o fluxo usual de constatações clínicas acerca de uma determinada doença, trazendo a voz de existências silenciadas; evocando, desde esse momento inaugural de sua teoria, uma crítica ao lugar de rigidez e arrogância por parte dos médicos. Isso estava presente desde os primórdios, como veremos na apresentação do seu artigo *Do alcance da ejaculação precoce* (Ferenczi, 1908). A seguir, faremos essa apresentação e a tomaremos como elemento de introdução ao universo do *Diário Clínico*.

Em *Do alcance da ejaculação precoce* (Ferenczi, 1908), Ferenczi começa o texto já propondo uma virada de perspectiva: um olhar sobre o *outro*, sobre o parceiro sexual do outro sexo, no caso, a mulher, na questão da ejaculação precoce. A grande maioria dos estudos se debruça sobre as causas fisiológicas, mas pouco sobre os efeitos na mulher, parceira sexual que também é afetada por esse transtorno.

Partindo da constatação psicanalítica de Freud quanto à insatisfação sexual como elemento central na origem das neuroses de angústia, Ferenczi levanta um ponto importante: a ejaculação precoce patológica traz à luz uma questão mais ampla, que é uma precocidade na ejaculação que parece estar presente sempre. O sexo masculino, em relação ao sexo feminino, apresenta uma ejaculação precoce relativa. Mesmo em estados “normais” esse fato pode ser constatado.

O homem, comumente, chega ao orgasmo antes da mulher, e esta, mesmo que tenha ficado excitada, não consegue atingir um grau necessário para o orgasmo, sendo que o ato sexual se finaliza sem a satisfação da mulher⁵³. E essa condição, que se reitera repetidamente ao longo do tempo, leva a um estado de tensão nervosa. Ferenczi diz: “(...) só o egoísmo masculino, sobrevivência do velho regime patriarcal, pôde desviar a atenção dos homens... logo, dos médicos, deste problema” (Ferenczi, 1908, p.2).

Nesse contexto, vemos um ideal feminino construído na ideia de que a mulher não podia exprimir os seus desejos sexuais, o que a colocava numa posição passiva; o sexo só se justificando para atender ao desejo do seu marido. Contudo, os decretos morais não são as ferramentas mais apropriadas para se lidar com os impulsos libidinais, por isso, os sintomas patológicos surgem como forma de resposta a tamanha repressão⁵⁴:

⁵³ É importante ressaltarmos a data deste texto, 1908, quando a questão da sexualidade feminina era ainda mais reprimida e pouco desenvolvida em comparação com os tempos atuais.

⁵⁴ Neste contexto, não vamos entrar em uma discussão mais aprofundada quanto ao recalque e, por isso, o termo “repressão” e os seus derivados são usados de uma forma menos presa a esta conceitualização psicanalítica.

Se os homens rompessem seu modo de pensar egocêntrico para imaginar uma vida em que *lhes* tocasse sofrer constantemente a interrupção do ato antes da resolução orgástica da tensão, dar-se-iam conta do martírio sexual suportado pelas mulheres e do desespero provocado pelo dilema que as reduz a escolher entre o respeito a si mesmas e a plena satisfação sexual. Eles compreenderiam melhor por que uma porcentagem tão importante de mulheres foge ao dilema através da doença (Ferenczi, 1908, p.2).

Mas como podemos pensar sobre a diferença relativa aos sexos em relação à satisfação sexual, que aponta para um ritmo mais rápido do homem em relação à mulher? Ferenczi defende que não existe uma diferença fisiológica ou orgânica, mas uma diferença de condição de vida: enquanto o homem tem um estímulo social para explorar a sua vida sexual, a mulher é reprimida tanto no plano real quanto mental. Certamente, o texto é de uma data quando essa condição era mais extrema, mas podemos defender que ainda temos resquícios fortes disso na nossa cultura, e as reflexões propostas ainda se apresentam como bastante atuais.

Penso que podemos ver esse artigo como um tipo de manifesto feminista, um olhar sobre o feminino em tempos ainda pouco fecundos para esse tipo de questão. Tomando a inspiração desse manifesto, vejo algo que podemos tomar como a raiz da dimensão ética da obra de Ferenczi. Ele tinha a habilidade singular de perceber perspectivas novas sobre velhos problemas. Certamente, essa é uma habilidade que qualquer pensador que propõe alguma inovação tem, mas o que parece ser muito peculiar a Ferenczi, no contexto psicanalítico, é que a sua capacidade de subverter o usual, de captar um novo ângulo de uma questão, está diretamente ligada a uma disponibilidade de se lançar no olhar e na vivência do outro.

Para ele, não bastava confirmações práticas de sua teoria; havia algo da prática que sempre o instigava a buscar subversões no seu fazer teórico, que tinha um olhar muito atento ao sofrimento humano. No caso da ejaculação precoce, tem, pelo menos, dois seres envolvidos, e algo o fez perceber um sofrimento profundamente silenciado.

Defendo aqui que, nesse breve texto, vemos os germes de pontos centrais da sua obra: (1) o “sentir com”, quando ele consegue se transpor para a

experimentação feminina como forma de acessar, de um outro plano, as neuroses de angústia; (2) a questão do trauma e do desmentido, quando busca dar outra voz à experiência sexual feminina, compreendendo a retração e as dificuldades sexuais como resposta a uma cultura repressiva e ao descompasso de vivências entre homens e mulheres; (3) uma dimensão de horizontalidade na transferência, quando traz de forma central o aspecto relacional e seus desdobramentos nas percepções clínicas, convidando o clínico a deslocamentos que o tira de uma posição fixa e de visão restrita. Para ver o sofrimento do paciente, é preciso acessar a condição de sua dor.

Também defendo aqui, que algo perpassa esse texto, apontando para um pano de fundo que se manterá ao longo da sua obra, que é a questão da ética. A ética de ouvir seu paciente, sob os diversos ângulos que a clínica convoca. Ângulos aos quais, muitas vezes, a teoria não se ajusta, mas é preciso revirá-la para que a escuta ao paciente possa efetivamente acontecer.

Ferenczi propunha novos jogos de linguagem, mas, além disso, dava voz a jogos de linguagem que já estavam latentes, mas que não havia ninguém para percebê-los e jogá-los. Como no caso do artigo agora apresentado, onde vemos uma habilidade de captar um ângulo da questão que certamente estava latente, mas ainda não notada. E ele se implica como homem (e médico) e assume um compromisso com um olhar crítico sobre um regime patriarcal, masculino, que emudece a experiência sexual feminina e suas consequências. O autor se lança sobre um ângulo inovador para a época, ao mostrar sua capacidade de sair de um lugar cômodo de médico, de homem, ao se lançar no desprazer experienciado pela mulher para tentar captar aspectos mais sutis das neuroses de angústia.

Não se trata de desbravar algo escondido, interpretar sintomas, mas de dar voz a existências que não estão sendo ouvidas por alguma razão. Quando Ferenczi se refere ao sofrimento feminino, não parece se tratar especificamente de interpretá-lo, mas de trazer luz a algo que está presente e que é ignorado. No artigo aqui tratado, ele menciona, em uma nota de pé de página, que a abstinência total é menos nociva para o sistema nervoso do que a excitação frustrada, trazendo uma compreensão diferenciada das tentativas por partes das mulheres de evitarem o

sexo. E mais para frente do texto diz da necessidade de se administrar melhor o interesse sexual feminino, convocando a todos para esse compromisso, como sendo a melhor forma de se encontrar meios para uniões baseadas na satisfação mútua, ou seja, uniões felizes. Um sofrimento que, para ele, diz respeito a todos. Um olhar sutil sobre a feminilidade.

Esse interesse em trazer compreensões diferenciadas, propor mudanças de perspectiva, mostra um comprometimento em captar jogos de linguagens latentes que podem estar a espera de um “outro”, de um interlocutor, de alguém que efetivamente possa transformá-los em jogo. Alguém que capta um jogador a espera de um parceiro, de alguém que perceba algumas das regras já propostas, mas que compreende a necessidade de estar junto no percurso para elucidação e construção das mesmas.

A ética em Ferenczi reside na sua capacidade de estar aberto aos convites para os jogos dos pacientes. Podemos nos transpor novamente para o texto *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (Ferenczi, 1932b), quando a criança é retirada abruptamente de seu jogo infantil e é lançada para um outro jogo, um jogo adulto, com outras regras, com outras relações. Ferenczi percebe essa retirada violenta e busca legitimar e dar voz para essa criança um dia silenciada.

A ética de Ferenczi está no compromisso e na sensibilidade de captar os convites mais diversos para jogar. A criatividade em perceber em alguns gestos, em alguns sinais, toda a potência relacional que pode estar aguardando para se realizar. A compreensão de que o caminho para a cura está fundamentalmente na base relacional, naquilo que se cria junto com o paciente. E esse exercício já pode ser notado desde seu primeiro texto aqui apresentado, quando capta, pelos sinais de adoecimento das mulheres, a voz de um sofrimento, que só precisava de um alguém que saísse do lugar predominantemente masculino e captasse o universo silenciado pela incapacidade de se colocar no lugar do outro. Quando convida todos para notarem o problema da ejaculação precoce a partir da perspectiva feminina, um novo jogo de linguagem está sendo proposto.

Essa “virada” de perspectiva é algo que nos transporta para sua última obra, o *Diário Clínico* (Ferenczi, 1990), na qual vamos entrar agora. O *Diário Clínico* é um texto fragmentado em pequenas partes, às vezes com título, às vezes só com data. Da mesma forma que em *Do alcance da ejaculação precoce* (Ferenczi, 1908), o texto que agora começaremos a explorar, propõe transitar numa perspectiva não usual para a época, o que permite o surgimento de vários vocabulários, exatamente como uma transposição para o universo dos seus pacientes. E, mesclado a isso, vemos um processo de autoanálise se desenvolver, quando Ferenczi descreve as suas sensações e experiências, principalmente aquelas referentes à sua relação com Freud.

Em *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (Ferenczi, 1932b), Ferenczi denomina “linguagem da ternura” a linguagem infantil, desprovida das paixões adultas. Podemos dizer que o vocabulário da ternura aparece muitas vezes em seu *Diário Clínico*, pois é a sua forma de se transportar para as experiências de seus pacientes. Acessar “a natureza profunda da criança” (Ferenczi, 1990, p.254) era a forma de captar os sentimentos mais profundos de seus pacientes.

Em uma passagem que está no final do *Diário Clínico*, o autor relata a história de uma paciente, criada somente por seu pai, depois que sua mãe o abandonou. Pai e filha mantiveram uma relação de grande amizade e, quando, a moça começa a ter relações de amizade, – tingidas de erotismo – com rapazes, seu pai a adverte e a aconselha a tomar cuidado para não se tornar parecida com sua mãe. Nesse momento, Ferenczi faz o seguinte comentário: “No fundo, era um casamento feliz entre você e seu pai” (Ferenczi, 1990, p.252).

A resposta de sua paciente a esse comentário foi uma depressão e decepção profunda:

Se também ele (eu) não me compreende, o que é que posso realmente esperar? Também ele chama a isso de um casamento feliz, quer dizer, algo que eu teria desejado. (...) a minha afirmação de ontem mostra que eu não entendi seus verdadeiros sentimentos melhor do que seu pai (Ferenczi, 1990, p.252-253).

Podemos tomar essa parte final do *Diário Clínico* como ponto de entrada: quando compreende que a leitura racionalizada, objetiva, “adultizada” dos processos psíquicos o prendia num universo que o impedia de travar uma comunicação mais profunda com seus pacientes, Ferenczi, com o seu velho ideal de “terminar a análise” (Ferenczi, 1990, p.98), empreende de forma profunda um projeto de estar e sentir com o paciente: “(...) mergulho com ela (paciente) em seu inconsciente e isso com a ajuda dos meus próprios complexos traumáticos” (Ferenczi, 1990, p.72).

Utilizar os seus próprios complexos traumáticos é mais uma forma de evidenciar a dimensão do jogo. Por um lado, quando pensamos num trabalho tradicional, pautado no que se denominou anteriormente de “máquina interpretativa”⁵⁵, o analista tenta “encaixar” seu paciente num arcabouço teórico e prático que sustente suas convicções clínicas. Por outro lado, quando pensamos em um trabalho analítico pautado na ideia de jogo, o que fica em destaque é a relação, algo que se constrói junto. Nessa construção, entram em cena as fragilidades do analista, os seus erros, pontos cegos e, de alguma forma, as suas vivências traumáticas, que também constituem pontes de conexão com o paciente.

Na empreitada de construção de pontes, podemos ver como Ferenczi se desnuda de suas vaidades e se entrega à experimentação clínica. A análise mútua, neste contexto, é um dispositivo muito utilizado.

A análise mútua, técnica apresentada no *Diário Clínico* (Ferenczi, 1990) e que aparece frequentemente no livro, é uma técnica que Ferenczi elabora no final de sua vida. Ele a questiona profundamente, visto que é algo por demais experimental, que expõe o analista a um grande constrangimento – ele mesmo confessa, em diversos momentos, as suas dificuldades em explorar tal artifício, visto que precisa expor sentimentos profundos para os pacientes – e que talvez não fosse necessário se estivesse em análise de profundidade (não somente uma análise didática, que costuma ser breve) com um profissional qualificado. Contudo, tomado por suas importantes reflexões acerca da sua relação de confiança e sinceridade com

⁵⁵ Apresentada na Introdução a tese.

o paciente, lança-se nesse experimento ousado de se colocar em posição de ser analisado por seus pacientes.

A análise mútua seria “uma extensão do relaxamento também ao analista” (Ferenczi, 1990, p.120), uma possibilidade de “diálogo dos inconscientes” (Idem, p.121) e uma capacidade de se “reduzir ao grau de criança” (Idem, p.108), “abandonar toda a técnica e mostrar-se sem disfarces, tal como se exige do paciente” (Idem, p.132).

A análise mútua é uma ferramenta extremamente experimental, que não pôde passar por depurações, visto que foi desenvolvida no período final da vida de Ferenczi. Realmente, não temos como saber como ele teria manejado esse dispositivo se tivesse vivido mais tempo, já que reconheceu os grandes impasses e problemas dessa técnica. Todavia, é inevitável reconhecer a sua disponibilidade para se colocar num plano de construção junto com o paciente, abrindo-se para um plano de experimentação que vai além da “cura pela palavra”, mas sim uma tentativa de “cura pela relação”.

Nesse período do *Diário Clínico*, mais convencido dos traumas infantis causados pelos adultos e de todas as consequências na vida de seus pacientes, Ferenczi se lança – diversas vezes por meio da análise mútua – na empreitada de entrar no universo infantil como forma de permitir para si e para o paciente uma nova experiência como criança. Ser uma criança junto de seu paciente, que compreende seu olhar sobre o mundo, oferecendo uma presença que compreende sua forma de experimentar os eventos doloridos:

“Análise de duas crianças”: certas fases da análise mútua representam, de uma parte e de outra, a renúncia completa a todo constrangimento e a toda autoridade; a impressão que se tem é a de duas crianças igualmente assustadas que trocam suas experiências, que, em consequência de um mesmo destino, se compreendem e buscam instintivamente tranquilizar-se. (...) Após a decepção sentida com relação aos pais, professores e outros heróis, as crianças ligam-se entre si e estabelecem vínculos de amizade. (Deveria a análise acabar sob o signo de uma tal amizade?) (Ferenczi, 1990, p.92).

O foco está no vínculo, na possibilidade da criança violentada encontrar alguém que a compreenda, que veja o mundo sob sua lente, já que, no passado, ela foi engolida pela violência e pelo emudecimento de suas percepções: “Na maioria dos casos de trauma infantil, os pais não têm nenhum interesse em gravar os incidentes no espírito da criança, pelo contrário: a terapêutica do recalçamento é a mais frequentemente praticada (...) silêncio de morte” (Ferenczi, 1990, p.58).

Na clínica contemporânea, ainda não conseguimos ver sucessos abundantes no que diz respeito ao desfazimento das marcas da clivagem, algo em que, talvez, Ferenczi acreditasse com sua ideia de “nova partida”⁵⁶. Vemos, entretanto, nesse trabalho empreendido por ele, a possibilidade de modificar a experiência da criança fragmentada.

A criança fragmentada traumáticamente tem como consequência uma existência fragmentada, que permanece continuamente como uma “sentinela contra o mundo exterior” (Ferenczi, 1990, p.105) se nada lhe é ofertado de diferente. Sentinela, fragmentado, que se defende sozinho da violência da qual não encontrou amparo:

Quando se perde a capacidade de suportar o desprazer, a falta de coesão vai até à fuga de ideias. (...) A cooperação dos órgãos torna-se mais fraca ou cessa; de fato, é um abandono provisório da individualidade corporal (...) uma criança é atingida por uma agressão inevitável, consequência: ela “entrega sua alma” com a convicção de que esse abandono total de si mesma (desmaio) significa a morte. (...) Aquele que “entregou a alma” sobrevive, portanto, corporalmente à “morte” e começa a reviver com uma parte de sua energia (...) cria-se, por assim dizer, na necessidade mais extrema, um anjo da guarda interno em nós, que dispões de nossas forças corporais do que somos capazes de fazer na vida ordinária. (...) Esse “anjo da guarda” é constituído a partir de fragmentos da personalidade psíquica (Ferenczi, 1990, p.72-73).

Estar com o paciente diante dessas experiências é permitir uma nova presença, que faz a sua voz emudecida falar e experimentar, pela primeira vez, a vivência de ser verdadeiramente ouvido. O caminho da análise mútua e do relaxamento foi, possivelmente, a experiência ferencziana mais profunda de tentar

⁵⁶ Apresentada na página 118.

“jogar o jogo do paciente”. Entregar-se junto a ele, na realidade das suas experiências. Não mais as ver como simples realidades subjetivas ou fantasísticas, mas sim em tempo presente, que tinha pela primeira vez legitimidade de existir:

Fomos transportados com o paciente para esse período do passado dele (...) tendo como resultado que tanto nós próprios quanto o paciente acreditamos nessa realidade, isto é, numa realidade existente no presente e não momentaneamente transposta para o passado (Ferenczi, 1990, p.57).

Tornar presente é permitir que algo exista efetivamente e que essa experiência permita que a voz que sai do paciente seja uma voz nos seus primeiros balbucios, uma língua pela primeira vez proferida. Quando uma violência é experimentada e desmentida, é como se ela não tivesse existido. Só que ela existiu e permanece latente. A criança largada, deixada só com tudo isso silenciado, aguarda desesperadamente alguém que a tire desse fosso de solidão.

Aqui penso fazer, novamente, uma ousadia e propor um possível desdobramento da teoria ferencziana. Vemos no *Diário Clínico* uma crença em retomar uma fase da vida da criança que seria pré-traumática, não fragmentada, ou seja, uma personalidade unificada; e, dessa forma, encontrar a “possibilidade de reajustar os fragmentos de sua personalidade e torná-la capaz de reconhecer, bem como de recordar, não só de forma indireta, mas também imediata, o próprio fato e as causas dessa desintegração” (Ferenczi, 1990, p.202).

Essa reintegração ainda não é algo que tenhamos conseguido alcançar de forma abrangente por meio dos nossos avanços clínicos, mas, talvez, a eficácia terapêutica buscada por Ferenczi seja “tão só” a possibilidade de uma nova partida:

A situação deve tornar-se diferente do que é propriamente traumático, para que seja possível uma outra saída favorável. O essencial da repetição modificada é o abandono da nossa própria autoridade rígida e da hostilidade que aí se oculta; o alívio que se instala depois disso já não é passageiro e as convicções assim adquiridas também se enraízam mais profundamente (Ferenczi, 1990, p.145).

(...) Recomendação da paciente O. S. : fazer reviver, por meio de perguntas muito simples, a alma que se rendeu, com tato, mas com energia, e levar lentamente esse fragmento morto ou clivado a admitir que, na verdade, não está morto (Idem, p.73).

Em outras palavras, reconhecer que a parte violentada pode renascer, dizer de seu sofrimento, é reconhecer a sua capacidade de sobrevivência. Sobrevivente este que não precisa ser mais uma sentinela constantemente armada contra o mundo externo, mas que pode tentar lançar-se ao mundo, em busca de relações que tenham a ternura sincera presente. A linguagem da ternura parece ser o caminho que Ferenczi buscou para encontrar a “nova partida”. Essa linguagem brota em abundância no seu derradeiro livro.

O *Diário Clínico* tem uma estrutura muito peculiar, o que inicialmente pode ser visto como uma dificuldade para acompanharmos o pensamento de Ferenczi. Contudo, essa estrutura peculiar, aparentemente “desestruturada”, permite despir-nos de certa mediação formal, que muitos textos possuem. Determinados artifícios de escrita, que utilizam de dispositivos cautelosos para introduzir um determinado tema, desenvolvê-lo etc., podem se tornar um elemento que distancia leitor e escritor. Isso porque o escritor, numa perspectiva tradicional, assume uma posição muito definida de interlocução com seu leitor, onde as posições de ambos ficam nitidamente demarcadas.

No caso do *Diário Clínico*, temos uma escrita despida desses recursos em que leitor e escritor tornam-se parceiros na construção do pensamento. Ferenczi fala de teoria, dos casos clínicos, das experiências pessoais como paciente, discípulo e parceiro de Freud, tudo inserido no mesmo vocabulário.

Fronteiras desses universos são diluídas e temos uma experiência de imersão nas reflexões, que nos permitem ver muitos temas ferenczianos tomarem forma e força, como uma materialização. É um texto vivo. É como que se Ferenczi estivesse convidando os seus leitores a se tornarem parte do próprio texto: as vivências subjetivas que emanam do que é lido são parte integrante do *Diário Clínico*.

Quando afirmo que o vocabulário predominante é o da ternura, isso se dá em virtude da dimensão de potência que Ferenczi atribui ao infantil. Uma janela de experimentação ampla do mundo e das pessoas:

A criança está ainda mais próxima desse sentimento do universal⁵⁷ (sem órgãos dos sentidos); ela sabe (sente) tudo, certamente muito mais do que os adultos cujos órgãos dos sentidos atuais servem, no essencial, para excluir uma grande parte do mundo exterior (de fato, todo, exceto o que é útil). Os adultos são relativamente idiotas. As crianças são oniscientes (Ferenczi, 1990, p.198).

Essa experimentação onisciente é a potência que Ferenczi parece querer reabilitar em seus pacientes, em si mesmo e em seus leitores. E para tal, precisa se despir das “idiotices” adultas e “construir junto” um vocabulário de verdadeira compreensão e libertação:

Tarefa específica: soltar os pacientes, que a paranoia psicanalítica tornava menores, obedientes e duradouramente submissos, inclusive a nós próprios, mediante uma verdadeira libertação (Ferenczi, 1990, p.205).

Questionar a posição de obediência e submissão dos pacientes e propor um reposicionamento do analista é algo que nos reconecta ao primeiro texto de Ferenczi: ele se despe das certezas e hipocrisias profissionais que aprisionam o tratamento em um dispositivo que submete o analisando à visão do terapeuta.

Uma análise “libertadora” pode ser construída por meio de um trabalho no qual o terapeuta se despe do seu conforto pautado em certezas e tenta se tornar capaz de captar a vivência do paciente:

Os sentimentos do analista entrelaçam-se com as ideias do analisado e as ideias do analista (imagens de representações) com os sentimentos do analisado (Ferenczi, 1990, p.45). (...) Assim, temos a escolha: levar realmente a sério o *papel* no qual nos colocamos como observadores benevolentes e prestimosos, ou seja, afinal de contas, fomos transportados com o paciente para esse período do passado dele (um modo de agir proibido contra o qual Freud me prevenira), tendo como resultado que tanto nós próprios quanto o paciente acreditamos nessa realidade, isto é, numa realidade existente no presente e não momentaneamente transposta para o passado (Idem, p.57).

⁵⁷ Aqui, não se trata da dimensão filosófica de universalidade, mas da experiência de onipotência do bebê e da criança, como apresentado em *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (Ferenczi, 1913a).

Retomando o texto *Do alcance da ejaculação precoce* (Ferenczi, 1908), vemos que captar a dimensão do feminino, por exemplo, é um caminho para ampliarmos o nosso alcance como terapeutas, já que desloca uma leitura predominantemente masculina de eventos psíquicos. Essa predominância masculina talvez facilite uma forma rígida que se engessa numa posição, e que não se permite ceder a uma capacidade de transitar em experimentações diversificadas da subjetividade:

Exemplo principal: o prazer da maternidade é, com efeito, o prazer de tolerar seres vivos parasitas que se desenvolvem de maneira perfeitamente egoísta às custas do próprio corpo da mãe. Analogia com isso: o sofrimento do ser humano faminto de amor cuja vista desperta o princípio feminino da vontade de conciliação. Sem que por isso me pronuncie acerca das diferenças de valores dessas duas forças naturais, parece certo que o princípio feminino, ou seja, o princípio do sofrimento, é o mais inteligente. “O mais sábio cede” (Ferenczi, 1990, p. 76).

Ceder pode ser a chave para um relaxamento que permita ao analista acessar o seu paciente de uma forma autêntica e que liberte a voz de ambos: o analista, que abre mão de seus subterfúgios “de certezas” que o afastariam da possibilidade de uma compreensão mais profunda do outro, e o paciente, que não se sente mais constrangido por um saber que se impõe e que silencia a possibilidade de uma linguagem autônoma.

Essa linguagem autônoma pode ser entendida como medida de superação das experiências do desmentido⁵⁸. O desmentido faz com que as marcas de prazer e desprazer “(...) não se inscrevam num sistema de significação que lhes garanta uma ‘comunidade’ com outros conteúdos psíquicos (...)” (Schueler Reis, 2017a, p.82). O desmentido arranca a criança de seus jogos de linguagem, fragmentando-a e retirando a possibilidade de integração de seus sentidos.

Assim, a busca pela eficácia clínica de Ferenczi pode ser entendida quando compreendemos que a psicanálise busca mais do que uma simples explicação causal para os fenômenos psíquicos (Schueler Reis, 2017a, p.84), indo além, “como

⁵⁸ A concepção de desmentido está diretamente relacionada ao trauma em Ferenczi, como vimos mais detalhadamente na Introdução e no capítulo 2.

espaço de reconciliação e reencantamento do mundo” (Schueler Reis, 2017a, p.87), possibilitando uma melhor existência para o sujeito em sofrimento:

(...) então essas lágrimas do médico e do paciente misturam-se numa solidariedade sublimada que talvez só encontre analogia na relação mãe-filho. E é isso o agente curativo que liga de forma duradoura, que cimenta, de algum modo, os fragmentos intelectuais coletados e até cerca a personalidade assim reparada de um halo de prazer de viver e de novo otimismo (Ferenczi, 1990, p.101).

Desde Freud, sabe-se que as experiências infantis são substratos importantes para a psicanálise, mas Ferenczi pode ser destacado como o clínico que se lançou à possibilidade de viver junto ao seu paciente dentro do universo e vocabulário infantis.

O mundo dos adultos é esquisito para a criança, possui códigos muito estranhos em comparação à sua forma de experimentar o mundo. Os jogos de linguagem infantis estão balizados “pelo que afeta diretamente o corpo, como as variações de tons de voz, das intensidades dos gestos, as construções imagéticas” (Schueler Reis, 2017a, p.81), enquanto que o mundo adulto “se ancora na significação circundante através da palavra” (Idem, p.81).

Os adultos que circundam as crianças captam o seu compromisso de intermediar tais estranhezas infantis. Essa intermediação se dá não somente por uma tentativa contínua de explicar e inserir a criança no mundo adulto. É preciso, também, jogar os jogos infantis, captar o vocabulário infantil como forma de validar a experiência da criança no mundo. Contudo, o vocabulário infantil não pode ser entendido somente pela sua linguagem verbal ou pré-verbal, mas por outras formas de linguagem.

Uma parte importante dos jogos infantis diz respeito à condição de vulnerabilidade e dependência da criança. É possível reconhecer a dimensão do cuidado, do afeto e do contato como formas de mediação com o mundo. Jogar com a criança é ver na sua vulnerabilidade a potência de lhe franquear uma experimentação na qual a sua corporalidade e as suas sensações são levadas em consideração.

Com o passar do tempo, o ser em desenvolvimento vai se inserindo paulatinamente num mundo que inicialmente lhe era estranho. No entanto, quando isso não ocorre paulatinamente, quando os adultos recusam os jogos infantis, a criança é lançada num mundo violentamente austero:

Pensamos que o desejo de ternura passivo deriva da dependência do bebê dos cuidados do adulto para sua sobrevivência e organização psíquica. O amor primário é, assim, uma resposta contingente ao estado de desamparo infantil. Entendemos que o amor primário (que comporta duas vertentes, o desejo infantil passivo de ternura e a resposta do adulto, geralmente a mãe) é contingente, porque a ternura e os cuidados maternos podem faltar, provocando reações violentas de ódio, clivagens egóicas, não-integração etc., tão bem estudadas por Ferenczi, Balint e Winnicott (Lejarraga, 2002, p.130).

É nessa esfera que se dá o trauma para o Ferenczi: o vocabulário infantil é desmentido, arrancado. E a criança, desapropriada de seus recursos de inserção e compreensão do mundo. Retomando a “teoria da passagem” de Davidson e revisitada por Rorty⁵⁹, seria como que uma queda de uma criança de paraquedas em uma tribo desconhecida, onde sua estada neste novo lugar lhe obrigada uma (impossível) adaptação imediata, lhe destituindo qualquer possibilidade de fazer suas leituras dos códigos e comportamentos dos membros dessa tribo. Ela é obrigada a saber de imediato seu idioma e costumes, se não lhe será tirada a vida. Esse exemplo nos ajuda a captar uma dimensão importante da clivagem: “a ameaça percebida, nesse caso, é de aniquilamento e não de castração” (Schueler Reis, 2017b, p.104).

O papel do analista, na perspectiva ferencziana, não é somente o de compreender os traumas infantis como fator etiológico das doenças psíquicas, mas como chave para a relação com os pacientes que são marcados – como todos os seres humanos – pela forma que foram inseridos no mundo adulto, e também se seus jogos infantis puderam ser vastamente vividos.

⁵⁹ Apresentada na seção (2.2).

Esta é a dimensão do jogo que buscamos evidenciar: é preciso jogar para investigar esses processos. É preciso jogar para que os vocabulários do analista e do paciente se integrem:

Nesse momento, entramos na dimensão do jogo, o analista atual enquanto objeto, fazendo parte da cena, designado, algumas vezes, por seu analisando como estando mais implicado na análise que ele próprio. Funcionando como um duplo, como um outro *eu*, pode, então, ser visto pelo analisando como a vítima fascinada pelo trauma. Desse modo, tem início um desdobramento de papéis, um desdobramento daquilo que por ocasião da clivagem dobrou-se sobre si mesmo e se ocultou. O analista se empresta ao seu paciente, não somente como ouvido, mas experimentando o impacto desse sofrimento em sua própria carne. Permitir-se ser atravessado realmente por sensações estranhas e que se tornam familiares por essa troca momentânea de lugar. Em vez da angústia, a ânsia (Schueler Reis, 2017b, p.109).

A ética de Ferenczi está aqui. Ele se permite entrar na linguagem da ternura, pois compreende que importantes experiências de seus pacientes não foram vividas em um registro adulto (mesmo que a violência os impulsionassem para tal), é preciso que os jogos infantis sejam reabilitados como meio de expressão. É necessário que se permita acessar vivências que as “traduções civilizatórias” não alcançam. Uma linguagem que foi emudecida abruptamente, quando um infante foi lançado em uma tribo desconhecida, que é o mundo adulto.

Reabilitar uma existência sucumbida é trazê-la de volta para um estágio de vulnerabilidade e plasticidade que permitem transformações profundas, e, para isso, é preciso trazer o infante de volta para um lar familiar. Mas esse lar familiar não é um tempo preciso que a teoria facilmente alcança. Os traumas profundos se dão de formas diversas e em tempos diversos da infância. Por isso encontrar um lugar de “calmaria” é uma viagem para um rumo desconhecido.

Rumo este que precisa ser investigado com amor terno, que desconhece a “luta dos sexos” e o coito adulto, permanecendo ludicamente nos jogos preliminares (Lejarraga, 2002, p.121), ou seja, nos jogos infantis. Os jogos infantis podem ser descritos por generalizações, mas, para compreendê-los em profundidade, não basta saber as suas regras teoricamente; é preciso efetivamente jogá-los, ou seja, entrar nos jogos.

Para “entrar no jogo”, também parece oportuno trazer outro elemento que se faz muito presente na fase final da teoria ferencziana, que é a questão da adaptação. Assim como os pais precisam se adaptar às crianças, Ferenczi, nos seus jogos inovadores, busca se adaptar ao universo do paciente. Acessar a linguagem da ternura é acessar os primórdios da constituição subjetiva, as formas singulares de adaptação ao mundo.

Nessa forma de se adaptar ao paciente, Ferenczi se empresta numa profunda experimentação que aponta para uma capacidade plástica de se movimentar, desprendido de supostas garantias teóricas e práticas, focado na séria missão de ouvir o sofrimento.

A eficácia clínica pode parecer um dispositivo ingênuo, mas, no empreendimento ferencziano, foi um horizonte de potência criativa e inovadora. A crença na eficácia clínica foi um ideal que norteou rumos práticos, acarretando numa capacidade adaptativa profunda de Ferenczi.

Talvez por isso, em alguns momentos, principalmente no *Diário Clínico* (Ferenczi, 1990) o leitor se sinta um pouco deslocado, pois é preciso mergulhar no texto, que, muitas vezes, está tomado pelo universo experimentado clinicamente pelo autor. O leitor também precisa jogar, se adaptar aos jogos de linguagem para estar com Ferenczi nas suas reflexões.

O que podemos chamar de uma “teoria da linguagem da ternura” em Ferenczi é algo que ficou inacabado, já que é uma temática que se encontra no final de sua obra (Lejarraga, 2002, p.121), mas todos os elementos para pensarmos sobre essa dimensão podem ser fortemente captados. Além disso, algo de inacabado sobre uma teoria dessa natureza parece inevitável, já que é um mergulho em um universo amplo, de experimentações singulares. Talvez só caibam impressões difusas, como simples orientações clínicas de como um analista deveria se orientar para uma viagem ao desconhecido no paciente e nele mesmo.

A “linguagem da ternura” talvez tenha sido uma das últimas invenções ferenczianas. Em *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (Ferenczi, 1932b), ela já aparece como um importante ponto de reflexão, mas a sua inovação como instrumento de experimentação clínica ganha uma forma mais proeminente no seu *Diário Clínico* (Ferenczi, 1990).

A “linguagem da ternura” e a ética clínica andam juntas. Isso porque a “linguagem da ternura” pode ser lida como um dispositivo que naturalmente convida o analista a questionar os seus vocabulários já desenvolvidos e se deslocar para a construção de novos vocabulários, que vão acarretar mudanças não só no paciente, mas nele também. Mudanças estas que evidenciam que a ética clínica não é um conceito a ser captado, mas uma presença – de alguma forma silenciosa – que punge as inspirações ferenczianas.

A ética clínica foi um fio condutor da leitura, mas a sua presença silenciosa aponta para um desafio central nesta tese: colocar em palavras elementos que não foram especificamente conceitualizados e que, para captarmos, precisamos nos conectar a uma dimensão mais viva do trabalho de Ferenczi. Uma parte viva que intrinca suas inspirações teóricas, clínicas e relacionais com Freud. Ou seja, que “misturam” perspectivas como paciente, analista e importante contribuidor no campo psicanalítico.

A ética em Ferenczi permanece em movimento em sua teoria, e, por isso, apresentar uma definição exata é um desafio. Conceitualizações sobre esse tema não são encontradas facilmente, nem em comentadores, nem na própria obra aqui estudada. Por essa razão, o trabalho aqui proposto não pôde se pautar em preocupações especificamente associadas a uma delimitação conceitual.

Não delimitar conceitualmente uma questão é tarefa difícil, pois não se pode cair numa imprecisão profunda, mas também não se pode deixar levar por definições que podem se tornar um empecilho no processo criativo. Uma fina nuance que indubitavelmente se fez presente como um desafio a ser trabalhado.

No entanto, o objetivo desta tese, na verdade, não é propor um “encaixe perfeito” entre jogos de linguagem e a ética clínica. Trata-se de uma ferramenta em movimento, que nos permite explorar a obra de Ferenczi, buscando evidenciar como as suas motivações éticas influenciaram suas reflexões e estiveram no cerne dos seus maiores desafios no campo psicanalítico.

Como vimos no primeiro texto psicanalítico, *Do alcance da ejaculação precoce* (Ferenczi, 1908), a plasticidade e visão crítica sobre determinados eventos guiaram Ferenczi, desde o início, e a dimensão ética nos norteou nessa investigação. O objetivo não foi esgotar a questão, mas evidenciar uma potência criativa ainda muito viva na obra do autor, tomando o trabalho de Wittgenstein sobre o jogo de linguagem como lente para tal investigação.

O jogo de linguagem foi utilizado como um dispositivo com utilidades diversas; como ferramenta que, evidenciando a dimensão pragmática, nos permite entender a linguagem como algo relacional, construída no uso proposto entre, pelo menos, duas pessoas. Também nos auxiliou na compreensão da existência de vocabulários diversos na teoria ferencziana, e como isso pôde nos ajudar a ler determinadas questões dentro dos contextos dos vocabulários propostos, ampliando, assim, a nossa perspectiva sobre alguns temas que foram sendo remodelados ao longo da obra de Ferenczi, de acordo com as modificações dos jogos de linguagens teóricos. Por fim, esteve no cerne do nosso olhar sobre a ética, na medida em que viabilizou um entendimento sobre como a dimensão do jogo foi um elemento central para clínica de Ferenczi. Ele jogava os jogos propostos por seus pacientes e, por meio desses jogos, criavam juntos seus vocabulários, que também eram fonte de inspiração para sua teoria.

5 Considerações finais

Nesta tese, as próprias considerações finais se mostraram um desafio. A sensação de trabalho inacabado parece ser um elemento inevitável no processo criativo, e decidir quais fragilidades manter e quais devemos lutar até o final para vencer é, de fato, uma tarefa árdua. Nesse sentido, fica para este momento falar de algumas dessas fragilidades que não foram superadas, como uma decisão intrincada à natureza do trabalho desenvolvido.

Aqui, permaneço num processo livre de apresentar as minhas reflexões e pontuar elementos que talvez tivessem que ter sido nomeados num período mais introdutório, mas que só se delinearão na parte final da formulação do trabalho. Certamente, as questões problematizáveis que serão pontuadas não são as únicas presentes, mas são as que consigo elaborar algumas considerações.

No período de finalização da tese, senti-me desafiada a “depurar” alguns conceitos, diante da preocupação do que poderia soar impreciso. Acredito que os termos “recalque” e “símbolo” (e simbolização) foram os mais desafiadores em tal depuração que, em muitos sentidos, teve um resultado provavelmente inacabado.

No que tange à obra de Ferenczi, nos circunda certa imprecisão de conceitos, já que as suas formulações não se apresentam numa esfera puramente metapsicológica, estando, assim, sempre misturadas com suas percepções clínicas, que acabam por ganhar destaque frente a uma preocupação quanto a possíveis equívocos conceituais.

Em alguns momentos, vemos Ferenczi falar em recalque e repressão como possíveis sinônimos, por exemplo, o que acarreta uma vasta discussão no campo conceitual. Tentei concentrar os meus esforços para permanecer no campo de discussão do recalque, que foi um instrumento de leitura utilizado neste trabalho, e decidi não entrar nos possíveis desdobramentos que acarretariam num desvio pouco produtivo dentro do escopo de estudo aqui proposto.

No que tange à simbolização, tentei diferenciá-la dentro do escopo do recalque e do seu alcance numa dimensão de clivagem e corporalidade, como as “relações simbólicas” e os “símbolos mnêmicos corporais”, por exemplo. Todavia, essa diferenciação não é uma tarefa fácil, já que o termo “simbólico” é vastamente trabalhado no campo psicanalítico, tendo tradições muito distintas, que, para serem apresentadas de forma pormenorizada, também nos levariam para rumos distantes da tese.

Definir “simbólico” de maneira resumida não é uma tarefa fácil nem na psicanálise, nem na filosofia, mas foi preciso manter o termo presente, pois tangencia, na obra ferencziana, questões centrais da tese. Então, busquei encontrar as possíveis nuances abordadas por Ferenczi, tentando focar nos temas que nos interessavam aqui, mas isso não significa que a discussão tenha sido facilmente esgotada.

A imprecisão desses termos, como dito, está diretamente ligada ao projeto ferencziano de trabalhar os conceitos de forma viva e não só teórica. Mas também podemos notar que isso provém do hibridismo dos jogos de linguagem que norteiam as suas reflexões. Seu vocabulário está estritamente ligado aos projetos centrais de Freud, mas, ao mesmo tempo, fazem germinar continuamente um olhar sobre aspectos inovadores em relação à técnica clássica.

Decisões delicadas são tomadas ao se escrever um trabalho e, certamente, optar por aceitar as fragilidades que permanecem é fruto de reconhecer o que mais nos importa no nosso processo criativo.

Ao ponderar sobre essa questão, fui captando que outros elementos também influenciam tal imprecisão. Uma tese interdisciplinar inevitavelmente irá transitar num universo muito vasto de conceitos que acarretam num impasse quanto a se é melhor nos aprofundarmos nestes conceitos ou se preferimos transitar, com alguma dose de despreensão, para que se possa fazer pontes entre os universos para os quais se propõe interlocuções.

Interlocuções que nos permitam mergulhar nesses universos sob novas perspectivas e nos lancem para novas possibilidades práticas e teóricas. Penso que

esse foi o meu norte. Tentar ver o jogo de linguagem como um instrumento vivo que me permitiu ousar nas leituras de Ferenczi. Que permitiu captar as convocações éticas, que faziam Ferenczi “saltar” para campos pouco explorados, mesmo que isso lhe custasse algumas confusões conceituais e acarretasse em afastamentos de uma psicanálise mais clássica.

A imprecisão também está na própria proposta de tese, que não busca aproximar o jogo de linguagem de Wittgenstein à compreensão de linguagem de Ferenczi, mas utilizar o jogo de linguagem como ferramenta de leitura, tendo como ótica a dimensão ética. Percurso que certamente se afasta de conceitualizações aprofundadas, mas que busca concepções investigativas que aguçam a curiosidade sobre os pensadores aqui apresentados.

Penso que o trabalho me manteve continuamente instigada neste processo pelos deslocamentos contínuos causados pelas diferenças dos jogos de linguagem nos dois autores. Um trabalho contínuo de construções de “teorias da passagem” como forma de criar pontes; pontes estas que, inevitavelmente, ampliam a subjetividade de quem investiga e o olhar acerca das diversas subjetividades que nos cercam.

Uma forma de positivar subjetividades que não se encaixam em modelos representacionais, que, entretanto, não precisam ser lidas como vivências “irrepresentáveis”, mas sob outra ótica, que toma a linguagem em outro campo que não o representacional, como, por exemplo, pelas materializações, formas de linguagens gestuais, corporais, que possuem outras lógicas.

Lógicas que a ética clínica ferencziana esteve atenta, quando se propôs a jogar o jogo do paciente, a captar o seu vocabulário; vocabulário que não é captado somente pela fala, mas por meio da relação paciente e analista, que juntos constroem e reabilitam jogos de linguagem. Jogos estes que legitimam, por meio da confiança e da troca, vivências subjetivas silenciadas.

6

Referências bibliográficas

BAND, A. *O surgimento do processo de recalçamento*. In Tempo Psicanalítico, v.37, p.39-56. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, 2005.

BALINT, M. *A Falha Básica- Aspectos Terapêuticos da Regressão*. São Paulo: Zagodini Editora, 2014.

———. Introdução, *As experiências técnicas de Sándor Ferenczi: perspectivas para uma evolução futura*. In Obras Completas de Psicanálise, vol. IV. FERENCZI, S. . São Paulo: Martins Fontes, 2011. (1967)

BANZATO, C. *Wittgenstein- Crítico de Freud*. In Fundamentos da Psicanálise: Pensamento, Linguagem, Realidade e Linguagem. GABBI JR., O.F (org.). Campinas: Coleção CLE, 1999.

BOKANOWSKI, T. *Sándor Ferenczi*. [Tradução de Monica Seincman]. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria Ltda, 2000.

BORGOGNO, F. *Psicanálise como percurso*. [Tradução de Mariana Rossi]. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2004.

CAMARA, L.; HERZOG, *Um e outro: Ferenczi e a epistemologia*. Revista Psicologia USP vol.25 no.2, São Paulo Maio/Agosto, 2014 (p.125-133).

DAVIDSON, D. *Truth and Interpretation: perspectives on the philosophy of Donald Davidson*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

DELEUZE, G. *Cinco Proposições Sobre a Psicanálise*. Traduzido do italiano por Cíntia Vieira da Silva. "Relazione di Gilles Deleuze" e discussões in Armando Verdiglione, ed., *Psicanalisi e Política: Atti del Convegno di studi tenuto a Milano l'8-9 maggio 1973*, Milão, Feltrinelli, 1973, p. 7-11, 17-21, 37-40, 44-45, 169-172.

DUPONT, J. Prefácio. In Diário Clínico. FERENCZI, S. Tradução de [Álvaro Cabral]. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FERENCZI, S. *Adaptação da família à criança*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: Obras Completas de Psicanálise, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p1-15. (1928)

———. *A elasticidade da técnica psicanalítica*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: Obras Completas de Psicanálise, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.29-42. (1929)

———. *Análises de crianças com adultos*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: Obras Completas de Psicanálise, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.79-95. (1931)

———. *Apresentação sumária da psicanálise*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: Obras Completas de Psicanálise, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.137-188. (1932a)

———. *Confusão de língua entre os adultos e a criança*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: Obras Completas de Psicanálise, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.111-121. (1932b)

———. *Consulta médica*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: Obras Completas de Psicanálise, vol. II. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.383-389. (1918)

———. *Crítica do livro de Rank: técnica da psicanálise*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: Obras Completas de Psicanálise, vol. III. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.445-454. (1926b)

———. *Crítica de 'Metamorfose símbolos, de Jung*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: Obras Completas de Psicanálise, vol. II. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.95-113. (1913b)

———. *Diário Clínico*. Tradução de [Álvaro Cabral]. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

———. *Do alcance da ejaculação precoce*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: Obras Completas de Psicanálise, vol. I. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.1-4. (1908)

———. *Fantasia gulliverianas*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: Obras Completas de Psicanálise, vol. III. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.455-474. (1926c)

———. *Fantasia provocadas*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: Obras Completas de Psicanálise, vol. III. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.261-269. (1924b)

———. *Filosofia e Psicanálise*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: Obras Completas de Psicanálise, vol. I. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.243-251. (1912b)

———. *Fenômenos de Materialização histérica (uma tentativa de explicação da conversão e do simbolismo histérico)*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: Obras Completas de Psicanálise, vol.III. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.43-57. (1919)

———. *Interpretação científica dos sonhos*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: *Obras Completas de Psicanálise*, vol. I. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.63-85. (1909a)

———. *Notas e Fragmentos*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: *Obras Completas de Psicanálise*, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011, 267-323. (1920-32).

———. *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: *Obras Completas de Psicanálise*, vol. II. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.45-61. (1913a)

———. *Ontogênese dos símbolos*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: *Obras Completas de Psicanálise*, vol. II. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.115-118. (1913c)

———. *Palavras obscenas. Contribuição para a psicologia do período de latência*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: *Obras Completas de Psicanálise*, vol. I. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.125-138. (1911)

———. *O sonho do bebê sábio*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: *Obras Completas de Psicanálise*, vol. III. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 223-224. (1924a)

———. *Para o 70º aniversário de Freud*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: *Obras Completas de Psicanálise*, vol. III. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.421-426. (1926a)

———. *Princípio de Relaxamento e Neocatarse*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: *Obras Completas de Psicanálise*, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.61-78. (1930)

———. *Prolongamentos da 'técnica ativa' em psicanálise*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: *Obras Completas de Psicanálise*, vol. III. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.117-135. (1920)

———. *Reflexões sobre o trauma – artigos póstumos*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: *Obras Completas de Psicanálise*, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.125-135. (1934)

———. *Sintomas transitórios no decorrer de uma psicanálise*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: *Obras Completas de Psicanálise*, vol. I. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.213-224. (1912a)

———. *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: *Obras Completas de Psicanálise*, vol. III. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.277-357. (1924c)

———. *Transferência e Introjeção*. Tradução de [Álvaro Cabral]. In: Obras Completas de Psicanálise, vol. I. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.87-123. (1909b)

FERENCZI, S. ; GRODDECK, G. *Correspondence* (1921-1933). Paris: Payot,1982.

FREUD, S.; FERENCZI, S. *The Correspondence of SIGMUND FREUD and SANDOR FERENCZI*, Vol. I, 1908-1914. Translated by [Peter T. Hoffer]. London: Belknap Press of Harvard University Press Cambridge, 1993.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. . Tradução de [Jayme Salomão]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vs. IV-V. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969. (1900-19001)

———. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos Tradução de [Jayme Salomão]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud X. VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969. (1909)

———. *As neuropsicoses de defesa*. Tradução de [Jayme Salomão]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud v. VIII, p.55-82. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969. (1894)

———. *Três ensaios sobre a sexualidade*. Tradução de [Jayme Salomão]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud v. VII, p. 223-252. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969. (1905)

———. *Observações sobre um caso de neurose obsessiva*. Tradução de [Jayme Salomão]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud v. X, p 157-317. Rio de Janeiro: Imago Editora,1969. (1909)

———. *O Chiste e sua relação com o inconsciente*. Tradução de [Jayme Salomão]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud v. VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora,1969. (1927)

———. *Repressão*. Tradução de [Jayme Salomão]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud v. XIV, p. 165-182. Rio de Janeiro: Imago Editora,1969. (1915)

GONDAR, J. *As coisas nas palavras. Ferenczi e a linguagem*, In: Com Ferenczi, Clínica, Subjetivação, Política, p. 112-121. SCHUELER REIS, E.; GONDAR, J. Rio de Janeiro:7Letras, 2017. (2017a)

———. *Deleuze e a Psicanálise*. In *Ética e Subjetividade*. TEDESCO,S.; NASCIMENTO, M.L. (org.). Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

———. *O analista e seus afetos*. Palestra em mesa redonda no III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, PUC-SP, 2008. Disponível em http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/iii_congresso/mesas_redondas/os_afetos_do_analista.pdf. Acessado em 07 de agosto de 2017.

———. *Interpretar, agir, “sentir com”*, In: Com Ferenczi, Clínica, Subjetivação, Política, p. 33-52. SCHUELER REIS, E.; GONDAR, J. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017. (2017b).

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. *Vocabulário de Psicanálise*. Tradução de [Pedro Tamen]. São Paulo: Martins, Fontes, 2001.

LEJARRAGA, A.L., *Paixão e Ternura – um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana*. Rio de Janeiro: Editora Faperj, 2002.

MARCONDES, D. *A Teoria dos Atos de Fala como concepção pragmática de linguagem*. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2006. 7(3): 217-230, set/dez 2006.

———. *As armadilhas da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2017.

———. *Em defesa de uma concepção pragmática da linguagem*. Gragoatá: revista dos programas de pós-graduação do Instituto de Letras da UFF, vol.10, n.18, 2005 (p. 11-29).

———. *Entrevista com Danilo Marcondes: “A LINGUAGEM É A FORMA MESMA DE INTERMEDIÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS*, por Fernando Afonso de Almeida. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras, linguística e suas interfaces, n. 40, p. 13-16, 2010.

———. *Textos básicos de Filosofia: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

———. *As armadilhas da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2017.

NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia*. Tradução de [J. Guinsburg]. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RORTY, R. *A Filosofia e o espelho da natureza*. Tradução de [Antônio Trânsito]. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

———. *Contingency, Irony and Solidarity*. New York: Cambridge University Press, 1989.

———. *Ensaio sobre Heidegger e outros: Escritos Filosóficos 2*. Tradução de [Marco Antônio Casanova]. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

———. *Objectivity, relativism and truth: Philosophical Papers 1*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

SABOURIN, P. Prefácio. In *Obras Completas de Psicanálise*, vol. IV. FERENCZI, S. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SALOMÃO, W. *Babiliaques: alguns cristais clivados*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.

SCHUELER REIS, E. *A morte do sentido e a violação da alma*. In: Com Ferenczi, *Clínica, Subjetivação, Política*, p. 78-88. SCHUELER REIS, E.; GONDAR, J. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017. (2017a)

———. *Corpo e memória traumática*. In: Com Ferenczi, *Clínica, Subjetivação, Política*, p.103-111). SCHUELER REIS, E.; GONDAR, J. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017. (2017b)

———. *Então, doutora, agora o que é que eu faço?*. In: Com Ferenczi, *Clínica, Subjetivação, Política*, p.19-32). SCHUELER REIS, E.; GONDAR, J. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017. (2017c)

———. *Ferenczi um analista atual?*. Publicado na *Revista de Psicanálise do Instituto Wilfred Bion*, Porto Alegre, Ano 1 – no.1 – abril de 1997. Disponível em <http://www.oocities.org/hotsprings/villa/3170/SchuelerReis.htm>. Acessado 07 de agosto de 2017.

SZYMBORSKA, W. *Autotomia*. Disponível em <http://revistamododeusar.blogspot.com.br/2012/02/wislawa-szymborska-1923-2012.html>. Tradução [coletiva]. Acessado em 31 de julho de 2017.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations- The German Text, with a Revised English Translation*. United Kingdom: Blackwell Publishing Ltd, 2001. (2001a)

———. *The Blue and Brown Books: Preliminary Studies for "The Philosophical Investigations"*. New York: Harper Perennial. 1965.

———. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução de [Luiz Henrique Lopes dos Santos]. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. (2001b)